

O Malho

ANO XLVIII — NUMERO 125 — JUNHO DE 1950 — PREÇO CR\$ 5,00



O Passarinho — Cuidado com os discos voadores!...



Motivos para bordar

ALBUM N.º 3

O próprio nome já indica a finalidade deste útil álbum...

Em suas páginas, coloridas, existe uma interessantíssima coleção de desenhos ao alcance das mãos femininas, à guisa de sugestão, para a execução dos mais variados trabalhos.

São pequenos enfeites... figuras variadas... monogramas... enfim encantadores motivos, de fácil execução, para uso pessoal e adorno da Lar.

PREÇO: Cr\$ 15,00

Riscos para bordar

ALBUM N.º 4

Interessantíssima variedade de riscos e modelos de trabalhos na medida da execução! Sugestões admiráveis, próprias para cama e mesa, enfeites, e de uso pessoal. Adornos graciosos para o Lar.

Album, em grande formato, com 40 páginas que todas as donas de casa apreciarão imensamente! Sugestões maravilhosas!

PREÇO: Cr\$ 20,00



Toalhas artísticas

ALBUM N.º 2

Toalhas... peças que contribuem para adorno da Lar.

Na dimensão da execução, elegantíssimos riscos para border toalhas de fino gosto! São 40 páginas, coloridas, que formam um conjunto admirável de sugestões práticas e artísticas!

Os desenhos são, todos, acompanhados de explicações claras, de fácil execução!

PREÇO: Cr\$ 25,00

O Filet

ALBUM N.º 2

Contém uma rica e variada coleção de motivos para barras de toalhas de jantar, panos para móveis, centros de mesa, paninhos, barras para toalhas de altar etc., podendo os modelos ser executados também em croche.

PREÇO: Cr\$ 15,00



O ponto de cruz

ALBUM N.º 1

Afinal apareceu o álbum de trabalhos de ponto de cruz, tão desejado! Os mais belos desenhos, no tamanho de execução, em cores próprias!

Os trabalhos deste álbum, todos coloridos, nas sugestões mais originais e encantadoras, satisfazem inteiramente!

Guarnições, "penseus", aplicações... Grande variedade de trabalhos graciosos!



PREÇO: Cr\$ 20,00



Enxoval do Bebê

ALBUM N.º 7

O enxoval da recém-nascida merece das mães um cuidado todo especial! "O Enxoval do Bebê" resolve magistralmente o problema!

Este álbum contém interessantes sugestões, que orientam facilmente a confecção de um enxoval bastante prático e, além do mais, algo gracioso, tão encantadores são os motivos de desenhos de riscos que suas páginas apresentam.

PREÇO: Cr\$ 25,00

Monogramas artísticos

ALBUM N.º 3

Quem não precisa, de quando em quando, de um monograma? Este álbum reúne em suas inúmeras páginas os mais interessantes tipos de monogramas.

Um desfile de letras, nos mais variados estilos, com possibilidades de centenas de caprichosas combinações! O mais completo álbum que existe no gênero!

44 páginas úteis e bem feitas.

PREÇO: Cr\$ 15,00

Bordados infantis

ALBUM N.º 2

A nova edição, muito melhorada, reúne em suas páginas lindos trabalhos, nas cores próprias, especialmente desenhados para o mundo infantil.

Os desenhos, todos muito práticos, são de fácil execução e foram preparados justamente no sentido de desenvolver, entre a gente miúda, o bom gosto pelo bordado.

São páginas e mais páginas que constituem verdadeira encantadia para as crianças.

PREÇO: Cr\$ 15,00



Guia das noivas

ALBUM N.º 6

Afinal... Noiva! Para aquelas que em breve concretizarão seus ideais de amor, apresentamos este álbum que é um completo manual de sugestões e conselhos, um verdadeiro colaborador das noivas na confecção das peças de um enxoval prático, elegante e encantador!

São 44 páginas contendo os mais originais desenhos e sugestões, com explicações minuciosas e completas para a execução dos trabalhos.

Gentil noiva, com este álbum o problema do seu enxoval estará resolvido!

PREÇO: Cr\$ 25,00



TODOS estes alburns são editados pela biblioteca de "Arte de Bordar" Procure nas livrarias e jornaleiros. Faça seu pedido acompanhado da respectiva importância, ou pelo serviço de reembolso postal. Pedidos à S. A. O MALHO—Rua Senador Dantas, 15 - 5º and. Caixa Postal, 880 Rio.

ele sabe dar valor às novidades



...mas
Continental
é sempre o seu
cigarro preferido

Lógico! Porque Continental mantém há
15 anos a sua suprema qualidade—e, com
razão, é o cigarro de classe mais vendido
em todo o Brasil.



Uma preferência nacional.

Cia. de Cigarros **SOUZA CRUZ**



“E hoje eu teria que trabalhar fora, se não fôsse ele...”

Bastam os cuidados do lar para encher a vida de uma esposa. A alimentação, a higiene, o vestuário dos filhos, os sustos permanentes, a sempre renovada vigilância... E a dura batalha de todo chefe de família não visa apenas o sustento do lar, visa permitir que sua esposa possa acompanhar em casa, vigilante e heróica, a educação de seus filhos... Esta presença fecunda precisa ser conservada em qualquer hipótese. Entretanto, muitas vezes o súbito desaparecimento do chefe constrange a es-

pôsa a deixar o cuidado imediato dos filhos pela obrigação de prover... Evite que isso aconteça em seu lar. O seguro de vida pode consegui-lo, garantindo a manutenção do lar, o encarecimento dos filhos. E a Sul America lhe oferece vários planos de seguros, um dos quais há de corresponder à melhor solução para o seu problema pessoal. Ouça, como a voz de um amigo, a palavra do Agente da Sul America. Ele lhe mostrará qual o plano mais adequado ao seu caso.



Sul America

Companhia Nacional de Seguros de Vida
Fundada em 1895

“O seguro é a maneira mais suave e acertada de se conseguir a formação de um patrimônio”, disse Ary Medeiros, de São Paulo, 2º colocado no Concurso Sul America.

A Sul America — Caixa Postal 511 — Rio de Janeiro
Queiram enviar-me um folheto com informações sobre o seguro.
11-JJJJ-1234567890

Nome
Data de Nascimento: dia mês ano
Profissão
Casado? Tem filhos?
Rua Bairro
Cidade Estado

PÃO DE AÇÚCAR

O passeio das sensações! Sensação de orgulho pela obra científica do homem, dominando o espaço em uma via original e seguríssima. Sensação de patriotismo por se tratar de empresa exclusivamente brasileira. Sensação de deslumbramento na contemplação do panorama da cidade maravilhosa.

RESTAURANTE E BAR

O caminho aéreo funciona diariamente das 8 hs. às 22 horas, subindo o carrinho todas as horas e meias horas certas. Passagens: Cr\$ 4,00 até o Morro da Urca e mais Cr\$ 4,00 até o Pão de Açúcar. Grátis para crianças até 1,20m. de altura. Bônus: Praia Vermelha. Ônibus: “Urca N.º 13” e “Forte São João N.º 41”. Informações pelo telefone 26-0768.

Livros e Autores

RAUL DE AZEVEDO

GASTON FIGUEIRA

ESTE notável escritor uruguaio, grande amigo do Brasil, publicou um livro interessante, *Poesia Brasileira Contemporânea, Crítica y Antologia*.

Ele traduziu admiravelmente para o castelhano versos de poetas nossos, antecedendo-os de um pequeno estudo crítico sobre cada autor.

Na magnífica antologia há poemas de Olegario Mariano, Ronald de Carvalho, Augusto Frederico Schmidt, Cecília Meirelles, Guilherme Couto, Tasso da Silveira, Gilka Machado, Cassiano Ricardo, Manoel Bandeira, Mario de Andrade, Ademar Tavares e mais duas dezenas de bardos.

ANTONIO B. SIQUEIRA

UM livro chamado de contos. O autor deve ser muito moço, e trata-se dum estréia. Não há a desanimar, embora o volume apresente apenas um esforço.

O Sr. Antonio B. Siqueira, com a sua obra *Contos da minha terra* não chega mesmo a ser um regional. É preciso ler muito, estudar bem o idioma, criar um estilo, ter uma idéia, e ainda será um escritor.

HELIO CHAVES

MAIS um novo livro desse poeta e escritor, *A Canção da Vida*. São poemas, alguns de rebelia. O autor é um revoltado, e julga que isto que aí temos não é a verdadeira democracia. Quer mostrar no verso a realidade social, e o que ela deve ser.

Trata-se dum moço de talento e trabalhador.

Não estamos de acordo muitas vezes com esse moço de talento. Ele sonha com a rendição nacional. Quem sabe se ela um dia virá, desde que Deus é brasileiro.

É um longo poema que termina assim:

O mundo dá valor aquilo que se
[alcança,
Com sacrifício e dor, com energia e
[pranto!

“MODA MASCULINA”

EDITADA pelas Indústrias de chapéus “Dante Ramenzoni”, S. A., de S. Paulo, acaba de ser lançada uma nova e interessante revista para homens, versando assuntos diversos, especialmente a indumentária e seus detalhes.

“Moda Masculina” obedece à orientação jornalística de Roberto Arcuri de Oliveira, que lhe deu feição moderna e atraente.

O semanário do primeiro número é bem escolhido e “Moda Masculina” certamente fará carreira. Como publicação especializada, é uma revista de se lhe tirar o chapéu...

CASEMIRA E TROPICAL

PERI PERI

"O PANO QUE NÃO ACABA"

UM ACONTECIMENTO NOTAVEL Para as donas de Casa!

Um curso gratuito de CORTE e ALTA COSTURA, com direito a diploma, ministrado em seu próprio lar, através das ondas da **RADIO NACIONAL**, pelo METODO "TOUTEMODE", e dirigido pelo seu autor, o prof. J. Dias Portugal.

Tôdas as terças-feiras, das 14,30 às 15 horas.

Adquira o material, livro e esquadro **TOUTEMODE**, e faça a sua matrícula. Informações e pedidos às Academias "TOUTEMODE" — Rua Ramalho Ortigão, 6 — 1º and. — Rio.

Telefone: 22 - 6835 — Endereço telegráfico "Toutemode" — Rio

Cobranças na Bahia

Cobranças de contas, liquidações, cobranças nas Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, Procuradoria em geral na Bahia — DR. CARLOS SPINOLA

Caixa Postal n. 882 — BAHIA — Garantia absoluta

O MALHO

MENSARIO ILUSTRADO

Edição da S. A. O MALHO

Diretores : ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA
OSWALDO DE SOUZA E SILVA

ANO XLVIII — NÚMERO 125

JUNHO — 1950

PREÇO DAS ASSINATURAS

Seis meses	Cr. \$30,00
Um ano	Cr. \$60,00
Número avulso	Cr. \$5,00
Número atrasado	Cr. \$6,00

EM TODO O BRASIL

Redação e Administração

RUA SENADOR DANTAS, 15 — 5.º andar
Caixa Postal, 880 — Tels. 22-9675 e 22-0745

End. Teleg.: O MALHO

ESTE NÚMERO CONTÉM 74 PÁGINAS

ACHEI...
a solução
do seu
caso

LOÇÃO PHENOMENO
o Tônico capilar
por excelência




As crianças adoram "Tiquinho,"
a revista infantil diferente.

Dê também, hoje, ao seu
[garotinho,
a revista dos tiquinhos de
[gente.

A OPINIÃO DE UM ASTRÔNOMO SOBRE OS DISCOS VOADORES

PARECE-NOS que prestamos um grande serviço ao público, em sua maioria composto de indivíduos crédulos, transcrevendo para aqui o que disse o astrônomo Ferhubach, diretor do Observatório de Marselha. Ele achou muita graça à declaração de um piloto americano, que virá um "disco voador" de 13 metros de diâmetro e de 3 metros de espessura, que disparou numa velocidade incrível, ao ser "perseguido" pelo avião...

— Para nos astrônomos — disse o sábio — não existem discos voadores, mas apenas bólidos. Em minha opinião, o fenómeno é real, mas não se trata, em absoluto, de aparelhos ou de engenhos de guerra. Trata-se, unicamente, daquilo a que o povo chama "estrelas cadentes", corpos que circulam no espaço, de diâmetro variável, e que deixam atrás de si um rastro luminoso, refletindo ondas de radar. Eu lobriguei, em 13 de dezembro de 1948, ao sul do lago de Genebra, um desses bólidos. Dirigia-se para os Pirineus Orientais e desapareceu depois de haver percorrido 50 km. em 7 segundos, a uma altura de 110 kms., ao aparecer, e de 60 kms., ao desaparecer. A velocidade de semelhantes corpos pode atingir de 140.000 a 150.000 kms.

PILULAS



(PILULAS DE PAPAINA E
PODOPHYLINA)

Empregadas com sucesso nas molestias do estomago, figado ou intestinos. Essas pilulas, além de tónicas, são indicadas nas dispepsias, dor de cabeça, molestias do figado e prisão de ventre. São um poderoso digestivo e regularizador das funções gastro-intestinaes.

A VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS

Depositaris:

JOÃO BAPTISTA DA FONSECA

Vidro Cr\$ 2,50 - Pelo Correio 3,00
Rua Acre, 38 — Rio de Janeiro

ALENCAR E VIGIL

A obra de José de Alencar é lícito dizer, como se tem dito, constituir uma das grandes glórias nacionais. Imaginação poderosa, delicada sensibilidade, cultura forte e magnifico estilista, Alencar vem tendo, de parte das Edições Melhoramentos, a homenagem de republicação de todos os seus esplêndidos livros. Agora, por exemplo, surgiu "O ermitão da Glória", bela crônica dos tempos coloniais. Também de valor são as páginas de Constâncio Vigil, igualmente editoradas pela Melhoramentos. Destaquemos, aqui, do consagrado escritor de lingua espanhola, "Amar é viver" e "Reflexões cristãs", em formosos volumes.

COMO EVITAR O ENGASGO

Comer devagar é um dos preceitos de boa alimentação. Quando se ingerem apressadamente alimentos sólidos ou líquidos, póde alguma partícula penetrar na laringe, sobrevivendo a sufocação, a que se chama vulgarmente "engasgo".

Livre-se do engasgo, comendo e bebendo devagar. — SNES.

PEITORAL
de **ANGICO**
Pelotense

TOSSES
BRONQUITES
ROUQUIDÕES

EXIJAM SEMPRE
THERMOMETROS PARA FEBRE
"CASELLA LONDON"
HORS CONCOURS

CENTRO LOTERICO
distribue verdadeiras fortunas
em bilhetes e apolices vendidos
em seu balcão,
na TRAVESSA DO OUVIDOR, 9



Orf - Léne

NÃO MANCHA
e tinge melhor o

Cabelo Branco

É o produto que supéra e
que melhor o tinge; em

- 1 Preto
- 1 1/4 Preto azulado
- 1 1/2 Castanho escuro
- 2 Castanho escuro cinza
- 2 1/2 Castanho pouco escuro
- 3 Castanho meio escuro
- 3 1/2 Castanho meio escuro cinza
- 4 Castanho natural
- 4 1/4 Castanho bronzeado
- 4 1/2 Castanho cinza
- 5 3/4 Castanho dourado
- 5 Castanho claro
- 5 1/4 Castanho claro cinza
- 5 1/2 Castanho claro acajú
- 6 3/4 Castanho claro dourado
- 6 Bronzado escuro
- 6 1/4 Louro escuro
- 6 1/2 Bronzado claro
- 6 3/4 Louro
- 7 Louro-Cinza
- 8 Louro-acajú
- 8 1/4 Acajú forte
- 9 1/2 Vermelho-fogo
- 9 Louro-claro
- 9 1/4 Ouro-palha
- 9 1/2 Ouro-em-fogo
- 10 Louro-ouro

PARA ALOURAR, CABELO ESCURO,
USE: HYDRO-VENE

Dr. UBALDO VEIGA

Especialista em doenças da pele
e sífilis

Chefe desta clinica na Benefi-
cencia Portuguesa

CONSULTAS

Rua do Ouvidor, 183-5. - S. 504
Nas 2as., 4as. e 6as. - Das 16 às 17,30

Galeria Santo Antonio

Rua da Quitanda, 25
ESPECIALISTA EM RESTAURA-
ÇÕES DE QUADROS A ÓLEO



Todos pedem, todos desejam
"Tiquinho", a revista infantil.
— Nós queremos "Tiquinho" — repetem
as crianças de todo o Brasil

O HOTEL SILENCIOSO

PRÓXIMO de
Lowestoft, na
costa oriental da
Inglaterra, havia
há tempos uma
estranha hospeda-
ria.

Tanto no local
como no jardim
que rodeava o
pequeno hotel
não se devia pro-
nunciar uma uma
só palavra: era
terminantemente
proibido.

Ali não se ou-
via o mais leve
ruído; imperava
o mais absoluto
silêncio.

As ordens se
comunicavam por
escrito; os ca-
mareiros e os
serventes, todos,
deslizavam cal-
çados de feltro;
as carruagens não
podiam aproxi-
mar-se a menos
de cem metros
da casa; não ha-
via piano nem
telefone, nem si-
netas, nem cam-
painhas.

O silencioso ho-
tel era muito fre-
quentado, espe-
cialmente por
literados e sa-
bios, que encon-
travam ali o am-
biente ideal, pro-
pício ao recolhi-
mento e à inspi-
ração.

A clientela era
suficiente-
mente numerosa
e distinta.

Durante vários
anos o proprietá-
rio ganhou muito
dinheiro; o negó-
cio ia cada vez
melhor...

Mas um dia...

Um dia o hote-
leiro se deixou
seduzir e,
num momento
de fraqueza, con-
sentiu em admi-
tir senhoras.

Desde aquele
dia, foram in-
fringidas as re-
gras da casa.
Acabou-se o si-
lêncio e... aca-
bou-se, depois, a
vida do hotel.

O MEU
SEGREDO!



O uso das PASTILHAS MINORATIVAS
restituiu-me a alegria e bem estar.
Esse produto é um laxativo suave
para todas as idades.

Siga o meu conselho e tome

Pastilhas

MINORATIVAS

CONTRA A PRISÃO DE VENTRE



ACIDO URICO



REUMATISMO



ARTRITISMO



GOTA

LYTOPHAN



CABELLOS
BRANCOS
QUÉDA
DOS
CABELLOS

**JUVENTUDE
ALEXANDRE**



"Tiquinho" é lindo, adorável,
tem tudo, tem coisas mil.
Todos dizem que é formidável
essa nova revista infantil.

ALUGAM-SE CHAPÉUS...

NÃO se trata de uma dessas casas de aspecto sórdido onde se alugam roupas, mas de uma empresa granfina em organização na capital parisiense.

Depois da guerra as parisienses voltaram ao uso do chapéu, no que aliás têm razão, pois é incontestavelmente um poderoso aliado na beleza feminina. Se os chapéus já eram caros, agora, com a inflação, estão custando uma fortuna e, por maior que sejam os recursos poucas mulheres se conformam em pagar entre oitocentos a mil francos por um chapéu para usá-lo duas ou três vezes durante a estação.

A solução seria não comprá-lo ou... pedi-lo emprestado mas isso, além de desagradável é, às vezes, impossível.

Mas, atualmente, por iniciativa da condessa de la Moissoniere, está sendo criado um serviço especializado. Basta discar um determinado número e marcar hora. Depois, a freguesa poderá escolher o modelo que lhe convém entre uma variada centena deles.

A assinatura por dois meses custa cinco mil francos e dá direito a dois chapéus por semana. Por dia, o aluguel varia entre 350 a 1.000 francos. Os modelos são executados por excelentes chapeleiras e podem acompanhar toaletes das melhores casas, pois possuem o bom gosto e o "chic" que só em Paris existem. O serviço destina-se a uma clientela selecionada e resolverá, por certo; muitas situações embaraçosas. Mas já a Câmara Sindical da Moda, defendendo seus interesses, está opondo uma série de entraves...

Edições De Valor

EM seu grande movimento editorial, acaba de publicar a Melhoramentos de S. Paulo os seguintes trabalhos: "Salambô" e "A educação Sentimental", de Flaubert, o estilista que penetrava os meandros da alma humana e, sob forma artística de alta beleza, lhes mostrava as mazelas, como o cirurgião que empunha o bisturi contra corpos suspeitos de gangrena: "Franz Schubert e seus alegres amigos", onde resurge a figura suave do genial compositor através de sua obra harmoniosa e de sua vida palpitante de peripécias; e "Histórias, Talvez...", de Guilherme de Almeida, o aplaudido poeta, que aí aparece em páginas de prosa. Cumprimos a Melhoramentos pela soberba apresentação de "Salambô", "A Educação Sentimental", "Franz Schubert e seus alegres amigos" e pela delicadeza de Histórias, Talvez..."

PÓ DE ARROZ RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
FINO ADERENTE E INVISÍVEL
À VENDA EM TODA A PARTE

**Caspa ?
Petroleo
Soberana**

VINOVITA

TONIFICA O SANGUE
ESTIMULA O CEREBRO
DÁ ENERGIA AOS MÚSCULOS

A Cana de Açúcar

A indústria é filha da máquina; por isto mesmo, produz em grande quantidade, fazendo-o com rapidez incrível, imprimindo perfeição à peça produzida em grande escala.

Mas a indústria não é orgulhosa, e por isto, não nega que os seus laboriosos avós foram as velhas manufaturas que, durante milênios fizeram o possível para bem servir a Humanidade. Essa manufatura, por vezes, lançara mão do fogo para cosimentos e retemperação do ferro.

Pois bem, um processo de manufatura assim veio a nosso Brasil em dias remotos; foi ela a responsável pela fixação do súdito português ao solo da futura Patria — o Brasil.

O fabrico do velho açúcar, é essa manufatura, que tem no plantio da cana o seu ponto de partida. A radicação do súdito ao solo, caso de que referimos acima, é justamente por causa desse plantio.

Se, porém, o açúcar começa no canavial, vemo-lo terminar seu trajeto no cozimento, tarefa antecidida pelas moagens, realizada com as mais variadas entrozias, afirmadoras do engenho humano.

A denominação de ENGENHO traspassada para a propriedade vem exatamente do engenho revelado nas entrozias.

O açúcar que são desses ENGENHOS passa a ter força e grau nos domínios econômicos da então Colonia e também no Mundo.

As chaminés os boeiros dos velhos Engenhos foram as balizas marcadoras do polígono de trabalho manufatureiro da velha colonia demarcando o outro polígono da industria posterior.

A cana, de onde provem o açúcar é orientalíssima e tanto quanto o café que mais tarde a desbancou na hegemonia econômica de nossa Terra.

Percorrendo trajetória heroica, a cana veio a nosso ambiente tornando-se tão nacional quanto as demais plantas que aqui tiveram o seu grande Habitat.

Vêio mais tarde a Usina, a moderna fábrica de açúcar e a cana crioula sucederam outros tantos tipos destinados a maior rendimento sacário do que os tipos anteriores, inclusive a Caiana deliciosa de nossos paladares quando feita em caldo de cana.

Se o açúcar não é o zimbório do edifício econômico do País, podemos afirmar que é uma de suas colunas mais sólida e mais resistente.

**GRIPES
RESFRIADOS
NEURALGIAS**



**DORES
de CABEÇA**

TRANSPIROL



Todos querem, todos pedem
a revista bonita: "Tiquinho".
Compre uma e terá garantida
a alegria do seu garotinho.



BUSTO *PERFEITO!*
Hormo Vivos

Produto científico para embelezar os seios
O Hormo Vivos n.º 1 é aconselhado para
os seios pequenos ou flácidos (moles) e
o Hormo Vivos n.º 2 para os seios
grandes, volumosos.

Inofensivo à saúde - Fórmula de absoluta confiança

ARTIGOS PARA ESPORTES

Futebol, Basquetebol, Voleibol, Tênis e Patins —
Roupas de banho — Calçados Tênis e Encordoamen-
tos de Raquetes.

CASA SPANDER

120 — RUA BUENOS AIRES, 120 — TEL. 23-5403

PEÇA CATALOGO GRATIS

REMESSAS PELO REEMBOLSO POSTAL

Codeinol

CONTRA BRONQUITES, ASMAS, TOSSES, ROUQUIDÃO E COQUELUCHE
— nunca falha! —

CORPO ESBELTO E FACEIRO...

VINHO CHICO MINEIRO

Não! não faça regime para emagrecer. Tome de hoje em diante Vinho Chico Mineiro, usado há mais de meio século! A perda de peso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

A venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquiagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(EXIGIR A EMBALAGEM VERDE)

E lembre-se que o segredo de uma linda cabeleira sem caspas é

CABELOS BRANCOS está em

EUTRICHOL ESPECIAL

Experimente-o e verá

MULTIFARMA:

PRAÇA PATRIARCA, 26 — 2.º — S. PAULO
Remessa pelo Reembolso Postal

AS LANTERNAS

Em certas regiões da China, um antigo costume obriga os médicos a colocar uma lanterna à porta de sua casa cada vez que morre um dos seus clientes.

Um estrangeiro chegado há pouco em Tung-Chan-Sein, viu-se uma noite na necessidade de procurar socorro para sua esposa, atacada duma indisposição repentina. Começou sua busca dirigindo-se à casa d'um doutor que lhe haviam indicado, mas ante a porta do mesmo havia tal quantidade de lanterninhas, que o estrangeiro, sabendo o que isto significava, renunciou a solicitar seus serviços.

Seguiu adiante, fiando-se na sorte. Chegou à residência de vários médicos, mas de todos fugiu impressionado pelo grande número de lâmpadas que havia em suas portas. Finalmente encontrou uma casinha habitada por um, ante a qual so havia quatro lanternas. Chamou e rogou ao doutor que fosse visitar sua esposa, ao que este acedeu prontamente. Quando no caminho o estrangeiro felicitou o médico pelo pequeno número de luzes que havia em sua porta, este respondeu:

— Não há nada de estranho. Instalei-me ontem nessa cidade.



Bem penteado
A TODAS AS HORAS
GRAÇAS A
GOMALINA EXCELSIOR
Deposito: Rua Souza Dantas, 213
RIO

BRONZISOL ANTISOLAR

De Mme. Campos

FIXA UM LINDO BRONZEADO NATURAL

A VENDA EM TODA A PARTE

A PROPÓSITO DE GUARDA-CHUVA

Um cavalheiro havia perdido seu guarda-chuva. Escreveu a um amigo em cuja casa julgava tê-lo esquecido:

"Meu caro amigo, queira ter a bondade de me mandar o meu guarda-chuva, que penso haver deixado aí".

Mas, notando que o parâguas jazia pendurado a um de seus braços, fechou a carta com este post-scriptum:

"Não precisa mais incomodar-se com o meu guarda-chuva. Achei-o neste momento".

DR. OSWALDO SERRA

da Faculdade Nacional de Medicina.

DOENÇAS DA PELE E SIFILIS.

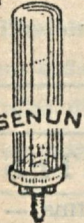
Tratamento especializado da cutis, cravos, espinhas, manchas da pele, verrugas, sinais congênitos (nevus), extração de pêlos da face.

Tratamento de varizes, úlceras, eczemas crônicos e alérgicos urticárias, doenças dos cabelos e unhas.

Tratamento dos angiomas e cânceres da pele, pelo RADIUM (Radioterapia).

ONDAS CURTAS, ULTRA-VIOLETA, INFRA-VERMELHO, NEVE-CARBONICA, DIATERMIA, RADIUM.

Consultório — Rua 13 de Maio, 23 — Edifício Darke 7.º andar, salas 723/4
Consultas diárias das 16 às 19 horas exceto aos sábados



AGUA PURA SAUDE SEGURA
SO' COM VELAS ESTERILISANTES
SENUN

MAGICOS

UM LIVRO RARO DE TRUQUES FACEIS E INTERESSANTES



Divirta seus amigos com o livro O MAGICO DAS SALAS do notável prestigitador Prof. Aronack. Prefaciado por 12 ilusionistas de reputação mundial.

— Em todas as livrarias —

Pedidos por cheque ou vale postal a S. Barok — Caixa Postal 32 — Rio —

Preço do exemplar Cr\$ 150,00

UM BOM COLÉGIO
NO CORAÇÃO DE BOTAFOGO

INSTITUTO JOSE' BONIFÁCIO

JARDIM-PRIMÁRIO-ADMISSÃO.
RESERVE JÁ SUA MATRICULA NO
TURNO DA TARDE E NO ÔNIBUS

RUA BAMBINA 146

TEL. 26-9633

BOTAFOGO

RELATÓRIO APRESENTADO PELO DR. OVIDIO DE ABREU PRESIDENTE DO BANCO DO BRASIL

À ASSEMBLÉIA GERAL REALISADA EM 27 DE ABRIL DO CORRENTE ANO

Srs. Acionistas,

Cumprindo preceito legal e de acordo com o art. 35, número 6, dos Estatutos, temos a honra de submeter à vossa apreciação as contas do exercício de 1949, com um relato dos principais fatos ocorridos. Assumindo a presidência do Banco do Brasil em 29 de julho de 1949, em virtude de Decreto de 26 do mesmo mês, do sr. Presidente da República, procuramos orientar-nos no sentido dos interesses do Banco e do País, em harmonia com a política econômico-financeira adotada pelo Governo.

É com prazer que salientamos o constante apoio que o sr. Presidente da República, General Eurico Gaspar Dutra, tem dispensado ao nosso Instituto, cujo desenvolvimento acompanha com real interesse.

Do sr. Ministro da Fazenda, Dr. Manoel Guilherme da Silveira Filho, que por largo período, com brilho e dedicação, administrou este estabelecimento, tem merecido o Banco, igualmente, preciosa atenção.

Desejamos ressaltar a atuação profícua dos nossos colegas, Diretores Pedro Demosthenes Rache, Jorge de Toledo Dodswoth, Alberto de Castro Menezes, Walther Moreira Salles, Marino Machado de Oliveira, Pedro de Mendonça Lima e General Anápio Gomes, aos quais deve a nossa Casa assinalados serviços.

O Conselho Fiscal, composto de destacadas figuras de nossos meios financeiros, senhores João Daudt d'Oliveira, Carloman da Silva Oliveira, Argemiro de Hungria Machado, Pedro de Magalhães Corrêa e José Mendes de Oliveira Castro, além de desincumbir-se de suas atribuições, prestou à Administração cordial e valiosa cooperação.

Com esse apoio e essa colaboração, procuramos desde logo entrar no exame de questões palpitantes que reclamavam solução.

Uma delas foi a referente às dívidas dos pecuaristas, na qual, como é sabido, o Banco é grandemente interessado. Os criadores e recriadores em dificuldade eram em número reduzido, relativamente ao dos componentes da classe, mas os embargos com que lutavam tornaram-se tão sérios que vinham afetando a economia de diversas zonas.

O Banco do Brasil, tendo em vista o empenho do sr. Presidente da República em corrigir a situação, calborou com a Câmara dos Deputados, por intermédio de sua Comissão de Finanças, no sentido de ser encontrada fórmula capaz de resolver o problema. Resultou desses esforços a Lei n.º 1.002, de 24 de dezembro de 1949, que concedeu novo prazo de 10 anos para o pagamento de 50% das dívidas e a transferência para a responsabilidade da União dos outros 50%, à medida que efetivamente resgatada a parte a cargo dos devedores. A quota que a União assumir será liquidada também em 10 anos, mediante a entrega de apólices aos credores, nos vencimentos das prestações.

A Lei promoveu o desalço da situação dos pecuaristas pela redução de suas dívidas à metade e preservou o princípio da pontualidade na satisfação dos compromissos, base do crédito bancário, ao mesmo tempo que evitou a emissão imediata de vultosa quantia em apólices.

Ainda em consequência dessa Lei, que regularizou em definitivo a situação dos pecuaristas, determinamos o início de estudos tendentes a restabelecer as operações do Banco com aqueles clientes.

Em novembro de 1949, propusemos ao Governo a reforma do Regulamento da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial, a fim de possibilitar o incremento de empréstimos aos criadores, o que, como se verá adiante, está em via de execução.

Outra questão objeto de imediatos cuidados da Diretoria foi a revisão dos limites de operações das Agências, pois, embora tivesse havido uma elevação geral de 40% em 1948, era evidente que muitas não vinham podendo atender convenientemente aos negócios das respectivas regiões, sendo que várias delas se mantinham mesmo no regime de déficit.

Essa revisão, que obedeceu ao critério das possibilidades econômicas das diversas zonas, ampliou a capacidade das Agências de efetuar empréstimos à produção em volume de Cr\$ 1.457.020.000,00, atingindo Filiais localizadas em todos os Estados.

Problema relevante e intimamente ligado também aos interesses do Banco, e que mereceu nossa imediata atenção, foi o aumento de vencimentos do funcionalismo. Adotadas as indispensáveis medidas para garantir a obtenção dos recursos necessários a esse encargo do caráter permanente, encontrou-se uma fórmula que correspondeu plenamente às conveniências dos funcionários e do próprio Banco, concorrendo para um ambiente de trabalho agradável e profícuo, e que consistiu na promoção de quase todo o funcionalismo ao cargo efetivo imediato e na reestruturação dos quadros, fazendo-se o simples aumento de vencimentos apenas em relação a determinadas categorias.

Paralelamente, foi modificado o regime de remuneração dos cargos de administração nas Filiais, de modo a interessar neles funcionários mais antigos e experientes, em benefício do próprio Banco.

Muitos outros assuntos de maior relevo, que escapavam à rotina dos negócios, foram resolvidos pela Diretoria, destacando-se o financiamento dos estoques de açúcar nos Estados produtores; o fornecimento de recursos aos moinhos para aquisição oportuna da produção nacional de trigo; o adiantamento de importantes verbas ao Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, para as obras da rodovia Rio-São Paulo; os empréstimos a várias Unidades Federadas, destinados a obras de interesse público.

Assim também foi deliberada a elevação da base de adiantamento sobre café, atendendo aos reclamos dos produtores e comerciantes, que desejavam ver assegurada a estabilidade dos novos preços, para tranquilidade da economia cafeeira.

A administração se preocupa com alguns outros problemas de importância para o bom andamento dos negócios e serviços do Banco, como a construção de um edifício capaz de abrigar todo o aparelhamento da Direção Geral e a criação de um curso para aperfeiçoamento dos administradores das Filiais. É óbvio o inconveniente da situação em que se encontram os serviços da Direção Geral, espalhados por vários edifícios. Luta-se com má acomodação, e a falta de espaço cria dificuldades aos trabalhos, inclusive da Agência Central.

Pretendemos resolver esse antigo problema, dando ao Banco do Brasil sede condigna e adequada sob todos os pontos de vista. As primeiras providências para isto já estão em curso, visando à aquisição de terreno que preencha os requisitos necessários.

A par dessas e outras preocupações, não descuidamos de manter as tradicionais e estreitas relações com o Tesouro Nacional.

Examinando as operações do Banco, verifica-se logo a preponderância das que se relacionam com o Governo Federal, fato que se harmoniza perfeitamente com a função de banco oficial que sempre exerceu o nosso Instituto. Para se avaliar a extensão das relações do Banco do Brasil com a União, basta citar as seguintes atribuições que lhe foram confiadas pelo Governo: — agente financeiro da União (recolhimento das receitas, abertura de créditos e movimento de fundos por todo o território nacional);

- execução e controle, por conta do Governo Federal, das operações de câmbio em todo o País;
- controle das exportações e importações, mediante o serviço de licença prévia;
- operações de redesconto bancário;
- agente financeiro da Caixa de Mobilização Bancária, que tem por finalidade proporcionar empréstimos especiais a bancos cujos encaixes tenham caído de nível em virtude de anormais retiradas de depósitos;
- fiscalização bancária, no que respeita a operações de câmbio;
- controle e liquidação de bens dos súditos dos países que estiveram em guerra com o Brasil;
- compra de ouro (20% da produção das minas nacionais);
- operações especializadas de assistência ao comércio exportador e importador;
- operações especializadas de crédito agrícola, pecuário e industrial;
- operações de defesa de mercados de produtos agrícolas.

Trata-se de funções as mais heterogêneas, que correspondem virtualmente às de todo um sistema bancário. Levá-las a cabo, pela forma por que o tem conseguido fazer, é serviço relevante que o Brasil presta ao País.

Para poder enfrentar os riscos e ônus decorrentes das múltiplas tarefas, que é chamado a desempenhar, como banco oficial, em benefício da coletividade nacional, era indispensável ao Banco acumular recursos ponderáveis.

Conseguiu-o nos 44 anos de sua existência, graças à orientação segura das administrações que nos precederam e à compreensão, que sempre predominou nesta Casa, de que sua função transcende a de uma simples empresa mercantil, para se confundir com a de poder público.

Assim é que, por meio da não distribuição de parte dos lucros obtidos, se elevaram os recursos próprios do Banco, dos 20 mil contos de capital com que se instalou, na sua fase atual, a 5 de julho de 1906, a Cr\$ 2.993.782.000,00, a quanto montam o capital atual (Cr\$ 100.000.000,00) e as reservas acumuladas, às quais se poderiam acrescentar ainda Cr\$ 1.091.741.000,00, referentes ao líquido das "contas de resultado pendente", em 31 de dezembro de 1949, que também constituem valores pertencentes ao Banco.

A esses recursos próprios vieram juntar-se capitais de terceiros, confiados ao Banco em depósito ou a outro qualquer título, os quais somavam, em 31 de dezembro findo, Cr\$ 32.032.199.000,00.

Ao findar o ano, tinha, pois, o Banco à sua disposição fundos no total expressivo de Cr\$ 36.117.722.000,00, provenientes das seguintes fontes:

	Cr\$
do Tesouro Nacional, de Estados e Municípios e de outras entidades públicas	15.891.431.000,00
de outros bancos	5.261.098.000,00
do público em geral	9.134.972.000,00
de diversas outras origens	1.744.698.000,00
total dos capitais de terceiros	32.032.199.000,00
recursos próprios, inclusive "contas de resultado pendente"	4.085.523.000,00
total geral	36.117.722.000,00

A posse desses volumosos recursos é que tem permitido ao Banco prestar ampla assistência financeira aos Poderes Públicos, bem como amparo a todas as classes produtoras, ao comércio e a particulares.

Note-se, porém, que não o faz com o único objetivo do lucro. Ao contrário, realiza muitos de seus empréstimos, em volume considerável, a juros baixos, como 6%, nos adiantamentos ao Governo Federal, e 7%, nos financiamentos rurais feitos pela Carteira de Crédito Agrícola e Industrial. Mantém, ainda, muitas Filiais deficitárias com a preocupação de levar o benefício do crédito bancário, especialmente em favor das classes rurais, a zonas onde os estabelecimentos de crédito privados não consideram interessante instalar-se.

Ao findar o ano próximo passado, as aplicações de fundos feitas pelo Banco distribuíam-se como segue, em grandes verbos:

	Cr\$
Empréstimos de várias modalidades concedidas ao Tesouro Nacional	18.703.539.000,00
Empréstimos a Estados e Municípios	1.588.972.000,00
Empréstimos a outras entidades públicas	1.044.640.000,00
Empréstimos a bancos, inclusive os de conta da Caixa de Mobilização Bancária (Cr\$ 1.890.161.000,00), e títulos descontados a bancos por conta da mesma Caixa contabilizados em "Títulos Descontados" (Cr\$ 475.802.000,00)	2.365.963.000,00
Empréstimos da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial a agricultores, pecuaristas e industriais	5.656.479.000,00
Empréstimos ao público em geral, pela Carteira de Crédito Geral e de Exportação e Importação	7.334.876.000,00
Outras aplicações (imóveis, etc)	1.350.859.000,00
Dinheiro em Caixa	1.352.128.000,00
	39.397.456.000,00

O exame desses dados revela que o Banco do Brasil, cumprindo sua missão de banco oficial, tem destinado apreciável parcela de seus recursos às operações com os Poderes Públicos, facilitando, assim, a execução dos programas de obras de interesse coletivo. A demonstração abaixo, referente às operações realizadas em virtude de sua qualidade de banco oficial, também esclarece este ponto:

	Cr\$
— empréstimos ao Tesouro Nacional, a Estados, a Municípios, a outras entidades públicas e a bancos (na maioria como agente financeiro da Caixa de Mobilização Bancária)	23.703.114.000,00
— depósitos recebidos do Tesouro Nacional, de Estados, de Municípios, de outras entidades públicas, de bancos e outros depósitos compulsórios	21.152.529.000,00
diferença	2.550.585.000,00

Vê-se, assim, que, a despeito do volume a que atingiram, os recursos normais do Banco não foram suficientes para fazer face aos pedidos de crédito que tivemos de atender, partidos tanto das classes produtoras como dos órgãos oficiais. O Banco foi buscar na Carteira de Redescontos a diferença entre seus recursos e as aplicações que fez, tendo obtido desta fonte recursos que se elevavam em 31 de dezembro de 1949 a Cr\$ 3.279.734.395,50.

O ano de 1949, como os anteriores do atual Governo, ainda sob a influência dos efeitos perturbadores da guerra, deve ser encarado como um período de reajustamento e consolidação da economia nacional.

Em nosso País, as consequências do conflito mundial seriam necessariamente prolongadas, dadas as condições de nossa estrutura econômica.

Em face dessa realidade, o balanço das atividades econômicas brasileiras, nesse período, merece ser classificado como favorável.

O regime de ordem e respeito às leis assegurado em nosso País mereceu e na propício ao desenvolvimento das iniciativas privadas, que se exerceram com pleno rendimento e resultados geralmente compensadores.

Todos os negócios se mantiveram ativos e a produção nacional, fabril e rural, encontrou colocação remuneradora, muito tendo contribuído para isso o fortalecimento do mercado interno, decorrente do maior poder aquisitivo atual das classes trabalhadoras.

Ao inverso do que acontece a outros países, que lutam com o difícil problema do desemprego, há entre nós certa deficiência de mão de obra, especialmente nos meios rurais. O Governo muito se tem preocupado com o problema da imigração, com o objetivo de corrigir a situação. Fôra reconhecido, porém, que nos resta bastante que fazer nesse setor.

Os transportes entre as várias regiões do País acusaram progressos, principalmente os rodoviários, pois o Governo Federal tem incrementado consideravelmente a construção de estradas de rodagem, no que o Banco do Brasil vem colaborando de modo decisivo.

Não desapareceram de todo certos senões, devidos ao notório desajustamento de muitas das nossas ferrovias, mas é justo reconhecer que não houve índices sérios à circulação da riqueza.

Merece destaque especial o incremento que vem tendo o transporte de mercadorias por via aérea, entre zonas distantes, convertendo-se a aviação de veículo exclusivo de passageiros, correspondência e pequenas encomendas, em conduto de cargas pesadas.

É de suma importância para o Brasil esse desenvolvimento do transporte aéreo, pois representa a possibilidade de escoamento da produção de muitas regiões do território nacional, de grande potencial econômico, as quais, sem tal recurso, continuariam ainda por longo tempo completamente isoladas, em detrimento do progresso local e da riqueza geral.

Dois fatos relevantes influenciaram fortemente o nosso comércio com o exterior, afetando, naturalmente, inúmeros setores da economia nacional: a existência dos "atrasados" comerciais em dólares e a desvalorização da libra esterlina, seguida pela das moedas a ela ligadas.

Decidido a resolver o problema dos "atrasados" com os nossos próprios recursos, o Governo adotou a política de restrições dos gastos no exterior, limitando ao indispensável as compras e despesas em moedas arbitráveis, especialmente em dólares. Assim, tomaram-se medidas para a intensificação do controle de nossa importação, as quais, todavia, têm caráter de emergência, devendo desaparecer com o aumento da produção.

Os "atrasados" estão em via de regularização, para o que influem poderosamente, é inegável, o contingente imprevisto de divisas que nos trouxe a alta dos preços do café.

Justo é ressaltar o papel desempenhado pelo Banco do Brasil nessa luta pelo equilíbrio da balança de pagamentos. Encarregado pelo Governo do controle, em todo o território nacional, tanto da distribuição das disponibilidades cambiais existentes, quanto das importações e exportações, realizou e realiza o Banco um trabalho penoso, inçado das maiores dificuldades, no qual tem conseguido dar desempenho quanto possível satisfatório.

As desvalorizações monetárias e dificuldades cambiais verificadas em alguns

países perturbaram o ritmo da exportação de produtos nacionais, como madeiras, mate, cacau, frutas de mesa e outros.

Essas situações parciais têm merecido toda a atenção do Governo Federal. Acordos comerciais foram feitos ou reformados ou se acham em estudo a fim de normalizar o nosso intercâmbio com os referidos países e aplinar as dificuldades surgidas no comércio internacional.

Outrossim, foram permitidos, a título excepcional, negócios de exportação vinculados com outros de importação (processo dito "de compensação"), por meio dos quais foi ou está sendo dada saída aos estoques retidos de cacau, fumo, sisal, madeiras (nos Estados do Sul), cera de carnaúba, castanha do Pará e outras mercadorias.

A desvalorização de tantas moedas estrangeiras provocou debates em nosso País sobre a conveniência da depreciação do cruzeiro ou da adoção de taxas cambiais múltiplas.

O Governo, todavia, decidiu manter o valor do nosso signo monetário.

O crédito bancário tornou-se bem mais acessível. Vencida gradativamente a crise iniciada em 1946, os bancos privados, demonstrando sua confiança na situação dos negócios, expandiram apreciavelmente os empréstimos, medida tanto mais oportuna, quanto a elevação dos preços dos principais produtos agrícolas ocasionou procura acentuada de crédito.

Os empréstimos realizados por todos os bancos ascendiam, em 31 de dezembro de 1949, segundo as estatísticas oficiais, a 62.419 milhões de cruzeiros, não computados os empréstimos feitos pelo Banco do Brasil ao Tesouro Nacional para financiamento das operações cambiais e para a integralização da quota do Brasil, em moeda nacional, junto ao Fundo Monetário Internacional. Em 31 de dezembro de 1948, o total era de 51.309 milhões, donde o acréscimo, em 1949, de 11.110 milhões de cruzeiros, correspondente a 22%. Uma vez que os empréstimos do Banco do Brasil, observado o mesmo critério de exclusão acima, acusaram uma elevação, de 1948 para 1949, de 4.680 milhões de cruzeiros, conclui-se que os bancos privados também aumentaram os seus financiamentos de 6.430 milhões.

Em 1946, era das mais delicadas a situação de vários bancos nacionais: alguns com seus ativos fortemente imobilizados em aplicações de liquidação demorada, viram-se ameaçados de instabilidade financeira, em virtude da crise então reinante.

Enfrentou o Governo, com decisão, o complexo problema, cabendo à Caixa de Mobilização Bancária e à Carteira de Redescontos a difícil tarefa de promover a normalização da situação.

A Caixa de Mobilização Bancária, sobretudo, foi atribuída grave incumbência na ocasião, uma vez que, enquanto a Carteira de Redescontos atendia aos bancos em suas necessidades comuns, negociando títulos a curto prazo, aquela foi chamada a intervir quando, em face de anormais retiradas de depósitos e consequente desnível substancial de encaixe, se expunham os estabelecimentos de crédito ao perigo da desconfiança pública.

Obtendo dos bancos, como garantia, imóveis, títulos comerciais e públicos e, quando necessário, o aval dos respectivos diretores, forneceu-lhes a Caixa os recursos de que careciam para restabelecer seus níveis normais de encaixe.

No desempenho dessa importante missão, a Caixa de Mobilização Bancária aumentou seus empréstimos (aplicações líquidas anuais), como se vê abaixo:

	Cr\$
Saldo em 31-12-1945	164.000.000,00
Importância líquida aplicada em 1946	448.000.000,00
Idem, idem em 1947	876.000.000,00
Idem, idem em 1948	690.000.000,00
Idem, idem em 1949	137.000.000,00

Os algarismos acima revelam que a crise, cuja maior intensidade se registrou no triênio 1946/1948, acusou decisivo declínio no ano próximo passado. Esse foi um dos motivos por que o crédito bancário pôde desenvolver-se de modo favorável, como já vimos.

O Tesouro Nacional encerrou as contas do exercício financeiro de 1949 com um déficit de 2.810 milhões de cruzeiros.

O volume de papel moeda em circulação acusou aumento de 2.340 milhões de cruzeiros, passando de 21.696 milhões em 31 de dezembro de 1948, para 24.045 milhões em 31 de dezembro de 1949.

Desse acréscimo já foram devolvidos à Caixa de Amortização, pela Carteira de Redescontos, no corrente ano e até a data deste relatório, 400 milhões de cruzeiros, a título de resgate da emissão feita.

É natural que tais e outras circunstâncias tenham influído nas variações dos índices do custo da vida. Considerando os dados de 1946 como equivalentes a 100, tivemos, em fins de 1948, o índice 126, e, ao terminar o ano de 1949, o de 136.

Terão contribuído para isso, certamente, a expansão dos meios de pagamento e o maior poder aquisitivo colocado à disposição das classes trabalhadoras. Enquanto se opera o entroschamento de tantos fatores de variada ordem, em busca dos níveis naturais dos preços, a capacidade aquisitiva vai mudando irresistivelmente de plano, na ânsia de se conseguir o equilíbrio econômico tão almejado por todas as classes sociais.

O principal elemento, todavia, para a consecução desse desideratum deve ser procurado no aumento da produção, de modo que o custo mais baixo desta e a maior oferta atuem provocando a redução dos preços das utilidades essenciais.

Neste sentido foram dignos de menção os esforços do Governo, senão as perspectivas para o corrente ano mais animadoras; espera-se expansão da produção primária, especialmente de gêneros alimentícios, e os preços deverão acusar algum declínio, em benefício dos consumidores.

Ainda não se possuem dados preciosos sobre a produção das indústrias de transformação, mas a opinião generalizada é de que se manteve, de um modo geral, no mesmo nível do ano anterior. Já nas indústrias básicas registraram-se aumentos significativos (cimento — 15%; ferro e aço, laminados — 24%; papel — 11%; pneumáticos — 20%; câmaras-de-ar — 17%).

Pode afirmar-se que as fábricas trabalharam em 1949 com inteiro aproveitamento de suas capacidades e os resultados financeiros obtidos foram bastante compensadores.

Em todo o território nacional as usinas de energia elétrica não conseguem satisfazer integralmente aos pedidos de fornecimento, o que tem provocado um ativo movimento de ampliação das instalações existentes ou de montagem de novas.

Nota-se generalizada e constante preocupação de enriquecer ou modernizar o parque industrial, por meio da construção de fábricas novas ou pela reforma das existentes.

O Banco do Brasil prestou, em 1949, decidida colaboração a esse louvável movimento, concedendo créditos no total de 698 milhões de cruzeiros, pela Carteira de Crédito Agrícola e Industrial e pela Agência Especial de Financiamento, destinados a custear reformas ou instalações fabris.

Muito se deve à tenacidade dos agricultores que, lutando com escassez de braços e outros óbices, conseguiram cultivar em 1949 área superior em 3,9% à de 1948 (16.858.000 hectares contra 16.219.000).

Tudo indica que área ainda maior terá sido cultivada para a safra do corrente ano, em virtude do estímulo das altas cotações atuais e da garantia de preços mínimos oferecida pela Lei n.º 615, de 2 de fevereiro de 1949, para arroz, feijão, milho, amendoim, girassol, soja e trigo.

Premido pela falta de braços e alertado já para as vantagens do trabalho mecânico da terra, o nosso lavrador vem recorrendo cada vez mais ao auxílio das máquinas agrícolas. As importações de instrumentos agrícolas acusaram grande incremento, passando de 8.965 toneladas em 1948, para 18.182 em 1949. Entraram no País 2.001 tratores no último ano.

Também a importação de fertilizantes e adubos aumentaram em 1949, quando entraram no País 126.731 toneladas contra 99.177 em 1948, o que comprova o apelo que o lavrador patricio vem dando à racionalização de sua atividade. Também neste setor o Banco do Brasil, por sua Carteira de Crédito Agrícola e Industrial, tem prestado todo o auxílio que lhe é solicitado. Os créditos abertos para aquisição de tratores e outras máquinas agrícolas, os quais não passaram, em 1947 e 1948, de 829 mil e 6 milhões de cruzeiros, respectivamente, ascenderam, em 1949, a 52 milhões de cruzeiros.

Com exclusão do café, as principais lavouras tiveram sua produção aumentada em proporção bastante animadora, como se vê no quadro infra:

AUMENTO DA PRODUÇÃO EM 1949 (*)

PRODUTOS	% SOBRE 1948
Cacau.....	33
Algodão.....	26
Batata.....	24
Trigo.....	16,5
Arroz.....	3,7
Banana.....	9
Feijão.....	6
Mandioca.....	6
Milho.....	1
Amendoim.....	1

(*) Dados sujeitos a pequenas retificações.

É promissor o avanço verificado na produção do trigo (16,5%), o qual evidencia o acerto da política de fomento adotada pelo Governo. O nosso Banco, através da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial, tem-se feito presente nessa patriótica campanha, elevando seus financiamentos de 54, no total de 1 milhão de cruzeiros, em 1947, para 828, somando 27 milhões, em 1949.

Outrossim, convencido de que o êxito da produção nacional de trigo depende de que haja sempre fácil e oportuno escoamento das colheitas, abriu o Banco do Brasil, pela Carteira de Crédito Geral, créditos na importância de 340 milhões de cruzeiros às organizações moageiras do Distrito Federal e dos Estados do Nordeste, de São Paulo e do Sul, para serem aplicados exclusivamente na aquisição de trigo de produção nacional da safra 1949/50.

Acontecimento de marcante significação para a economia nacional, conforme assinalamos anteriormente, foi a alta do preço do café, verificada nos derradeiros meses de 1949, e devida à conjugação de três fatores: o pequeno volume da colheita futura no Brasil, a liquidação dos estoques do Departamento Nacional do Café, conseqüente da extinção dessa autarquia, e o aparecimento, no mercado, como compradores, de países há longo tempo afastados em virtude dos efeitos da guerra mundial.

Raros produtores se beneficiaram da alta; a maioria já havia vendido suas colheitas, quando o mercado melhorou. Reina, entretanto, no seio da laboriosa classe dos cafeicultores, justificado entusiasmo ante a perspectiva de auferirem na próxima safra o merecido benefício de preços altamente remuneradores.

Outra conseqüência favorável da alta foi, como já dissemos, o volume considerável e inesperado de divisas que correu para o ativo de nossa balança de pagamentos internacionais, contribuindo decisivamente para apressar a regularização dos "atrasados" comerciais em dólares.

Infelizmente, a seca ocorrida no segundo semestre de 1949 prejudicou muito a colheita do corrente ano. O Governo tomou, pela Lei n.º 1.003, de 24 de dezembro de 1949, medidas excepcionais para assegurar assistência financeira adequada às lavouras afetadas pela estiagem, devendo as respectivas operações ser realizadas por este Banco, por conta da União.

O Banco do Brasil, por sua vez, visando ao mesmo objetivo, adotou, em 26 de novembro de 1949, por sua Carteira de Crédito Agrícola e Industrial, medidas de emergência, ordenando às suas Filiais localizadas nas zonas cafeeiras a realização de financiamentos em bases especiais, destinados a ser convertidos nos empréstimos previstos no referido diploma legal.

Por outro lado, o combate à "broca" do café, conduzido com eficiência pelo Governo, teve o desejado êxito, não restando dúvida sobre que a infestação dos cafezais por essa perigosa praga pode ser impedida.

O rendimento por hectare de nossa agricultura continua baixo, o que não só prejudica os lavradores, por lhes reduzir o lucro, como dificulta o aumento da produção nacional, fazendo com que os frutos colhidos não sejam proporcionais ao esforço despendido.

Várias causas podem concorrer para isso, mas uma das principais é a ausência quase completa do emprêgo da irrigação.

Com exceção de algumas regiões em que a irrigação, facilitada pelas condições naturais ou imposta pela permanente aridez do clima, tem sido bastante utilizada, na maior parte do território nacional, inclusive Estados como São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Bahia e Paraná, as plantações ficam à mercê dos azares do tempo.

Se as chuvas não vêm no período da germinação, ainda há o recurso, despendido embora, do replantio; se faltam, porém, na época da frutificação, não há defesa e o prejuízo pode ser completo.

Com os altos preços das terras, das sementes, do material e da mão de obra, é de impressionar o arrojo com que os agricultores trabalham e invertem capitais nas lavouras anuais, sob o risco, tantas vezes convertido em realidade, da falta de chuvas oportunas.

Ao Governo cabe, principalmente, a solução desse magno assunto, por meio de grandes sistemas de represas e distribuição das águas por terras cultiváveis adjacentes.

Há, entretanto, que considerar as possibilidades reservadas à iniciativa privada nesse terreno, em resguardo dos interesses individuais e dos da coletividade, que necessita urgentemente de maiores colheitas.

Como é sabido, terras cultivadas há que não reúnem as condições indispensáveis à viabilidade da irrigação; noutras, os serviços seriam caros demais. É certo, entretanto, que em muitas áreas presentemente cultivadas ao sabor dos caprichos climáticos, a irrigação poderia ser feita com maior ou menor êxito, mas com benefícios indiscutíveis, traduzidos principalmente na garantia de que não se perderiam colheitas por falta de chuvas.

Preferível seria o plantio de áreas menores, com os recursos da irrigação, da defesa contra a erosão, do uso de adubos e de outros processos racionais, à cultura extensiva, cujos resultados são falíveis.

O baixo rendimento por hectare, que tem ferido a observação dos entendidos, oriundo principalmente da falta de irrigação, representa o verdadeiro drama do nosso lavrador, que vê a oportunidade dos altos preços esvaír-se ante o malôgro da colheita.

Mesmo numa lavoura permanente e de reconhecida resistência como a cafeeira, são frequentes os danos causados pela falta de chuvas, tanto para a vida da planta, como para a formação das colheitas. Ainda agora, quando produzir mais café seria tão vantajoso para o Brasil, assistimos a uma redução da colheita futura, porque faltaram as chuvas na época da florescência dos cafezais.

O problema da irrigação de lavouras permanentes, semi-permanentes ou

anuais merece a máxima atenção, não só dos Poderes Públicos mas também dos produtores.

O Banco do Brasil já tem prestado seu auxílio financeiro, através da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial, para a construção de aparelhagens de irrigação, a prazo suficientemente largo, de modo a possibilitar aos interessados o reembolso do empréstimo com os recursos de várias colheitas.

A produção de carne bovina no País, em 1949, não deve ter sido inferior à do ano anterior, que atingiu a 910.000 toneladas.

O abastecimento à população dos grandes centros, que fôra tão irregular nos exercícios precedentes, melhorou sensivelmente no último ano, se bem que ainda não tenha voltado à antiga normalidade.

a) Meio Circulante

Verificou-se, no decurso de 1949, aumento de 2.349 milhões de cruzeiros no volume do papel-moeda em circulação no País, cujo movimento de emissões e resgates é demonstrado no quadro a seguir:

DISCRIMINAÇÃO	Cr\$ 1.000	
	EMIÇÃO	RESGATE
CAIXA DE ESTABILIZAÇÃO — Pela substituição de cédulas desta extinta Caixa — Decreto n.º 20.621, de 7 de novembro de 1931.....	425	425
CARTEIRA DE REDESCONTOS — Lei n.º 449, de 14 de junho de 1937, Decreto-lei n.º 4.792, de 5 de outubro de 1942, e Decreto-lei n.º 7.293, de 2 de fevereiro de 1945.		
— Para suprimento a Carteira.....	2.890.000	
— Por devolução da Carteira.....		490.000
MOEDA DIVISIONÁRIA — Posta em circulação mediante recolhimento de quantia correspondente em papel-moeda.....		51.225
	2.890.425	541.650
Aumento do papel-moeda em circulação.....		2.348.775
TOTAL.....	2.890.425	2.890.425

Do papel-moeda em circulação em 31 de dezembro de 1949, no total de 24.045 milhões de cruzeiros, 3.750 milhões estavam empregados em operações da Carteira de Redescontos e 1.178 milhões em operações da Caixa de Mobilização Bancária.

Em 31 de dezembro de 1948, quando o papel-moeda em circulação somava 21.696 milhões de cruzeiros, achavam-se aplicados em operações da Carteira de Redescontos e da Caixa de Mobilização Bancária 1.350 e 1.178 milhões de cruzeiros, respectivamente.

b) Meios de Pagamento

Expandiram-se de 53.920 milhões para 60.498 milhões de cruzeiros, durante o ano de 1949, ou seja uma elevação de 6.578 milhões, correspondente a 12%.

O aumento dos meios de pagamento, como consequência do acréscimo do meio circulante e da moeda escritural (depósitos à vista em todos os bancos, menos os encaixes em poder destes e os depósitos bancários no Banco do Brasil) possibilitou maiores atividades comerciais e financeiras. Consequentemente houve evolução do movimento de compensação de cheques, representativos de transações de maior vulto (operações bolseiras, imobiliárias, de comércio atacadista, do intercâmbio internacional, etc.), cujo valor se elevou de 204.128 milhões para 244.446 milhões de cruzeiros, entre os últimos dias de 1948 e 1949 (+ 40.318 milhões, correspondentes a 20%).

A moeda em poder do público atingiu a 19.361 milhões (17.734 em fins de 1948) e os depósitos à vista (exclusive os bancários no Banco do Brasil), a 41.137 milhões de cruzeiros (36.186 milhões em 31 de dezembro de 1948). A observação dos fenômenos econômicos e financeiros ocorridos no País nos tra ter havido solicitação maior de crédito na segunda metade do ano, acentuadamente em dezembro. Realmente, nesse mês, ao grande movimento comercial e aos pagamentos acumulados de fim de ano juntaram-se as necessidades financeiras do Governo, induzindo o Banco do Brasil e os demais bancos a recorrerem, em maior escala, ao redesconto, levando a respectiva Carteira a requisitar emissões monetárias.

Inversamente, os primeiros meses do ano assinalam certo afluxo de numerário às caixas dos bancos, o que contribui para a amortização de seus compromissos junto à Carteira de Redescontos que, por sua vez, devolve as requisições feitas ao Tesouro Nacional, a fim de serem incineradas. Até a data deste Relatório foram devolvidos 400 milhões de cruzeiros.

c) Movimento Bancário

Em 1949, o movimento bancário apresentou cifras das mais elevadas para os tempos normais. Efetivamente, excetuando-se o período 1943-1944, não há outro ano de atividade tão acentuada.

Os depósitos passaram de 57.218 milhões para 64.026 milhões de cruzeiros (+ 6.808 milhões, correspondentes a 12%) entre 1948 e 1949, ao passo que os empréstimos subiram de 51.309 milhões para 62.419 milhões de cruzeiros, acusando um acréscimo de 11.110 milhões, correspondente a 22%.

Vemos que a evolução dos empréstimos, bem superior à dos depósitos, ocasionou a alta do índice empréstimos-depósitos (89,7 para 97,5, traduzindo grande mobilização das disponibilidades bancárias).

Fator geralmente reconhecido como perturbador do crescimento normal dos rebanhos bovinos, capaz até de constituir ameaça para o abastecimento futuro de carne à população, é a matança desordenada de vacas e animais novos, que se vem processando nas charqueadas do interior, a despeito da fiscalização oficial.

Atribui-se essa errônea orientação às dificuldades financeiras com que lutam os criadores, que se desfazem de fêmeas aptas para a reprodução e de crias em fase de desenvolvimento, premidos pela necessidade de realizar numerário.

Atento às legítimas necessidades da produção nacional, e a fim de melhor amparar os criadores, deliberou o Banco do Brasil, em 23 de novembro de 1949, propor ao Governo modificações no regulamento da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial, tendentes a permitir nova modalidade de assistência financeira aos criadores. Aprovadas que foram as alterações regulamentares, serão iniciadas brevemente as novas operações, que constituirão em adiantamentos sobre a produção anual dos rebanhos e terão por fim colocar à disposição dos criadores, cada ano, os meios financeiros de que carecem, permitindo-lhes, assim auferir o maior rendimento possível de suas atividades, graças a capacidade de só vender a produção após recriada ou até mesmo depois de gorda.

Não temos dúvida em afirmar que esse novo tipo de financiamento será decisivo para a prosperidade dos criadores de gado bovino.

É imperioso que os criadores nacionais se capacitem de que o êxito de sua atividade, assim como a plena satisfação do interesse geral da coletividade, dependem da elevação do rendimento dos rebanhos.

Nas regiões em que se concentram os nossos maiores rebanhos bovinos para corte, a criação é feita extensivamente, nas condições mais primitivas, sem os requisitos elementares da zootecnia. Por isso mesmo, as crias obtidas não passam de 30% a 40% do número de matrizes. Para se formar ideia da grave perda que sofre anualmente a economia nacional, basta lembrar que em outras zonas, onde predominam as fazendas melhor aparelhadas, o índice de produção — que ainda não se pode considerar ótimo — é de 50% a 60%. Também para esse fim a Carteira de Crédito Agrícola e Industrial tem feito grande número de empréstimos, propiciando a criadores o aperfeiçoamento de suas propriedades, com o objetivo de incrementar o rendimento dos rebanhos.

COMÉRCIO EXTERIOR

Os pesados déficits verificados em 1947, 1948 e no primeiro semestre de 1949 na balança de pagamentos do Brasil com os Estados Unidos da América e o acúmulo de "atrasados" comerciais em moedas convertíveis tornaram imperativa a adoção de medidas excepcionais, tendentes ao controle mais acentuado de nosso comércio com o exterior.

Assim é que decidiu o Governo, no primeiro semestre de 1949, organizar orçamento semestral de câmbio, que compreende, de um lado, a estimativa total, em moeda arbitrável, das divisas que produzirão as exportações ou quaisquer outras transações, e, de outro, limites para pagamento de compromissos, importações, royalties, lucros, serviços, etc., de tal sorte que fique destinada certa margem para a amortização progressiva dos "atrasados". Suspendeu-se imediatamente a concessão de licenças em moeda arbitrável e se procedeu a estudo no sentido de verificar quais os produtos de maior essencialidade e cuja importação, mesmo para pagamento em moeda desse tipo, deveria ser permitida. Desse estudo resultou a organização de lista, cuja divulgação a Carteira de Exportação e Importação fez pelo aviso n.º 153, de 9 de julho de 1949.

Em 4 de outubro de 1949, foi sancionada a Lei n.º 842, que prorrogou por dois anos a vigência do regime de licença prévia para exportações e importações estabelecido pela Lei n.º 262, de 23 de fevereiro de 1948. A Lei n.º 842 foi regulamentada pelo Decreto n.º 27.541, de 3 de dezembro de 1949. Foi mantida a Comissão Consultiva do Intercâmbio Comercial com o Exterior com as mesmas atribuições, dando-se-lhe, contudo, nova constituição. O Banco do Brasil, como se sabe, foi incumbido, através da Carteira de Exportação e Importação, de exercer o controle do comércio com o exterior. Para a solução dos pedidos de licença de importação, a Carteira procede a estudos sobre os diversos produtos a serem adquiridos, em que se incluem, além de fontes oficiais, produtores, comerciantes e consumidores, e nos quais se verificam: natureza do produto e suas aplicações; existência, ou não, de produção nacional, e, em caso afirmativo, seu volume, qualidade e preço; volume das necessidades; países habitualmente fornecedores e possibilidade de se obterem os suprimentos, no todo ou na maior parte possível, dos de moeda fraca.

Esses critérios sempre tiveram no propósito de restringir, quando conveniente, as importações de produtos menos necessários, assim considerados também os que, embora intrinsecamente essenciais, não são de importação essencial, por se produzirem no País em condições satisfatórias, e de deslocar, na sua maior parte possível, de moeda forte para moeda fraca as importações necessárias.

O confronto entre as importações dos Estados Unidos da América em 1947, no valor de 13.975 milhões de cruzeiros, e em 1948, no de 10.875 milhões, com as do ano próximo findo, no total de 8.770 milhões, evidencia a grande compressão obtida nas compras em dólares.

A fim de melhor atender aos interesses do comércio importador de todo o País, deliberou a Carteira autorizar as Agências a decidir em definitivo quanto aos pedidos de licença prévia relativos a muitos artigos, esperando-se com essa medida não só abreviar de muito as soluções, como descongestionar os serviços na Direção Geral.

Ainda com idêntico objetivo está se cogitando de introduzir modificação no sistema do licenciamento, que passará a ser concedido para dois trimestres de cada vez. Serão as licenças expedidas com a desejada oportunidade e os serviços se reduzirão sensivelmente.

A política de maior elasticidade de crédito, nas ocasiões necessárias manifestou-se no desenvolvimento do redescrto, cuja Carteira teve suas atividades ampliadas, conforme se verá no capítulo respectivo, fornecendo os recursos suplementares para a majoração dos empréstimos bancários. A rede bancária nacional apresentou acréscimo de 160 estabelecimentos, no decorrer de 1949, alcançando 3.275 unidades, assim discriminadas:

Sédes: Bancos	226	
Casas bancárias	186	412
Filiais: Bancos nacionais	1.941	
Bancos estrangeiros	41	
Casas bancárias	17	
Escritórios bancários	532	2.531
Cooperativas	332	
Total	3.275	

Essa expansão se caracterizou pela abertura, no interior do País, de novas filiais e escritórios de bancos de maior porte, num meritório trabalho de disseminação do crédito, ao passo que pequenos bancos e casas bancárias, surgidos no período inflacionário, encerravam operações.

d) Mercado de Valores Mobiliários

A exceção de alguns títulos estaduais, cujas negociações estiveram ativas em 1949, as transações sobre valores mobiliários mantiveram-se praticamente estacionárias em relação ao ano anterior. É o que vemos no quadro a seguir:

TÍTULOS	Cr\$ 1.000.000		VARIAÇÃO	
	1948	1949	Abatimento	%
PÚBLICOS.....	1.217	1.596	+ 379	31
Federais.....	404	388	- 18	4
Estaduais.....	775	1.109	+ 334	51
Municipais.....	38	39	+ 1	8
PRIVADOS.....	667	591	- 76	11
TOTAL.....	1.884	2.187	+ 303	16

Examinando-se, em 1948 e 1949, o montante das transações efetuadas pelas duas principais bolsas do País, cujo movimento representa 97% do total, em base do ano findo, vemos que a do Rio de Janeiro revelou insignificante progresso nas operações com títulos públicos, e queda nas relativas a títulos privados, enquanto que a de São Paulo, à exceção dos valores estaduais — cujas operações se desenvolveram bastante, representando 68% do movimento global — registrou diminuição nos negócios com os demais títulos públicos e privados. É o que evidencia o quadro a seguir:

TÍTULOS	Cr\$ 1.000.000			
	RIO DE JANEIRO		SÃO PAULO	
	1948	1949	1948	1949
PÚBLICOS.....	358	394	830	1.173
Federais.....	265	271	129	101
Estaduais.....	77	106	684	1.053
Municipais.....	16	19	17	14
PRIVADOS.....	269	226	364	325
TOTAL.....	627	622	1.194	1.498

POLÍTICA E MERCADO CAMBIAL

No propósito de contornar as dificuldades cambiais criadas para o Brasil em consequência dos desajustes monetários verificados no pós-guerra, acentuou o Governo no curso de 1949 a orientação adotada a partir do 2.º semestre de 1947 e seguida em 1948, no sentido de, através de controles cambiais e medidas disciplinadoras do comércio exterior, alcançar equilíbrio em sua balança de pagamentos externos.

O deslocamento dos antigos centros de abastecimento mundial, sua concentração quase que exclusiva nos Estados Unidos da América, e, principalmente, a inconvertibilidade da grande maioria das moedas, com a consequente suspensão do comércio multilateral, provocaram em inúmeros países sérios desequilíbrios nos seus meios de pagamento, especialmente nas moedas chamadas "fortes".

O Brasil não escapou à contingência internacional, para nós grandemente agravada pela condição do país importador de combustíveis e matérias primas essenciais e de equipamentos e produtos industriais, cuja aquisição passou a ser efetuada, também com acentuada preponderância, contra pagamento em dólares.

O agravamento da situação ante o déficit superior a 1 bilhão de cruzeiros verificado nos 3 primeiros meses de 1949 em nosso intercâmbio comercial com os Estados Unidos e o resultante acúmulo de compromissos em atraso no exterior apontaram a necessidade de medidas mais enérgicas, visando a restringir a concessão de cobertura cambial a fins estritamente essenciais à vida econômico-financeira do País.

Por outro lado, o sistema então vigente, de autorização aos bancos para venda de moedas arbitráveis na base das compras por eles próprias efetuadas, dava lugar a desigualdade de tratamento na liquidação das cobranças do exterior, cuja maior ou menor prestora na liquidação dependia das disponibilidades dos estabelecimentos bancários cobradores, o que provocou forte competição entre eles.

Nessas condições, com o objetivo de promover a equitativa liquidação dos títulos em cobrança provenientes do exterior, a 26 de março de 1949, por Instrução n.º 28 da Superintendência da Moeda e do Crédito, foi instituído um fundo único de câmbio, por meio da centralização na sede da Carteira de Câmbio, do serviço de distribuição por todo o território nacional, das coberturas em moedas arbitráveis destinadas a pagamentos no exterior.

Já a partir de maio, como maior restrição aos serviços não comerciais, foram suspensas as vendas de divisas livres para despesas de viagens ao estrangeiro, tratamento de saúde, manutenção, donativos, etc., e, a seguir, em circulares de ns. 3, 7 e 8/49, da Presidência da República, foram subordinadas à prévia autorização da mesma as transferências por ordem de entidades governamentais, cujos contratos com fornecedores estrangeiros, envolvendo obrigações de ordem cambial, passaram igualmente a depender de audiência da Carteira de Câmbio.

Finalmente, em julho, ante a necessidade de limitar o montante das despesas em moedas conversíveis ao valor das disponibilidades cambiais, foi posto em execução um orçamento de divisas, em função de cujas estimativas passaram a ser concedidas todas as coberturas, inclusive as licenças de importação, estabelecendo-se, assim, a coordenação entre os controles de câmbio e do comércio exterior.

Ao iniciar-se o ano de 1949, as disponibilidades em ouro e em moedas no exterior mantidas pelo Banco do Brasil em nome do Tesouro Nacional expressavam-se pelo total de 12.877 milhões de cruzeiros.

Ao encerrar-se o exercício, tais haveres atingiam 12.712 milhões, apresentando a diferença de 165 milhões, assim originada:

DISPONIBILIDADES NO EXTERIOR

Valor em moeda nacional (Cr\$ 1.000.000)

DATAS	MOEDAS			
	CURSO	COMPENSADAS	BLOQUEADAS	OPERAÇÕES EM CRUZEIROS (.)
	INTERNACIONAL			
31-12-48	1.153	2.035	2.883	402
31-12-49	2.258	814	2.392	844
	+ 1.105	- 1.221	- 491	+ 442

(*) Cruzeiros resultantes de convênios assinados pelo Brasil e de acordo com os quais a moeda nacional foi escolhida para representar o valor das transações.

Evidenciando modificação em sentido grandemente favorável, as cifras acima transcritas indicam aumento de 1.105 milhões nos saldos das moedas arbitráveis (dólares, escudos e francos suíços) e diminuição nas moedas compensadas e bloqueadas de 1.712 milhões, superior portanto àquele aumento em 607 milhões, quantia que representa justamente a variação entre os montantes de 6.071 e 5.464 milhões de cruzeiros, relativos aos saldos em moedas estrangeiras, nas duas datas sob comparação, e que, computado o acréscimo de 442 milhões, verificado nos saldos em cruzeiros de compensação, reduz a diferença final à citada quantia de 165 milhões de cruzeiros.

O decréscimo nas moedas compensadas se deve principalmente à utilização de grande parte dos saldos acumulados em libras, francos franceses, belgas e coroas tchecas, e a diferença em moedas bloqueadas representa, quase que exclusivamente, o emprêgo, na forma prevista no Acordo Anglo-Brasileiro, de libras "congeladas", a saber:

— Compra de títulos da dívida externa	140.778
— Resgate dos títulos em f do "Coffee Realization"	1.414.680
— Compra do prédio destinado à sede da Embaixada do Brasil em Londres	250.000
— Transferências para a conta "disponível"	5.000.000
— Custo do almoxarifado da Leopoldina Railway	500.000
— Compra da "State of Bahia South Western" (pagamento contabilizado, embora ainda não efetivado)	565.000
Total	7.870.458

RESEKVAS - OURO

DATA	GRAMAS		TOTAL	
	NO EXTERIOR	NO PAIS	GRAMAS	VALOR (*) Cr\$
31-12-48	230.056.998	50.612.566	281.669.564	6.402.933.609
31-12-49	230.707.025	50.862.539	281.569.564	6.402.933.609

(*) Valor histórico contabilizado, superior à cotação oficial Internacional, de Cr\$ 20,8176 a grama, na base da qual o valor de gramas 281.569.564.200 atinge 5.862 milhões de cruzeiros.

Como se vê, mantiveram-se estacionárias as reservas-ouro do Governo, sobre as quais não pesa qualquer gravame real.

Na conformidade da Instrução n.º 27, de 4 de dezembro de 1948, da Superintendência da Moeda e do Crédito, que liberou o mercado interno do ouro sob a condição de entrega ao Banco do Brasil de 20% da produção ao preço oficial, possui ainda o Banco 465.575.580 gramas de ouro, no valor de Cr\$ 9.692.167,40, que mantém como disponibilidade cambial por conta do Tesouro Nacional.

No Fundo Monetário Internacional, permanece o depósito — ali efetuado em julho de 1948 e correspondente a 25 % da quota do capital, de 150 milhões de dólares, subscrito pelo Brasil — de gramas 33.311.870.996 de ouro-fino que, para esse fim, foi retirado de nossos estoques depositados no Federal Reserve Bank.

No encerramento do ano de 1948, foi apurado, através da estatística das operações de câmbio (vide "anexos"), *superavit* de 118 milhões de cruzeiros no total das compras de câmbio (Ativo) sobre o das vendas (Passivo), realizadas por todos os estabelecimentos bancários do País.

Todavia, alterando o panorama aparentemente favorável revelado pelo resultado acima, existiam, também em 31 de dezembro de 1948, pedidos de câmbio referentes a pagamentos a satisfazer no exterior do valor de US\$ 194.320.893,00, ou seja cerca de 3,5 bilhões de cruzeiros, para os quais o efetivo valor dos "atrasados" comerciais concorria com a parcela de 116 milhões de dólares, prendendo-se o restante a pedidos de abertura de créditos antecipados.

No final do exercício de 1949, o resumo global das operações de câmbio (vide "anexos") revelou saldo negativo total de 5,5 bilhões de cruzeiros, formado pela diferença negativa de 1.383 milhões no item de "Exportação e Importação", e principalmente pelo vultoso saldo negativo, de mais de 4 bilhões, na "Balança de Serviços", cifra para a qual contribui a soma de 3 bilhões provenientes de serviços governamentais.

É oportuno esclarecer a *diferenciação capital* existente entre balanço de pagamentos e estatística das operações de câmbio que, consistindo apenas numa parte daquele, tem sido, contudo, indevidamente apresentada como o próprio balanço.

Assim, excessos das verbas do Passivo sobre as do Ativo nas operações de câmbio não representam *deficit* no sentido usual da expressão, pois são geralmente cobertos com saldos anteriores, acumulados em outros exercícios, os quais não figuram nas cifras de compras e vendas de câmbios efetuadas no período abrangido pela estatística.

Para compreender o vulto do saldo negativo registrado nas operações de câmbio de 1949, basta analisar os compromissos atendidos pelo Governo durante os quais se destacam:

	Cr\$
— Dívida Externa da União e dos Estados	1.793.064.426
— Resgate, em dólares e em libras, do empréstimo "Coffee Realization"	342.028.185
— Delegação do Tesouro Brasileiro em Nova York (dívida externa, diplomacia, etc.)	537.296.894
— Amortização pelo Convênio de Empréstimos e Arrendamento (Lend & Lease)	93.600.000
— Aquisição de excedentes de guerra	20.930.092
— Conselho Nacional do Petróleo	33.008.960
— Sociedades de Economia Mista (Cia. Siderúrgica Nacional e Fab. Nac. de Motores)	32.678.214
— Serviços diversos	30.000.000

Além dos discriminados, ainda se inclui entre as obrigações de vulto cumpridas pelo nosso País o *resgate de prestações* no valor de 60 milhões de dólares (um bilhão e cem milhões de cruzeiros) do denominado Empréstimo de Estabilização contraído em 1947 nos Estados Unidos da América pelo total de 80 milhões, não registrado nas estatísticas cambiais de 1949, por ter figurado nas de 1947.

Com tal resgate, foi liberado o ouro que servia de garantia ao empréstimo, deixando livres, como salientamos, as reservas metálicas do Brasil. Na decomposição relativa às operações em dólares (vide "anexos"), verifica-se *superavit* de 61,5 milhões de dólares no valor das exportações sobre o das importações excedente anulado e ultrapassado pelos encargos de transferência de rendas de capitais estrangeiros, que absorveram 31 milhões de dólares, e o dos encargos governamentais cumpridos nessa moeda pelo total de 51 milhões, além de gasto no valor de 25 milhões sob a rubrica *serviços diversos*.

Não obstante o vultuosismo porte das dívidas despendidas na Balança de Serviços, foi ainda possível ao nosso País atender em maior escala aos pedidos de câmbio — cujo montante em fins de maio atingia, nas diversas categorias de prioridade, US\$ 362.000.000,00, não computadas nesse total as necessidades das companhias de gasolina e demais combustíveis, atendidas sob o regime de quotas semanais, que lhes assegura pagamento antecipado —, os quais, graças às medidas adotadas em reforço da política de austeridade cambial e evidentemente à elevação das disponibilidades em dólares decorrente do aumento dos preços do café, foram substancialmente reduzidos, como o

revelam as seguintes cifras, relativas não só aos últimos meses de 1949 como aos iniciais de 1950, em que se mantém o mesmo ritmo, sobre a posição dos pedidos de câmbio registrados na Fiscalização Bancária relativos a mercadorias já entradas no País, cifras que incluem mas não se limitam a "atrasados" comerciais, pois consignam inclusive os requerimentos de câmbio apresentados durante o próprio mês apreciado:

MERCADORIAS ENTRADAS NO PAIS

SALDOS MENSUAIS EM MILHARES DE DOLARES

Pedidos aguardando cobertura

Categorias	31-10-49	30-11-49	31-12-49	31-1-50	28-2-50
Preferencial	31.605	27.602	17.887	11.919	11.923
Primeira	144.029	95.479	59.893	37.892	29.036
Quarta	50.433	46.761	42.284	39.830	37.709
TOTAL	226.067	170.112	120.064	89.641	78.668

No fundo Monetário Internacional, em abril de 1949, levantamos, na qualidade de país membro e de acordo com direito estatutário, a quantia de US\$ 15.000.000,00, e em novembro a de US\$ 22.500.000,00, perfazendo o montante de US\$ 37.500.000,00, que corresponde ao valor do ouro entregue pelo Brasil, ao preço oficial de US\$ 35,00 por onça troy ou Cr\$ 20,8176 a grama, em pagamento de 25% da nossa quota de capital, naquela instituição. A 5 de março de 1949 integralizamos os restantes 75%, mediante depósito em moeda nacional, no montante de Cr\$ 2.081.250.000,00, à ordem do Fundo e em nome da Superintendência da Moeda e do Crédito, depositária da quela.

No Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento mantém o nosso País as quotas de US\$ 2.100.000,00 e Cr\$ 349.650.000,00 relativas à realização de 2% e 18%, respectivamente em dólares e em moeda nacional, do capital de 105 milhões de dólares subscritos pelo Brasil.

Os depósitos obrigatórios criados pelo Decreto 24.038, de 26 de março de 1934, regulamentados pela Instrução de 21 de junho de 1948, da Fiscalização Bancária, atingiam, em 31 de dezembro de 1949, Cr\$ 1.471.065.568,90, total relativo ao Banco do Brasil e demais bancos, creto-lei n.º 9.554, de 26 de julho de 1946, e relativas à retenção de 20% do valor das exportações brasileiras, na data de 31 de dezembro de 1949 permaneciam em circulação Cr\$ 1.218.507.000,00, havendo o total das letras atingido Cr\$ 12.761.902.000,00 e o das resgatadas, Cr\$ 11.543.395.000,00.

A desvalorização da libra esterlina, anunciada pelo Governo inglês em setembro de 1949, realizou-se na proporção de 30%, passando a sua paridade em relação ao dólar, americano de 0,248 para 0,357.

Na oportunidade da desvalorização da libra, surgiram opiniões pró e contra a desvalorização do cruzeiro.

Firmou o Governo brasileiro, entretanto, a decisão de manter o valor par do cruzeiro na base de Cr\$ 18,50 por dólar, oficialmente declarada, nos termos da Convenção de Bretton Woods, ao Fundo Monetário Internacional em julho de 1948.

Todavia, para evitar possíveis dificuldades na colocação, em mercados externos, de produtos nacionais que sofrem concorrência de países que desvalorizaram suas moedas, passaram a ser autorizadas, através da Comissão Consultiva do Comércio Exterior e com a devida prudência, compensações privadas para os produtos em crise de preço ou de superprodução.

Por outro lado, com o objetivo de afastar os empecilhos que entravam o livre comércio internacional, continuou o Brasil a incentivar as relações mediante acordos comerciais e de pagamentos.

Com o Banco de Portugal firmamos, em 9 de novembro de 1949, paralelamente a acordo comercial, um acordo de pagamentos destinados a reger o tradicional intercâmbio luso-brasileiro, para o qual foi adotado o dólar como moeda de referência e fixados em US\$ 4.000.000,00 o limite do crédito mútuo e em 3 anos o prazo de vigência, prorrogável por períodos anuais, prevista ainda a forma da liquidação de eventual saldo devedor de qualquer das partes, no caso de expiração.

Com o Governo do Uruguai, a 14 de dezembro, assinou o Governo brasileiro convênio geral de pagamentos, os quais serão expressos em cruzeiros, estabelecidas medidas para manter o intercâmbio em equilíbrio e, bem assim, para assegurar o resgate de eventual saldo final. O convênio somente entrará em vigor após ratificação pelo Congresso e, entretanto, os negócios entre o Brasil e o Uruguai processam-se dentro de um ajuste de compensação, de caráter transitório.

Acham-se em fase adiantada as negociações para renovação dos acordos anteriores firmados com a Bélgica, França, Polónia e Tchecoslováquia, e acordos de pagamentos iniciais deverão ser estabelecidos com a Áustria, Finlândia, Itália e Jugoslávia.

As perspectivas cambiais para 1950 acham-se reveladas e traçadas no orçamento de dívidas elaborado para o 1.º semestre, no qual se prevê a elevação da receita, proveniente das exportações cobráveis em dólares, a 300 milhões, e em 13.450.000 e 9 milhões as entradas respectivamente pelas verbas de Serviços e de Capitais, ou seja previsão de disponibilidades no total de dólares US\$ 322.450.000,00 — o que permitiu, para melhor atender as necessidades da indústria e comércio nacionais, majoração para 225 milhões de dólares da quota anterior de 205 milhões, destinada às importações de entidades particulares — disponibilidades às quais deverão continuar a contornar-se os deferimentos de câmbio, de modo a alcançar o Brasil equilíbrio em sua balança de pagamentos.

AS ATIVIDADES DO BANCO NO ANO DE 1949

OPERAÇÕES COM O TESOUREIRO NACIONAL

O encontro das contas financeiras do Tesouro Nacional acusa um débito

(Continúa na página 59)

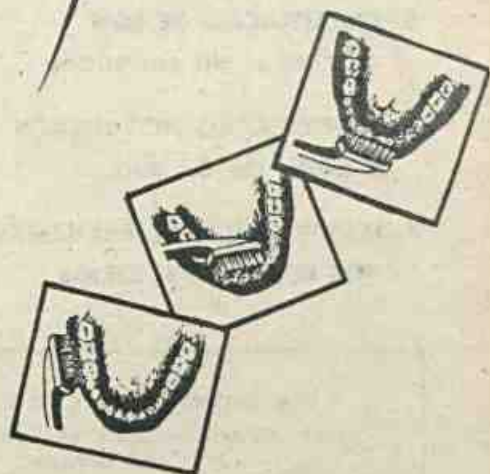
A PRENDA A FAZER A HIGIENE CIENTÍFICA DA BÔCA

Use a escova patenteada BUKOL, tecnicamente perfeita, acionando-a sobre os dentes, de cima para baixo e de baixo para cima, isto é, no sentido da vertical, para que a escova alcance os pontos situados entre um dente e outro - Consulte o seu dentista.

Aprenda a fazer a higiene científica da boca, usando o creme espumoso BUKOL, com a escova patenteada BUKOL e após aplique o Elixir-Odorífico-Dentifricio-BUKOL



LABORATORIO
CAPIVAROL LTDA.
Rua Barão de Itaipu n. 17
RIO DE JANEIRO



ESTA É A TRÍADA
Bukol

Que lhe garantirá a higiene total da boca, manterá seus dentes limpos e perfeitos, purificará o seu hálito e lhe proporcionará um sorriso de felicidade

Novidade revolucionária em capitalização...

Conheça o **novo** e
exclusivo título de
INTERCAP

Vantagens do novo título INTERCAP:

- 1- CAPITAL DUPLO
na 1.ª combinação sorteada
- 2- SORTEIO PROGRESSIVO
a partir da compra do título
- 3- SORTEIO MENSAL DE OITO
combinações diferentes
- 4- CONVERSÃO EM TÍTULO SALDADO
a partir do 2.º ano
- 5- DISTRIBUIÇÃO DE 60%
dos lucros da sociedade
- 6- PARTICIPAÇÃO NOS LUCROS
a partir do 8.º ano
- 7- MAIOR PRAZO DE PARTICIPAÇÃO
NOS LUCROS E SORTEIOS



A CIA. INTERNACIONAL DE CAPITALIZAÇÃO

Av. Presidente Vargas, 509 - 6.º e 7.º andar - Caixa Postal 1533
Rio de Janeiro

Queiram enviar me detalhes sobre o NOVO TÍTULO INTERCAP.

Nome

Endereço



Após 15 anos de trabalho construtivo e fecundo, Intercap lança um novo plano, exclusivo e de inéditas características, aclamado por todos como o mais perfeito e vantajoso. Procure conhecer as suas vantagens. São reais. São matemáticas. São suas... Estude-as com cuidado. E adquira um ou mais títulos. Com os mesmos prêmios mensais, no mesmo número de anos, você ganhará muito mais, você estará construindo um patrimônio valioso, seguro e perdurável!

COMPANHIA INTERNACIONAL DE CAPITALIZAÇÃO

Direção de Antonio e Oswaldo de Souza e Silva



A BAHIA — Não se preocupe, meu caro Juracy, com a grita dos eternos descontentes. É que eles sabem quem é o ELEITO... de meu coração!



Curioso vaso de Santarem

CERAMICA DA AMAZONIA

A cerâmica indígena é a mais notável documentação arqueológica que possuímos. Por meio dela podemos conhecer o homem ameríndio, sua vida, seus pendores artísticos, seu grau de cultura. O primitivo habitante destas plagas gravou suas primeiras impressões da natureza circundante nos utensílios que fabricou para seu uso. Nêles se percebe a beleza e a utilidade de alguns elementos e o efeito que lhe produziu nos sentidos. Essas modestas criações, sem dúvida, lhe suavizavam a vida... A fabricação de louça, entre as tribus brasileiras, era atribuição das mulheres. Esse costume, aliás, já vinha de épocas muito distantes — e foi observado em vários países. Depois de pronta, a cerâmica era decorada com desenhos, pinturas e ornatos. A que nos legaram os antigos povoadores da Amazonia é mais bela e mais perfeita do que a das outras regiões do continente. A mara-

joára denuncia o gosto, a sensibilidade de seus autores (fig. 1). As peças mais bem trabalhadas eram pintadas primeiramente de claro, em seguida aplicavam-se os motivos ornamentais. As cores prediletas do marajoára eram o branco, o vermelho, o preto e o cinzento. O oleiro dava ao barro formas bizarras e caprichava na ornamentação. É muito variada a cerâmica da ilha. Variada na qualidade, na utilidade, no luxo da decoração. A natureza lhe fornecia tudo: material, inspiração e petrechos para a fabricação. Com que habilidade êle apreciava êsses elementos escassos e rudimentares.

Afirmam muitos escritores que se dedicaram ao assunto que o marajoára foi o oleiro mais adiantado, que provavelmente assimilou e disseminou a tradição dos admiráveis ceramistas que vieram da América Central. Não obstante, imprimiu cunho próprio à sua arte, deixando nos

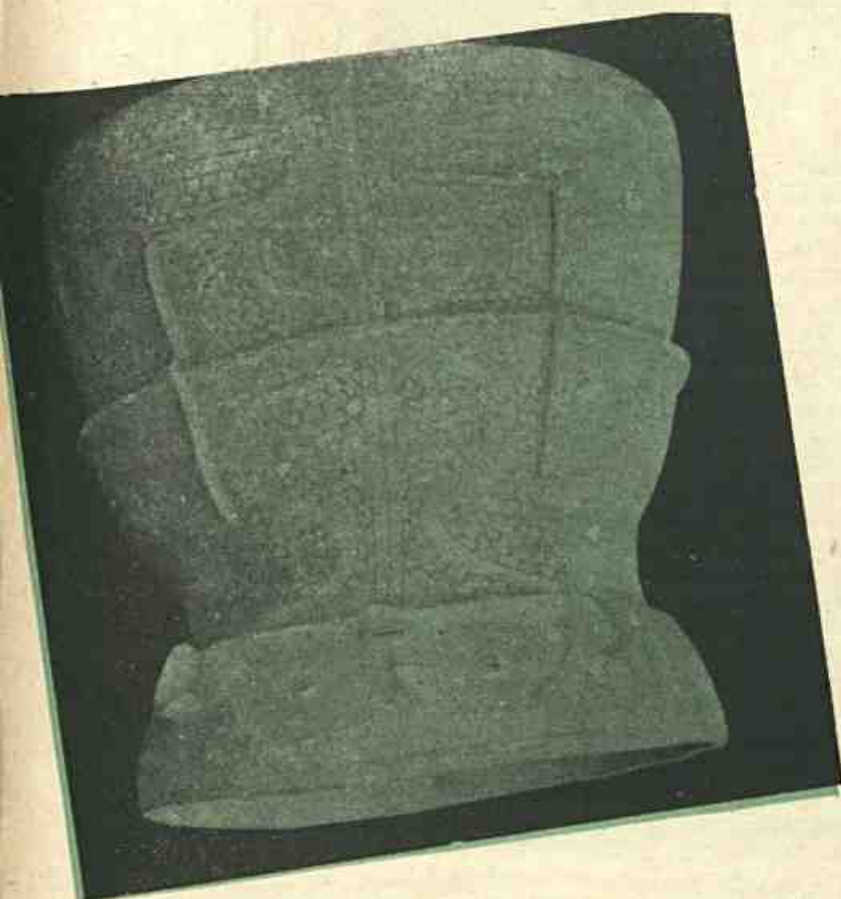
objétos que chegaram até nós a marca do seu espírito.

Na cerâmica de Santarem o trabalho é mais perfeito e a arte mais requintada. Os jarros, especialmente, revelam bom gosto e capricho notáveis de Cuani também é apreciável.

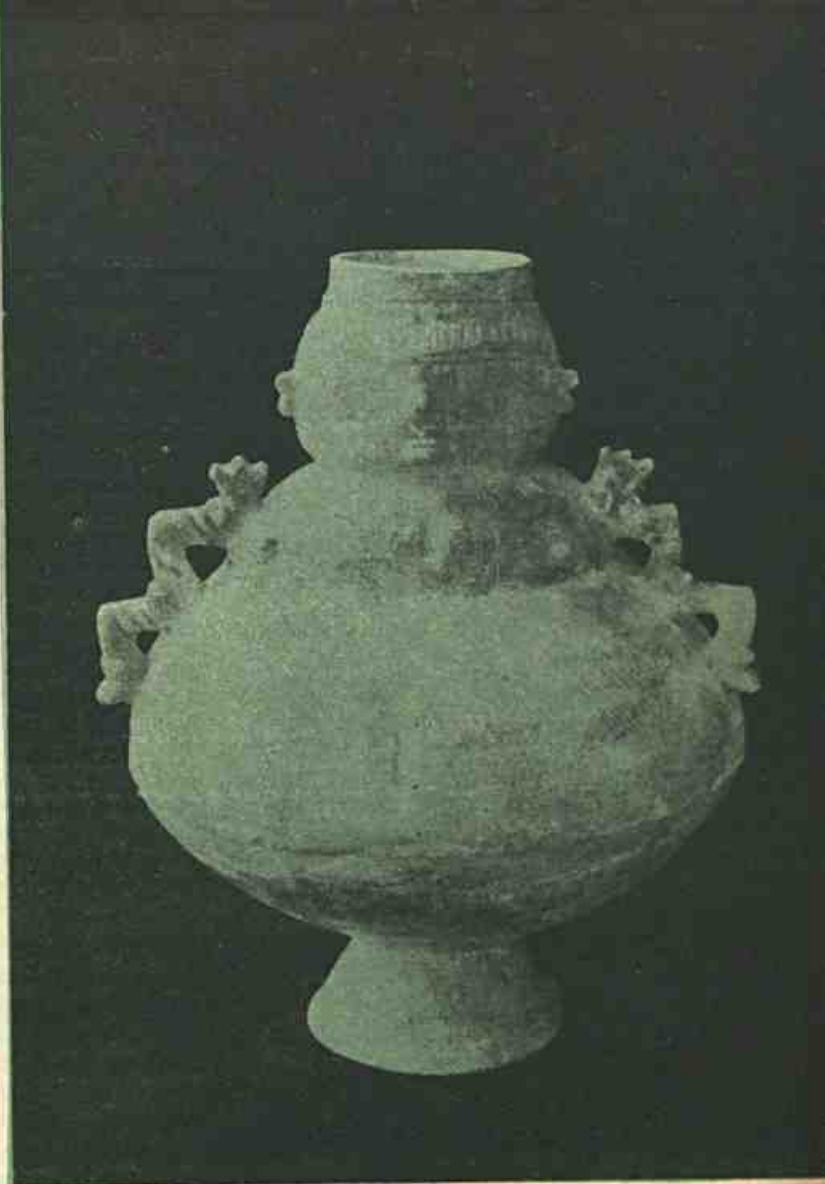
A perfeição e a beleza da cerâmica amazônica tem atraído a atenção das sumidades mundiais no assunto os quais lhe dedicaram vasta obra. Não esconderam sua estranheza por ter um povo de cultura tão modesta produzido material artístico com tamanha analogia com o que há de melhor na velha Helade.

Outra peça de cerâmica de Santarem



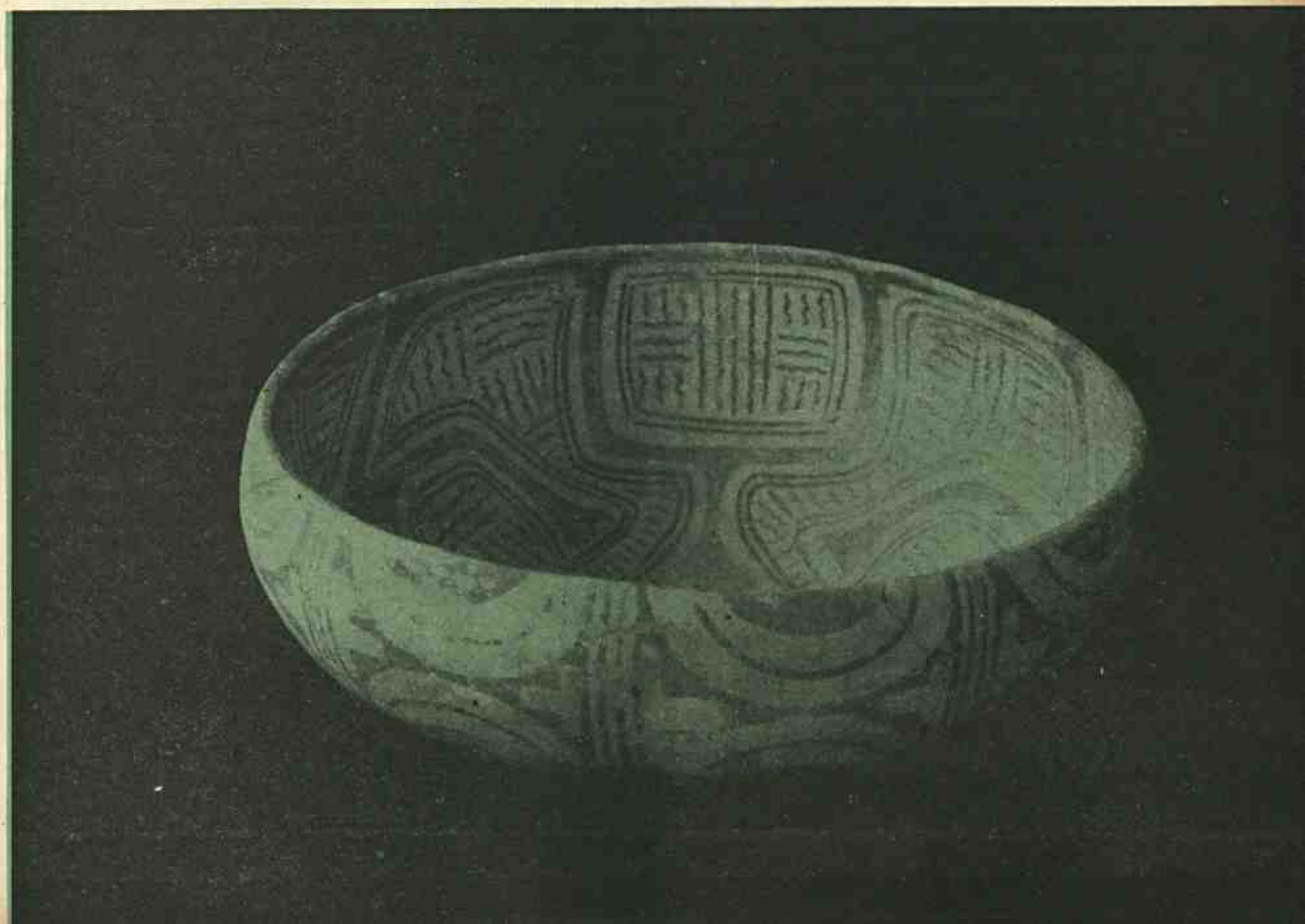


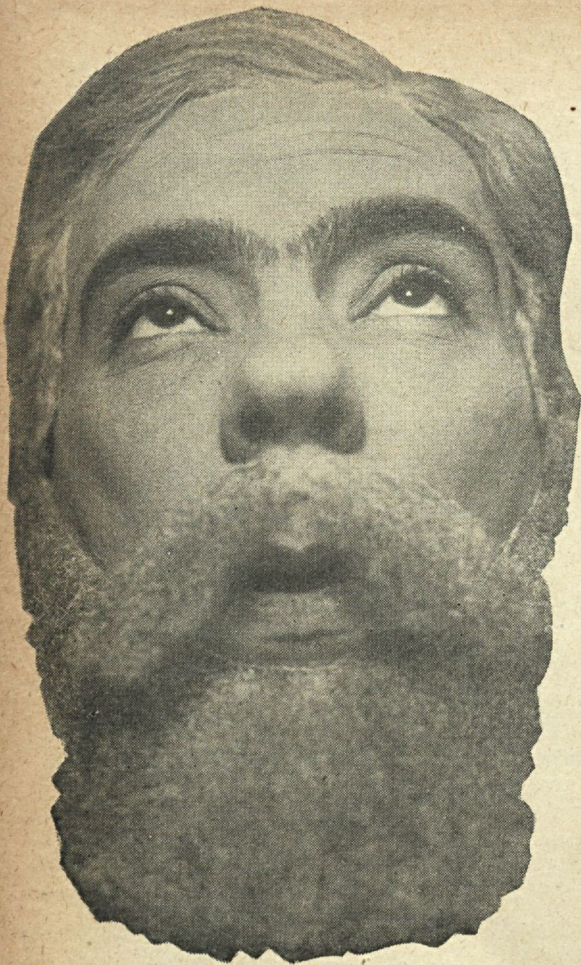
Cerâmica de Cuani



Outra peça de Cuani

Curioso jarro de Santarem





Procopio Ferreira — o "mendigo" de DEUS LHE PAGUE.

AS angústias universais passaram por muitas gerações sem que alguém tivesse plasmado em arte, com o sentido humano, uma mensagem, fosse no livro, na tela, no bronze, muitos menos no teatro. No entanto, para nossa história social, é no teatro de Martins Penna, de quem se comemorou, recentemente, o centenário, que vemos encontrar retratados ou caricaturados os usos e costumes da burguezia duma parte do século XIX. O JUIZ DE

Arturo de Cordova (mendigo) e Enrique Chaio "Barata" na versão cinematográfica de DEUS LHE PAGUE.



DEUS LHE PAGUE

PAZ DA ROÇA (1838) e A FAMÍLIA E A FESTA DA ROÇA (1840), apresentam o primeiro reinado, Regência e Segundo Reinado, pela primeira vez no teatro; marcam época denossa história social.

Evoluindo — mesmo com a queda da Monarquia, e além dos debates sobre a guerra — o elemento negro quase não teve repercussão no teatro nacional. José de Alencar, França Junior e Arthur Azevedo são nomes de exceção, mostrando a regra geral. Vai-se transformando a estrutura das nações e do indivíduo; vivemos nos debatendo com acontecimentos e entrecosques morais e materiais, luta pela liberdade, embates de raça, movimento que ultrapassa do plano pessoal para o da coletividade. O teatro só existia em função de casos amorosos, e as tragédias e dramalhões eram friamente copiados de figurinos clássicos sem consequência. As leis humanas e sociais sofreram abalos tremendos; a evolução chegou às raíais do impossível, houve excesso de debates, muito se escreveu, porém jamais um escritor tinha trazido até à ribalta esa inquietação. Mesmo fruto de movimento, que há muito se vinha processando, dos fenômenos sociais, o desfecho tem sido confusão, desespero pelas injustiças acumuladas; mas as lutas políticas e econômicas mostraram que o passado não voltaria nunca mais. Também os poderes temporais dos reis e dos chefes políticos tão acrescidos com a intolerância, esbarram no poderio do capitalismo e no absolutismo do proletário. Sempre o erro e a ambição do homem de mandar, dominar. O capitalismo e o trabalho haviam de ser o joguete do dinheiro. O ouro é o leit-motif.

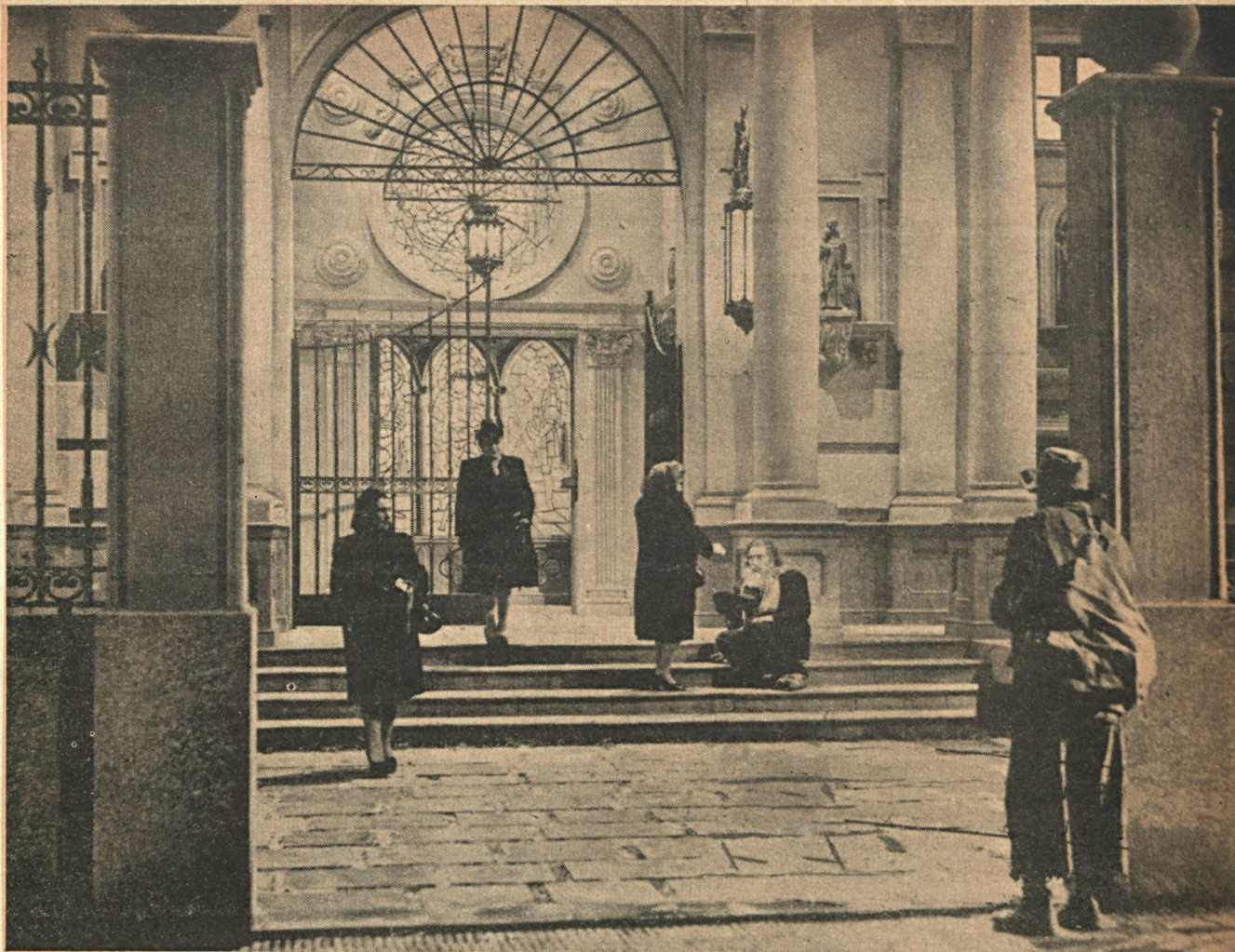
Foi no teatro, pela boca dum mendigo que toda nossa inquietação se apresentou sem recalques. A sociedade estava vivendo em bases falsas; a corrupção andava de braços dados com a censura; o regime capitalista tornava o burguês um polichinelo; a política e o ouro faziam governos títeres; a religião era chamada de "ópio" e a demagogia entrava nas fábricas e dividia os homens. Os livros e os berros de tribunas improvisadas falando da desigualdade da riqueza e distribuição de direitos sociais morriam sem repercussão. Os instintos estavam soltos nas incertezas e dúvidas. O mendigo apareceu em uma peça teatral DEUS LHE PAGUE, numa porta de igreja, implorando em nome de Deus, a caridade pública, pela maldade a que os homens o tiraram. Está no último degrau, de igreja, implorando em nome de Deus, a estende a mão, porque necessita viver. Veiu de baixo, viu todas as misérias, pois é produto duma injustiça, duma maldade!

É preciso viver: e pela velhice ou pela doença ele está excluído dos empregos ordinários; há falta de institutos de amparo para os deserdados da sorte, deficiência do aparelhamento; o único gesto é estender a mão a caridade.

Aliás a origem da peça foi motivada por um decreto de certo governador que estabelecia um regime especial para o exercício da mendicância. A desigualdade social não está ali aos berros de orador de praça pública ou nas páginas de livros de carbonários, para fazer reenvindicação de classe, porém é o efeito da revolta duma sociedade defeituosa.

Há no nível da vida faustosa do homem rico e o último degrau do miserável um encontro marcado na porta duma igreja, cujo valor vai do drama à farsa sem haver discrepância pelo pulso de Joracy Camargo. O sentido libertador de que todos sejam iguais, de que possamos repartir com os outros para sermos felizes é muito bonito em filosofia; mas a realidade é que ninguém perdoa as dívidas alheias. O paraíso na terra é difícil porque o homem será sempre um animal que domina. Podíamos até ser contra a tendência evangelizadora do grande teatrólogo que tenta explicar o poder do ouro que a tantos avassala séculos afora. Não acreditamos em regeneração de ninguém pois o poder do dinheiro passa todas as eras desde dos bíblicos trinta dinheiros, sempre em caráter mais alarmante de perversão. Também Shakespeare mostrou Shilock e a ambição desmedida sem remédio. E não é só o drama do dinheiro, pois há um outro drama à margem; o drama do amor duma mulher por um velho e a sua troca por um moço em que vence o fascínio da inteligência. É uma fábula do amor à margem da fábula do dinheiro. E o tempo é o colaborador da justiça, do ouro, da velhice e do amor.

A porta da igreja da adaptação da peça teatral de Joracy Camargo para o cinema (Argentina Sono-film).



Em 1932 *DEUS LHE PAGUE* parecia haver três atos revolucionários, na urdidura do trama, na movimentação dos quadros, na esfuizante dialogação em que o amargor filosófico espantava a plateia displicente e desacostumada a diálogos com sugestões, conceitos e amplidão de ideias e o mendigo com a máscara como personagem da Comédia del'Arte. Daí sua re-

sonância universal como no caso de Ibsen contra os preconceitos do seu tempo.

No momento em que se comemora o centenário de Martins Penna, é necessário realçar na História do Teatro Brasileiro, nesta metade do inquieto século XX, tanto Martins Penna como agora Joracy Camargo evidenciam as mesmas censuras e os exemplos de beleza na arte, porque os

homens serão sempre miseráveis e ambiciosos e os exemplos não frutificam.

No teatro contemporâneo, onde todas as formas de evolução foram tentadas até com a influência cinematográfica, vemos a vitória e prestígio do clássico em que *DEUS LHE PAGUE*, pelas ideias, diálogos e beleza retrata a tradição clássica.

No Brasil e no estrangeiro onde já foi traduzido para o espanhol, francês, inglês, alemão, italiano, polonês, idish e esperanto, sendo em livro está em décima segun-

da edição. Mostra-se assim que as grandes peças são também bons livros de leitura e não para serem apenas representadas.

É preciso frizar que, para a consagração definitiva, alguns efêmeros ditadores (todos os ditadores são efêmeros) impediram, interditaram e censuraram a encenação de *DEUS LHE PAGUE*, como bons velhos temem as verdades e esquecem sua passagem em pequeno espaço de tempo enquanto as obras de arte marcam os governantes de mentira.

Mesmo desejando fugir do confronto do cinema como teatro, pois a força aterradora da cinematografia tudo tenta vencer, a transplantação de *DEUS LHE PAGUE* para a tela, alterada aliás em parte, teria que fugir das qualidades teatrais, pois os diálogos dos mendigos, sem ação cênica de grande efeito pelo brilhantismo e inteligência de Joracy Camargo.

As alterações introduzidas muito sacrificam o sentido da peça e a técnica da celuloide apaga todo o calor. Resta, todavia, como compensação a amplitude de sua difusão. A vitória do teatro é aí bem explícita, pois a vida, os recursos dramáticos do ator teatral (será sempre lembrado o grande Procopio Ferreira), desaparecem pelas sequências que o cinema jamais consegue impôr e transmitir.

É o espetáculo na sua função elevada de crítica e construção, vencendo em todos os quadrantes, pois dados estatísticos comprovados mostram que desde 1932, todas as noites, numa cidade brasileira, os problemas de angústia e tristeza na máscara da comédia na borda iluminada dum palco a imortalidade do teatro.

SEBASTIÃO FERNANDES

O "mendigo" na porta da igreja, o creador e o maior interprete: Procópio.



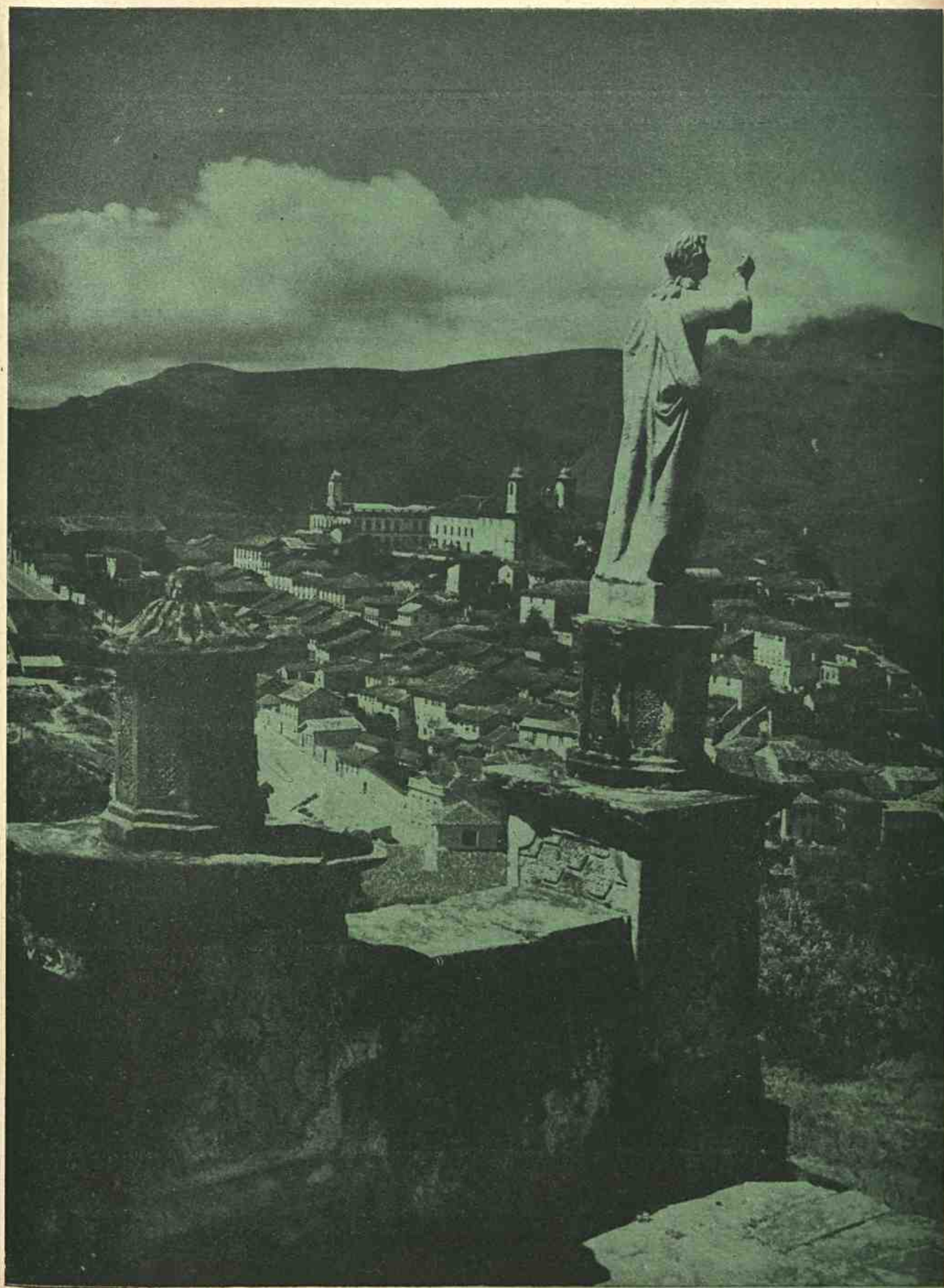
COMO NASCEU OURO PRETO

A fundação de Ouro Preto foi, como a de algumas outras cidades mineiras, a resultante das penetrações arrojadas dos bandeirantes paulistas, os desbravadores intemorados de nossas quasi inexpugnaveis florestas, povoadas pelo bravo índio e defendidas por icadentes naturais e as terríveis febres que tombaram a figura gigantesca de Fernão Dias. Nessas incursões tinham os bandeirantes diante de si perigos e dificuldades inumeráveis, mas o ideal que o impelia, a ambição de riquezas dava-lhes uma crescente animação, uma intrepidez permanente que não os fazia recuar senão em caso de inteiro fracasso, quando não insistiam até a morte na corajosa empreza. O descobridor dessa região, que mais tarde tomou o nome de Ouro Preto foi o bandeirante paulista Antonio Dias de Oliveira, que partira de São Paulo em procura de minas de ouro dos sertões mineiros, em Abril de 1698. Acreditava-se que o sertão era defendido por entidades demoniacas, tais as dificuldades que surgiam e se avolumavam diante dos expedicionários. "Desastres

e guerras, diz Diogo de Vasconcellos, doenças e fomes, brenhas e rios insalubres, canibais e feras, um mundo em suma entregue à luta selvagem e universal da natureza anarquica, eis o quadro de tão funestas e duvidosas aventuras". O sertão vingava-se dos que o sulcavam desvendando seus misteriosos arcanos. O ouro de Sabará-buçú ficou perdido durante vinte e quatro anos e foi necessário que o próprio Borba, seu descobridor primitivo se apoderasse do descoberto. No entanto, o descobrimento das esmeraldas ficou mergulhado para sempre no silêncio que fechou o túmulo Fernão Dias Paes Leme. Assim vemos que antes de Antonio Dias já outros haviam se aproximado da figura simbólica do Itacolmy, que iria indicar o caminho da região de sonho ambicionada pelos descobridores. E as cidades iam nascendo com as bandeiras.

Nestas páginas, dois flagrantes de Ouro Preto, tornado cidade monumento pelo governo federal.







POSTASI DO RIO
PRAIA SANTA LUZIA



ESPLORAÇÃO POR TODA PARTE

O Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro não teve outro jeito senão intervir numa irmandade, ao mesmo tempo que se anuncia terem sido outras advertida severamente.

Nessa ocasião vieram a publico algumas coisas realmente edificantes a respeito do comércio de sacramentos e ceremonias que tais associações promovem nas sacristias.

A maior parte das irmandades constituem verdadeiros feudos de pessoas ou de grupos que se reelegem todos os anos ou se revezam nos postos-chaves e que disso tiram grande proveito social e financeiro.

Em algumas delas, as missas são cobradas pelo

decuplo da tabela organizada pelas autoridades eclesiásticas. Todos os limites demarcados pelo Sinodo Arquiepiscopal, em nome da moralidade publica e religiosa, são ultrapassados.

A indignação contra tais coisas entre o próprio clero, e os verdadeiros católicos subiu de ponto, quando elas vieram a publico, exploradas por uma imprensa que naturalmente se regala com tais delicias e gosta de servi-las ao publico, quentinhas.

Afinal de contas, embora encontremos hoje cambio negro por toda parte, nunca poderemos acostumar-nos com a idéja de que tal exploração tenha invadido as proprias igrejas e contaminado até o commercio sagrado dos sacramentos.

BEAUTÉ DU DIABLE"

CIDADE cada vez mais maravilhosa este Rio de Janeiro!

Se não chove, é o calor, a poeira, os mananciais secam, falta a água, o gado emagrece, a carne e o leite escasseiam, o queijo e os legumes sobem de preço; os ladrões assaltam meio mundo, porque todo mundo tem que dormir de janela aberta, e a gen-

te se encharca de tanto sorvete e de tanto refresco.

Se chove, a rede de esgotos não dá vazão às águas e é lama que descem dos morros e entopem os ralos e encham as ruas, e em pouco tempo, o trafego está paralisado porque bonde, onibus, automoveis, tudo se atola ou se afunda, e morre gente debaixo dos tetos e paredes que desabam e dentro

dos veiculos que explodem. E há desgraças por cima de desgraças.

O pior é que nem se pôde, ao menos, pensar num remédio. So se arrasassemos as montanhas que compõem a beleza do Rio, ou transferissemos a cidade para outro local menos espetacular e mais seguro.

Este é o preço que temos de pagar para viver na mais linda cidade do mundo.

CAMBIO NO CAMBIO NEGRO

SE alguém estiver interessado em obter dolares para uma viagem de estudo, de recreio ou de tratamento de saúde, ao estrangeiro, não os encontrará no Brasil, se quiser adquiri-los ao cambio do dia. O Banco do Brasil demonstrará que há uma tremenda escassez de dolares e provará que as leis em vigor não deixam outra alternativa, a não ser adiar a viagem para tempos melhores.

Mas, se o sujeito quiser mesmo viajar e não se importar de pagar até o dobro pelos dolares de que precisa, pôde arranjar na praça até 1 milhão de dolares, numa hora.

— Mas como — dirá o leitor — se não há dolares ou se os que existem, estão, por força de um monopólio legal, nas mãos do Banco do Brasil!

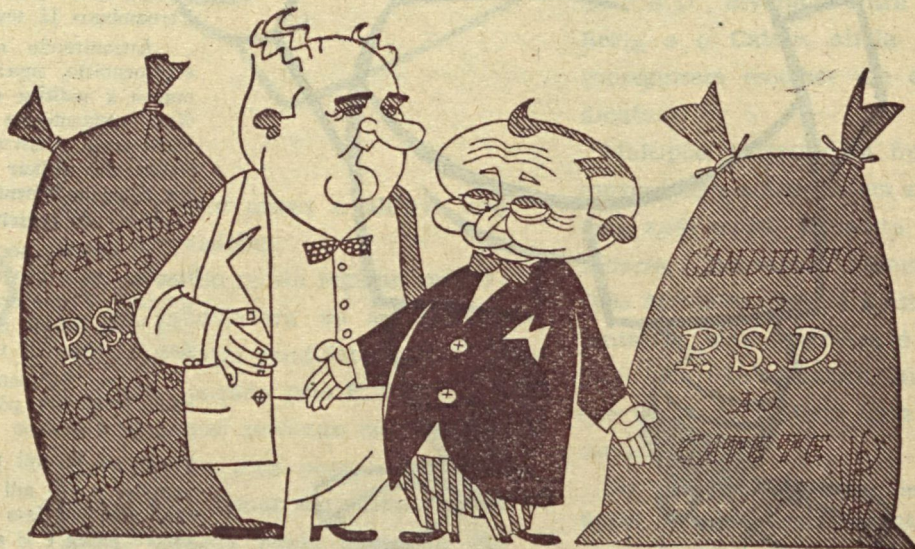
E' uma verdade: todos os dolares que o Brasil obtém com sua exportação vão para o Banco do Brasil, mas, no cambio negro, eles não faltam.

Porque nesse negocio de cambio há mais misterios do que sonha a nossa vã filosofia, e há trezentas maneiras de burlar a lei e escapar à fiscalização oficial (pelo menos neste país). Poderíamos

explicar algumas aqui, mas para que, se isso não traria nenhuma providencia? Basta dizer que muitas firmas que exportam artigos nacionais operam, nos Estados Unidos, como importadoras, com nomes diferentes. Facilimo

exportar daqui para lá a preços mais baixos e ficar com a diferença em dolares depositada nos bancos de New York para vendê-los aqui aos necessitados do Rio, no cambio negro.

E não é preciso dizer mais nada.



DUTRA — Vocês não me ajudam a carregar esse troço ? !

JOBIM — Não conte conosco. Cada um de nós tem uma carga pesadissima para carregar !...

QUEM o vê com aquele ar de sizudez mas sereno, pupilas negras e muito vivas brilhando em olhos de formato amendoado, tez de um moreno acentuadamente pálido, gestos sempre calculados, como se tivessem sido objeto de prolongado ensaio, nas suas roupas bem talhadas, pôde talvez experimentar a ilusão de que tem diante de si um legítimo mandarim chinês em vilegiatura no Brasil. Entretanto, está apenas na presença de um autêntico filho do sertão pernambucano, onde a indumentária simples e despresticiosa, castigada pela poeira inclemente, o típico chapéu de couro amarrado fortemente ao queixo descarnado, a "peixeira" enfiada ostensivamente na cintura, se contrapõem às roupagens vistosas dos lendários senhores feudais da longínqua China, com as suas ramagens douradas e o seu original rabicho.

Nascido na antiga Vila Bela, em pleno sertão pernambucano, onde as paixões políticas podem fazer de cada cidadão um autêntico habitante do fa-west americano, o sr. Agamenon herdou virtudes e defeitos dos seus conterrâneos. É sincero, generoso e hospitaleiro com os amigos, mas inflexível e cruel com os inimigos. A estes, principalmente, não perdôa nem mesmo nas ocasiões mais inocentes.

Ingressou na política em 1918, tendo sido o autor do projeto que reformou o ensino primário e normal no seu Estado.

Quando Nilo Peçanha saiu pelo Brasil afora a fazer propaganda da Reação Republicana, o sr. Agamenon foi um dos que primeiro se alistaram nas suas hostes revolucionárias. Derrotado, embora, nem por isso arrefeceu o seu entusiasmo político. E, em 1930, a Aliança Liberal o encontrou no mesmo posto de combate, decidido a fazer prevalecer os seus ideais.



Perlis POLITICOS

V

AGAMENNON SERGIO DE GODOY MAGALHÃES

Como deputado à Assembleia Constituinte, em 1933, bateu-se pela defesa do regime parlamentarista, que hoje tem no sr. Raul Pila o seu líder mais prestigioso. Não conseguiu ver vitoriosos os seus pontos de vista. Mas obteve que a nova Constituição assegurasse aos ministros de Estado o direito de comparecer, pessoalmente, ao Parlamento para a defesa de sua administração.

Ainda na Assembleia Constituinte de 1933, foi o sr. Agamenon o autor do primeiro projeto criando os institutos de aposentadoria e pensões para os trabalhadores intelectuais e manuais. Mais tarde, a ditadura, deixando de contribuir com a parte do governo, em dinheiro, para o perfeito funcionamento desses organismos e permitindo, ao mesmo tempo, uma verdadeira malversação dos seus fundos, com a realização dos negócios mais escandalosos, deturpou a idéia original. Prevaleceu, entretanto, a boa intenção daqueles que, com o sr. Agamenon à frente, se bateram pela sua criação.

Promulgada a Constituição de 1934, foi ele escolhido para as funções de ministro do Trabalho, indústria e comércio. Nesse posto, desempenhou tarefa das mais eficientes. Criou algumas das principais leis trabalhistas do país, destacando-se de sua atuação a instalação dos institutos de aposentadoria e pensões, leis de nacionalização do trabalho, sindicalização das classes, criação do ante-projeto da Justiça do Trabalho, salário mínimo, etc.

Exerceu ainda, interinamente, de abril a novembro de 1937, as funções de ministro da justiça. Nessa fase, compareceu, como ministro de Estado, à Câmara Federal, para defender sua administração. Conbe-lhe, assim, como parlamentarista, ser o primeiro brasileiro a utilizar-se do pronunciamento permitido por tal sistema político.

Sobrevindo a ditadura, foi nomeado para o cargo de interventor federal em Pernambuco, que exerceu durante oito anos consecutivos. Ali estabeleceu um verdadeiro regime de força, embora tenha sido o seu governo um dos mais realizadores que Pernambuco já teve.

Encontrando o Estado mergulhado num asfixiante déficit orçamentário, superior a nove milhões de cruzeiros anuais, instaurou a política de absoluta compressão das despesas públicas. Num ambiente de crê ou morre, trabalhou infatigavelmente durante anos consecutivos, sem contrair empréstimos nem criar impostos. Ao deixar o governo, em 1945, com as obras públicas em pleno andamento, o saldo orçamentário era superior a noventa milhões de cruzeiros.

A cruzada social contra o mocambo foi uma das suas realizações mais importantes. Quando o sr. Agamenon chegou ao governo, Recife era uma vasta favela, pois a metade da população vivia metida em casebres de madeira e lata, toscas e imundas, à beira dos rios ou trepadas nos mangues insalubres.

O sr. Agamenon, espírito autoritário a serviço da ditadura então incipiente, pôde agir à vontade. Fundou a Liga Social contra o Mocambo e empreendeu decidida e enérgica campanha contra os 45 mil mocambos do Recife, que abrigavam população superior a 170 mil pessoas! O Estado estava então sem dinheiro, mas nem por isso o sr. Agamenon se intimidou. Si o tesouro estava pobre e si a população vivia na mais extrema miséria, por outro lado, os chamados capitães da indústria atravessavam

(Continúa no fim do número)

Cesariana na Sucessão

A impressão que se tinha, a respeito do jogo político da sucessão é que o partido que lançasse primeiro o seu candidato, tinha menor "chance" de obter adesões.

Assim, a U.D.N. e o P.S.D., os dois grandes partidos nacionais, entregaram-se a uma interminável série de manobras de adiantamento, com o que gastaram cerca de um ano e meio. Como isso favorecia o interesse da Copa e da Cozinha, o Catete deixou que o jogo continuasse, e deste modo chegou e foi ultrapassado o 3 de abril, limite fatal do sexto mês do pleito.

E assim, todos os ministros e governadores, candidatos potenciais, caíram no buraco da incompatibilidade.

Nesta altura, os partidos sentiram que a manobra de adiamento já fôra demasiadamente longe.

E surgiu o candidato da U.D.N. — o candidato tradicional, o candidato natural, o candidato que já era candidato (senão por vontade própria, pelo menos por força das próprias cir-

cunstancias) muito antes de haver um problema de sucessão.

Ainda não foi crismado por uma Convenção e ainda poderia ser substituído por uma candidatura de compromisso, mas ninguém acreditava mais na possibilidade de um acordo entre os dois partidos maiores — a não ser que seja um acordo entre fragmentos de um ou de outro.

O fato é que a U.D.N. tem um candidato e, pelo menos até o momento em que estas notas estão sendo redigidas, é o único candidato que



E enquanto isto, os homens do P.S.D., divididos entre São Borja e o Catete, ainda não conseguiram escolher um candidato.

Múltiplas parteiras já foram convocadas e entraram em ação, uma após outra: Benedito Valadares, Adroaldo Mesquita, Goiás Monteiro. Esta é a última tentativa, mas a parteira é das tais que não desistem, ainda que tenha de praticar uma cesariana.

No momento em que o leitor puser os olhos nestas linhas, a operação já deve ter sido praticada e saberá, então, se teve êxito ou se a paciente morreu da operação.

existe, quatro meses e alguns dias antes das eleições.

Já se soltou muito foguete em torno da candidatura do sr. Getúlio Vargas — outro candidato natural — que seria lançada pelo P.T.B. Mas "O Pequenino" continua de boca cerrada, lá nos seus pagos, abrindo-a apenas para tomar seu chimarrão ou lançar alguma piada em cima dos adversários — uma piada mais amarga sempre do que a sua bebida predileta.





DUTRA — *Eu nada posso fazer contra o Brigadeiro. Eu sou presidente de todos os brasileiros...*

GÓES — *Mas eu fico contra!*

DUTRA — *Eu não sei bem se isso atrapalha ou ajuda.*

A PARABOLA DA MONTANHA

E sabido que os comunistas não gostam do céu. Não gostam do céu e sempre para eles estão voltados. Na terra estão em luta contra a vontade dos que procuram salvação na prece apegando-se com o imponderável já que do barro que se fez homem não há mais esperança. Isso sem falar nas atrocidades aos bispos e padres da igreja católica.

Também para o alto se voltam em propaganda nos edifícios altos, nos postes de iluminação e nos cumes dos morros. Procuram os montes mais em evidência e lá pregam letras cabationicas, propaganda gratuita, sinal de quem detesta a humildade, o recolhimento e a modéstia.

Por paradoxo, para a doutrinação de sua seita, para aproximação de adeptos do grupo, para maior partidários do credo vermelho vão aos sem cultura, aos ignorantes, aos infelizes que estão em último degrau.

Daí esse jogo de lançar infelizes nos choques ideológicos mostrando que tudo é comum e que o pequeno também pode ser grande um dia e por outro lado procuram os lugares de evidência para americanamente aparecerem pelo cartaz.

Agora mesmo, na Capital Federal, alguns dos caracteres do abecedário foi motivo de pintados nas encostas de morros para melhor satisfazer a propaganda na eleição próxima. Satisfeitos com as letras pregadas em montanha da zona sul. Voltaram-se para outro morro da zona norte onde existe uma favela e por

isso todos aqueles que, não tendo um teto seguro contra a intempérie, seria adepto fervoroso do ou-vai-ou-racha. E com latas de tinta subiram o morro para pregar as três letras denunciadoras da redenção pelo imperialismo russo.

Sempre a provocação em que o plano de propaganda visa a influir as massas incultas e menos favorecidas pela sorte.

Confiados em que todos os favelados seriam adeptos do credo russo, começaram a escrever as letras; e qual não foi o inédito do fato em que o morro todo correu para capturar os pintadores.

Foi um fato verdadeiramente inédito. Por que de sã consciência ninguém poderia supor que os que sofrem, os que passam necessidade de morar em casebre de hipótese fossem pelas suas próprias mãos censurar os que, além de afeiarem a cidade, propagavam uma seita de mentira. Não há igualdade alguma; comunidade é coisa que não existe, nunca existiu e jamais existirá, portanto para longe com os mentirosos, aproveitadores dos momentos tristes, das épocas de necessidade, dos instantes de fome e de amargura, para fóra com os embusteiros. Quantas vezes a polícia é censurada pelos maus tratos inflingidos aos detentos, e, no entanto, naquele domingo de sol de Março, na Capital Federal, na Tijuca, um povo necessitado do morro do Salgueiro deu uma sova em dois bolchevistas mostrando que não se ilude tão facilmente os humildes.

"Pelada" ou Copa do Mundo

O simples choque de vinte e dois jogadores de *foot-ball* entre repúblicas da América Central motivou um movimento desusado das chancelarias, pois Salvador e Guatemala estiveram a pique de uma declaração de guerra. Houve ruptura de relações porque, num *match* de *foot-ball*, ou porque o juiz fosse desonesto ou porque os jogadores fossem desleais, ninguém mais se entendeu e a união dos povos cantada em verso e prosa pelas vias diplomáticas foi esfaqueada.

A realização, em nosso país, dum Campeonato Mundial de *Foot-Ball* tem trazido para as colunas de jornais de grandes países europeus e sul-americanos uma campanha de descrédito que vai além das raízes da ignorância e da maldade, mas também avivando muito de nossos defeitos que não sabemos eliminar.

Pelos constantes agravos e desentendimentos do público, entidades esportivas e jornais sul-americanos mostram arranhões na amizade por uma simples bola de couro. Aliás, conagração entre povos pode se promover num congresso de pediatras, odontólogos, poetas ou professoras públicas mas nunca num prêmio de profissionais apaixonados em que todos esquecem bandeiras e laços de cordialidade quando os olhos estão voltados para os prêmios em dinheiro. A paixão com que se pratica o *sport* (e não é só jogo de *foot-ball*) mostra que descemos muito. Dos jogos de gladiadores tão do gosto da Roma dos Imperadores até nossos dias notamos a curva, pois há sempre os resíduos do paganismo (agora evidenciado pelo existencialismo), e portanto a deturpação dum embate brutal onde deveria existir só recreação. Está provado que *foot-ball* não serve para aproximação cordial dos povos. Quando não são as animosidades do próprio povo com os profissionais visitantes, são as discórdias e todas as exteriorizações de hostilidade entre jogadores provocando conflitos.

A verdade é que o jogo de *foot-ball* nunca foi fator de aproximação internacional, coisa de que as embaixadas e as tarifas alfandegárias falam com mais sabedoria, eficiência e malícia.

Pelos congressos científicos, pela visita de alunos e mestres, pela tradução de livros, peças teatrais, enredos cinematográficos ou exposição de quadros, ou ainda pela música há sempre um trabalho profícuo, sério, decente de intercâmbio cultural e artístico, no entanto bastam noventa minutos de corridas, *shoots* e algumas caneladas para todo o trabalho de cabeça ser desfeito pelos pés.

Era o caso de se indagar porque, quando dois *teams* jogam uma partida denominada amistosa há de sempre haver obstáculos, desentendimentos e brigas. Por que essa falta de serenidade, já não digo da multidão que é sempre inconsciente (latinos: *sangre y arena*), mas dos profissionais que só foram ali para chutar a bola e não a cara do adversário?

A resposta é fácil: o *foot-ball* deixou de ser um divertimento, uma distração para ser simplesmente um negócio. Berra-se, engalinha-se, arreventa-se porque há dinheiro em jogo. Jamais poderá

falar em demonstração de fraternidade quando há interesse de bilheteria.

E quando a grande massa provoca briga é porque o povo demonstra sua falta de educação, o que sempre acontece.

Há tempos num jogo entre elementos nacionais e italianos e há pouco entre cariocas e paulistas não faltaram vozes berçando que o juiz era ladrão, e depois, nas fotografias e cinematografia apresentavam flagrantes da lisura do juiz e da deslealdade dos nossos jogadores.

Estão próximos os prêmios em nossas Capitais pela Copa do Mundo, e precisava haver uma série de preleções não só para os jogadores, porém uma espécie de liga da Descendência ou melhor LIGA DA CONSCIÊNCIA, afim de ensinar o povo a se comportar quando se reunir no Estádio Municipal.

Reparem que os jornais publicam em *manchettes* que, pela primeira vez, os jogadores irão para a "concentração" sem ser necessário vigiá-los, por causa do abu-

so do álcool ou das noites em claro em jogos de carta. A primeira vez sem inspetores de boa conduta. Foi preciso que viessem *teams* estrangeiros em que os atletas andavam soltos, livremente, sem escolta, conscientes de suas obrigações para que chamássemos a atenção de uns barbados maiores de vinte e um anos e dizendo-lhes que tivessem a consciência, dos deveres e obrigações para serem respeitados. O normal é um bedel em cada club para os "infantes" não sujem o refectório...

O estádio é imponente, grandioso; nações americanas e europeias para cá virão preliar para maior interesse e repercussão internacional; jogadores e povo precisam antes de tudo ter noção do respeito mútuo, procurar apresentar a virtude rara da lealdade. Nada de esquecer a cor da camisa, da bandeira e até a própria bola para arrancar "pelanca" da canela do adversário. Nem sempre o vencedor é o mais civilizado.

S. F

"JUIZ DE FOOT-BALL NO RIO? EU NÃO!"

Título e ilustração de um artigo publicado num jornal da zona inglesa na Alemanha

Schiedsrichter in Rio? Ich nicht!



Unglaublich? Ja, aber wahr! Das ist im Fußballstui Und selbst die Aussicht auf ein erstklassiges Begräbnis im Falle eines gleich-unglücklichen Ergebnisses könnte kaum als



Benedito — Escalar a fortaleza é impossível! Tenho que colocar lá dentro um 5.^a coluna.



SANGUE NO HORIZONTE

EMBORA ainda não tenham sido jogados os dados da questão da sucessão presidencial, já se prevê que iremos ter uma campanha política agitada, marcada pelo fogo da paixão e da violência.

É possível. Temos um povo que se sente frustrado em suas aspirações e temos naipes de políticos sem escrúpulo. Por outro lado, temos alguns milhares de comunistas doidos por tirar partido da situação e uma imprensa que já esgotou todo o vocabulário de injúrias, em se tratando de adversários e que não trepidará em caluniar e mentir para provocar violências e exacerbar paixões. E acima de tudo, em cada um dos Estados da Federação, temos uma polícia habituada a desrespeitar as garantias constitucionais e a usar, com demasiada facilidade a borracada, os gases lacrimogêneos, o revólver e até a metralhadora.

Tudo isto junto significa barulho, sangue, selvageria.

E o pior de tudo: talvez aqueles que deveriam evitar que tais coisas aconteçam, estejam interessados justamente em que elas aconteçam.

Neste caso, não teremos mesmo para quem apelar, e o melhor é estarmos preparados para o pior!

QUANDO de sua candidatura ao supremo mando da República, Ruy viu pela frente, a lhe fazer concorrência, o Marechal Hermes da Fonseca. Belos ensejos tinha, fazendo sua candidatura mais vantajosa: o adversário era militar; ele... civil. O militar tinha, em suas mãos, a oportunidade de implantar um regime militarista; Ruy ... jamais.

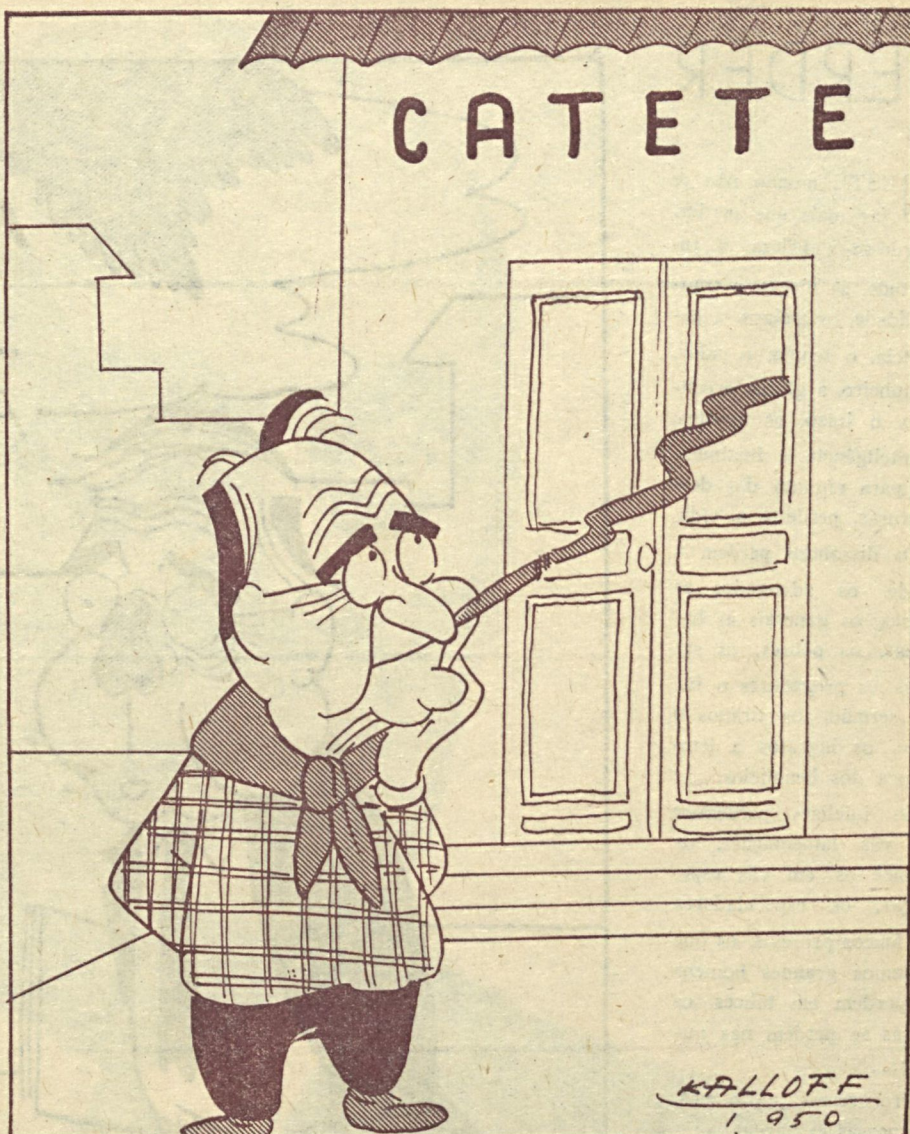
Mas é interessante, num ligeiro parêntesis, observar as duas épocas distintas que, no princípio deste século e no fim do outro, teve a República Oriental do Uruguai:

De 1873 a 1890, o país foi governado pelo que uma *História Pátria* chama de *El Militarismo*. E, de 1890 a nossos dias, pelo que denomina *El Civilismo*.

No primeiro destes períodos, aconteceram fatos curiosíssimos: de "militarismo" o chamam, por dois civis terem governado despoticamente; e por terem o Coronel Lorenzo Latorre e o General Máximo Tajes, restituído a ordem e imprimido progresso à nação. Isto nos faz deduzir que o mal do militarismo, nem sempre é o militar que traz.

Naturalmente, este não foi o pensar de Ruy e se o fôra, não transpareceu: ele julgava por certo que um militar no poder traria conseqüentemente e dum modo bastante natural, a ditadura da classe.

Mesmo assim, não foi o caso de Hermes da Fonseca, por quem, afinal, foi derrotado. Neste governo, em que a agitação provocada por diversas revoluções poderia dar às forças armadas a liberdade de querer pontificar, nada houve. E não estaremos forçando a verdade dos fatos, se afir-



GETULIO — Desta vez a coisa não está fácil. A porta está fechada militarmente...

RUI E O MILITARISMO

N, PORTELLA FERREIRA ALVES

marmos da boa conduta dos militares por aquela época.

Os pósteros ficamos, então, impressionados com a atitude de Ruy, crentes que ele era avesso aos militares.

Mas não o era, positivamente: jamais as classes armadas tiveram tão pujante defensor, tão exeremado amigo e tão desinteressado patrono. E, se nos reportarmos ao ângulo do sentimentalismo, mais uma vez encontraremos Ruy em colóquio com Marte: e é que um de seus filhos, há pouco falecido, era oficial de nossa Marinha de Guerra. Uma pergunta nos advém daí: "Deixaria, um pai, que seu filho trilhasse uma carreira por ele combatida?"

Mas Ruy não combatia nem combateu carreiras. O que fez, sim, e com maestria, foi disferir mortais golpes contra os ismos: militarismo, clericalismo, etc.

É que, contra o militarismo, deve sê-lo todo bom militar. O próprio soldado, é mister convir, precisa compreender a complexidade de sua ação no panorama político da pátria e, jamais, deverá olvidar a definição que nossas constituições vêm dando às forças armadas: *instituições inspiradas na hierarquia e na disciplina e destinadas a manter o regime constituído*.

Assim, sorvendo o ensinamento com que nos agracia a História, por meio de seu personagem Ruy, chega-se à conclusão, por um método socrático mui claro, que o mi-

litar, por lei e por razão deve, ele próprio, opôr-se a seu ingresso forçado em assuntos políticos. Qualquer função que venha a desempenhar no panorama civil será possível, desde que a ocupe por seus méritos para tal — e não pela força de suas estrêlas, por sua arrogância prussiana ou pelo fio de sua espada. Deste modo, estaríamos raciocinando com o cérebro da Idade Média ou para traz desta, quando os Generais vitoriosos, à volta de suas peles, ascendiam ao supremo poder do país, ao contrário de a isso se negarem, o que seria sumamente proveitoso a seu próprio prestígio junto ao povo, sempre indispensável ao soldado.

PERDER

NESTE mundo não se faz mais que perder. Perde-se a beleza, a juventude, as forças, a tranquilidade, os amigos, a paciência, o tempo, o valor, o dinheiro, a glória, a ocasião, o juízo, as apostas, a inteligência e, finalmente, para cúmulo das desventuras, perde-se a vida.

Os dissolutos perdem a saúde, os advogados as causas, os generais as batalhas, os pobres, os sapatos, os pregadores o fio do sermão, os tiranos o sono, os ingratos a lembrança dos benefícios.

Os infelizes perdem-se em vãs lamentações, os ambiciosos em vãs esperanças, os especuladores em loucos projetos, os que julgamos grandes homens se perdem em tolices, os poetas se perdem nas nuvens...

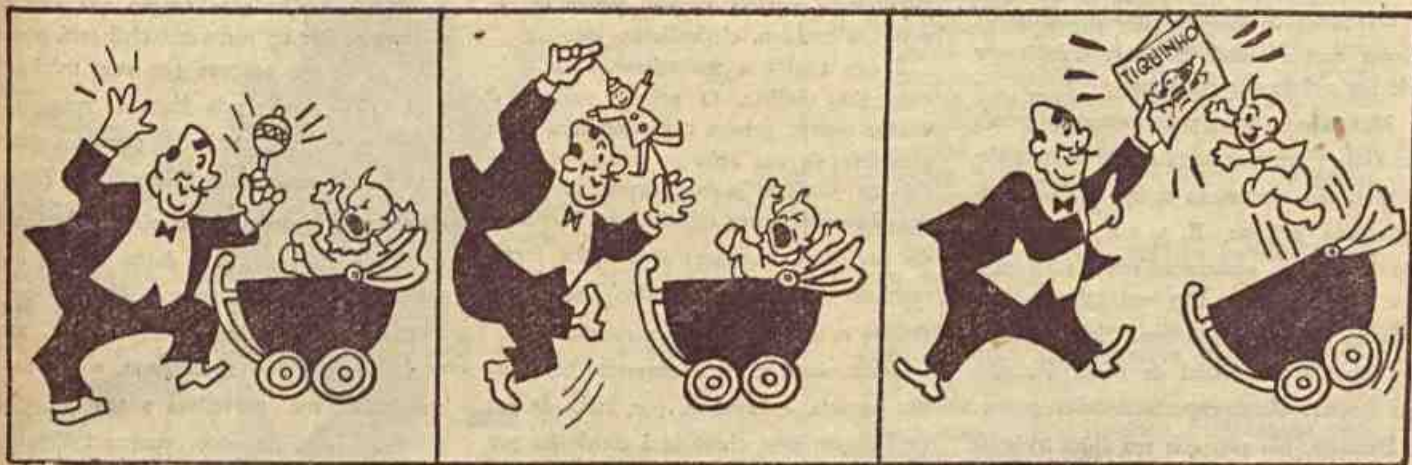
Procuramos ao menos, em nossas amargas perdas, poder dizer como aquele rei depois duma batalha: "Perdeu-se tudo, menos a honra".

Ou como Tito, que julgava perdido o dia em que não se havia feito alguém feliz.

FILIPPO PANANTI



FOI UM SANTO REMÉDIO!!





O CANDIDATO DO P. S. D. E A SIGNIFICAÇÃO DA SUA ESCOLHA

A iniciativa do P. S. D., indicando o nome de Cristiano Machado para a presidência da República, não poderia ter encontrado maior e mais caloroso acolhimento, inclusive no seio dos partidos rivais — o que é realmente de surpreender nos quadros da nossa política, sempre tão exaltada e apaixonada. O nome do conhecido chefe político mineiro chega, assim, ao limiar do cenário nacional cercado da admiração e do respeito dos seus concidadãos, que são, por sinal, quantos esperam ver na primeira magistratura da nação um admirador inteligente e culto, honrado e energético.



HEITOR BELTRÃO — O banquete que os numerosos amigos de Heitor Beltrão lhe ofereceram há dias, nos salões do Tijuca Tênis Clube, resultou numa verdadeira consagração. Participaram da homenagem elementos de escôla da magistratura, da imprensa, dos esportes, da cultura, da política e das atividades econômicas, das classes armadas, dos comerciários e dos industriários. Falaram em linguagem carinhosíssima, enaltecendo a personalidade de Heitor Beltrão 14 oradores, sendo o flagrante que aqui reproduzimos o momento em que o ilustre homenageado agradecia as manifestações recebidas.



O 3.º ANIVERSÁRIO DO GOVERNO LEOPOLDO NEVES — Almoço no restaurante do Aeroporto, a 8 de Maio ultimo, em que os amigos do Dr. Leopoldo Neves, Governador do Amazonas, comemoraram o terceiro aniversário da sua administração. Vêm-se o deputado Daniel de Carvalho, ex-Ministro da Agricultura, Senador Severiano Nunes, deputado Antovila Vieira, deputado Paulo Bentes, sr. Hilton Santos, Dr. Vivaldo Lima Filho, Oscar Rayol, Cordeiro de Mello, Moacyr Mesquita, e nosso companheiro Raul de Azevedo, representante do Governo do Amazonas no Rio de Janeiro.



Gama Filho — 1.º Vice-Presidente (P S D)



Leite de Castro — 2.º Vice-Presidente (U. D. N.)



Murilo Lavrador — Presidente (U D N).

CAMARA DO DISTRITO FEDERAL

Termina a 31 de janeiro de 1951 a 1.ª Legislatura da Câmara da Cidade, cujos Vereadores, em número de 50, tomaram posse em março de 1947.

Cassado os mandatos dos dezoito Vereadores Comunistas, a Câmara do Distrito passou a funcionar com trinta e dois representantes do povo Carioca.

Apesar das dificuldades decorrentes da exigência de "Quorum" estabelecida na lei Orgânica para uma composição mais elevada, os trinta e dois Vereadores têm levado a bom termo a tarefa que lhes tem sido distribuída nas três sessões legislativas correspondentes a 1948, 1949 e 1950.

A primeira Mesa foi presidida pelo Ministro João Alberto, membro do Partido Trabalhista Brasileiro.

A de agora é a seguinte:

Murilo Lavrador — Presidente — (UDN).

Gama Filho — 1.º Vice-Presidente (PSD).

Leite de Castro — 2.º Vice-Presidente (UDN).

João Luiz Carvalho — 1.º Secretário (PTB).

Júlio Catalano — 3.º Secretário (PSD).

Geraldo Moreira — 4.º Secretário (PTB).



João Luiz Carvalho — 1.º Secretário (P. T. B.).

Alvaro Dias — 2.º Secretário (P S D)

Júlio Catalano — 3.º Secretário (P S D)

Geraldo Moreira — 4.º Secretário (P T B).





Senhorinha Maria Elisa Eberle, da Sociedade Caxiense, filha do industrial Julio Eberle, em traje característico dos colonos italianos, por ocasião da "Festa da Uva", recentemente realizada na cidade de Caxias.



Leticia de Figueiredo, uma das nossas maiores artistas do canto, está realizando uma série de recitais nas principais capitais da Europa. Acolhida com os maiores louvores pela critica independente e criteriosa, a cantora brasileira tem obtido os maiores triunfos na interpretação dos nossos melhores compositores. Aqui a vemos quando realisava um recital em Lisboa.

ARTES E ARTISTAS

Zulmiro, Helena Maria e Gauchinho, componentes do "Trio Gaúcho", conjunto dos mais perfeitos do rádio paulista que, possivelmente, iniciará ainda este mês, suas gravações.



Escultora Marion Arnack-Zwetsch, que acaba de realizar no Museu Nacional de Belas Artes sua exposição de esculturas, deixando no espirito dos que a viram, um profundo sinal de admiração pela autora de tantos trabalhos magnificos.

Amplia-se a assistencia hospitalar do I. A. P. E. T. C.



O Presidente Eurico Dutra inaugura o novo Pavilhão do Hospital I. A. P. E. T. C.

dente da Republica, Ministros de Estado e altas autoridades, o Pavilhão de Clinica Traumato-ortopédica do Hospital I. A. P. E. T. C., à av. Londres, esquina da av. Brasil, nesta capital. O General Dutra vem mostrando o máximo interesse pelas realizações desse Instituto, porque o Sr. Hilton Santos não mede esforços para objetivar, no que lhe compete, as ideias do chefe do governo no setor da assistência social. Foi grande o jubilo de todos os presentes, trabalhadores, funcionarios e grande massa popular, quando diversos oradores enalteceram a obra grandiosa do Gal Dutra e do Sr. Hilton Santos, os quais compreenderam admiravelmente as necessidades mais prementes do nosso povo e, particularmente, dos trabalhadores. Aquela solenidade foi a confirmação de que o Presidente do I. A. P. E. T. C. atinge, com o mesmo espirito de empenhimento e desassombro, a fase final da sua grandiosa obra.



O Presidente da Republica é recebido pela multidão que o aguardava para iniciar a solenidade

○ Sr. Hilton Santos tem imprimido em sua administração, como Presidente do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Empregados em Transportes e Cargas, sentido social profundamente humano. Cumpre desse modo, fielmente, o programa de assistência hospitalar traçado pelo governo para os trabalhadores brasileiros. O I. A. P. E. T. C. mantém a maior rede hospitalar e de assistência medica em todo o país, atendendo a muitos milhares de operários, seus associados. Convm assinalar que em 1950, essa autarquia, proporciona a seus segurados 2.758 leitos. Acaba agora de inaugurar, com a presença do General Eurico Gaspar Dutra, Presi-

No Pavilhão de Clinicas Traumato-Ortopédica recém-inaugurado



"ESTRUTURA POLITICA E DIREÇÃO ADMINISTRATIVA DO DISTRITO FEDERAL"



COM o título acima o opúsculo do Delegado Fiscal da Prefeitura desta Capital e nosso antigo colega de imprensa, Dr. Woolf Teixeira, acaba de publicar interessante "história administrativa do Distrito Federal" conforme a frase do Dr. João Lyra Filho, que em carta apresenta um bom prefácio do trabalho em apêndice. Diz a propósito, "O que convém, na ordem do seu trabalho, é a abundância dos fatos recordados e a parcimônia dos nomes, das datas, das cifras e dos cifrões. Na história da administração pública

os homens são julgados pelos fatos que aconteceram por causa dos Governos."

O opúsculo, que encerra cinquenta e quatro páginas, é de leitura amena e relata, mesmo, fatos pitorescos, como na transcrição da crônica de Machado de Assis, sobre o tráfego dos primeiros bondes elétricos nesta Cidade: "Ante-ontem, porém, indo pela praça da Lapa, em um bonde comum, encontrei um dos elétricos, que desidia. Era o primeiro que estes meus olhos viam andar. Para não mentir direi que o que me impressionou mais, antes da eletricidade, foi o gesto do cocheiro. Os olhos do homem passavam por cima da gente que ia no meu bonde, com grande ar de superioridade. Posto não fosse feio, não eram as prendas físicas que lhe davam aquele aspecto. Sentia-se nele a convicção de que inventara não só o bonde elétrico, mas a própria eletricidade..."



Dr. Alvaro Dias, médico de nomeada, influente político de Jacarépaguá, membro da Comissão Executiva do P. S. D. carioca, vereador do Distrito Federal, onde foi eleito este ano 2.º Secretário da mesa.

AMEAÇA

Eduardo Ferravilla, famoso ator comico italiano, morto em 1915, tentou diversas vezes o gênero dramático, antes de formar-se na comédia, mas tal era o seu dom de fazer rir, que provocava gargalhadas mesmo durante as cenas mais trágicas. Conta-se que quando começou a sua carreira, fazia em um drama o papel de um vingador que entra em cena armado até os dentes, para aniquilar o galã. Ferravilla trazia em uma das mãos uma espada e na outra uma trêmula a um desvão da carabina. O galã atira-se sala e Ferravilla exclama, então tragicamente:

— Vais morrer!... Vais morrer! — E num tom mais baixo: — Mas se continuas a te mexer dessa maneira não poderei matar-te, desgraçado!



TEREZÓPOLIS E SEU PROGRAMA DE MELHORAMENTO

TERESÓPOLIS, a linda cidade serrana, tão procurada, no verão, pelos cariocas, que ali vão passar os seus meses de vilegiatura, atravessa uma fase de invejável desenvolvimento. Seus serviços públicos, entretanto, apresentam lacunas que o prefeito atual, dr. José de Carvalho Janotte, vem procurando eliminar.

Para esse fim, está negociando um empréstimo de 14 milhões de cruzeiros na Caixa Econômica do Estado do Rio, dinheiro esse que se destina à criação da rede de esgotos e melhoria dos serviços de água, calçamento e luz.

Um dos problemas de maior importância para aquela cidade é, aliás a escassez de força elétrica. Teresópolis, efetivamente, dispõe de poucos recursos nesse particular, situação que tem contribuído para dificultar o seu desenvolvimento industrial. Não fora essa circunstância e o município poderia contar, hoje, com uma população muito maior, pois ninguém ignora que a indústria cria sempre novos núcleos humanos, que se vão adensando pouco a pouco e beneficiando consequentemente a comunidade.

As obras do hospital S. José, orçadas em cerca de dois milhões de cruzeiros e temporariamente paralisadas, já tiveram prosseguimento, acreditando-se que estarão concluídas dentro de dois anos.

Ligada a Petrópolis por uma excelente estrada rodoviária, talvez a melhor de todo o sistema nacional, Teresópolis, que sempre almejou contacto direto com o Rio, vive agora embalada pela promessa da construção de uma estrada de rodagem, que reduzirá, segundo a propaganda interessada, a percurso entre as duas cidades a 70 minutos de viagem.

Essa rodovia, entretanto, está apenas iniciada e, ainda, que os seus trabalhos fossem acelerados num ritmo sem precedentes, não seria possível concluí-la nestes próximos cinco anos.

Isto, entretanto, não impede que Teresópolis continue a receber a visita anual de milhares e milhares de forasteiros, que para ali vão em busca de repouso e das delícias de um clima verdadeiramente privilegiado, a cerca de 900 metros de altitude.



Diogo Muggiati

É um nome que permanece ligado às gratas recordações de quantos trabalhavam pelo progresso de Curitiba.

Industrial de raras qualidades de iniciativa, foi o pioneiro inteligente e dedicado, do fabrico de calçados no Paraná, dando rumos modernos a esta indústria e impulsionando a prosperidade coletiva.

Falecido em pleno apogeu de sua existência, precisamente quando na Europa procurava adquirir máquinas e conhecimentos que lhe permitissem dar maior expansão aos trabalhos a que se dedicava, deixou o mais forte exemplo de tenacidade e amor à terra.

Seus ilustres filhos — entre os quais o nosso presado colega de imprensa J. Muzziati Sobrinho, redator-chefe da "Gazeta do Povo", de Curitiba, e diretor do Departamento de Expansão e Propaganda do Paraná — orgulham-se de tão digno ascendente.

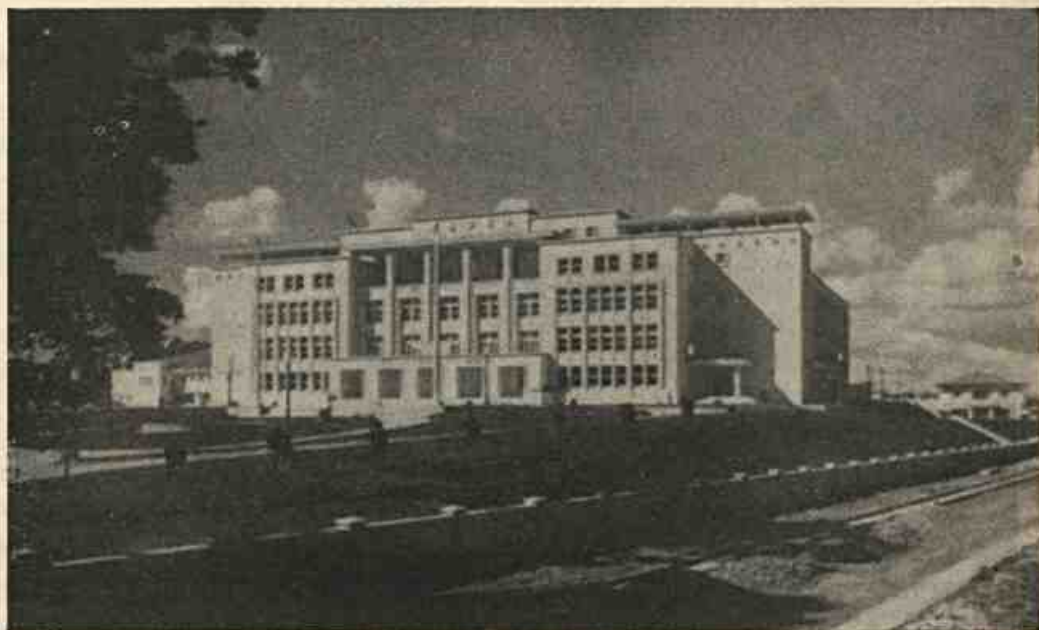
A Câmara Municipal de Curitiba acaba de aprovar um projeto do vereador Myltho Anselmo da Silva, dando o nome de DIOGO MUGGIATTI a uma das ruas da linda capital paranaense.



BRIANI JUNIOR

J. Briani Junior, faleceu recentemente nesta capital onde era muito estimado, dados os seus dotes de espírito e coração. Militou, desde a mocidade, em nossa imprensa, à qual consagrou o melhor de seus esforços. "O Briani", como lhe chamavam, tornara-se conhecido como *turfman*, sendo, no prado, um dos maiores *catedráticos*. Fundara várias revistas consagradas ao sport hípico, entre as quais "Jockey Club".

Colégio Estadual Do Paraná



ENTRE os motivos mais dignos de orgulho para o florescente Estado do Paraná, o seu Colégio Estadual merece ser citado como obra-moção em estabelecimentos de ensino secundário. Traçado sob os mais exigentes princípios de pedagogia, tem capacidade para 2.000 alunos e sua construção abrange 49 salas de aula, além de salas especiais, laboratórios, etc., afim de possibilitar um primoroso es-

tudo de matérias que obrigam a experiências e aulas práticas.

Possue ainda: — um teatro completo, com palco e cabine de projeção, com capacidade para 1.000 espectadores; uma grande biblioteca e um amplo salão nobre, além das dependências administrativas.

As instalações para educação física, correspondem plenamente ao vulto do notá-

vel empreendimento do Governo Estadual, e constam de uma piscina de tamanho olímpico, um ginásio coberto e um campo de esportes com arquibancadas, bem como todo o aparelhamento desportivo necessário a um preparo eficiente.

O Colégio Estadual do Paraná é uma afirmação do alto sentido patriótico que anima o espírito dos seus dirigentes.



DR. STHEL FILHO

Dr. José de Castro Sthel Filho, ilustre ginecologista patriótico, que viajou a 9 de Maio pelo paquete "Anna C", para a Europa, afim de representar o Brasil no XIV.º Congresso Francês de Ginecologia e V.º Congresso Internacional de Cancer em Paris. Aproveitando sua permanência na Europa, o Dr. Sthel visitará os hospitais e clínicas de Lisboa, Madrid, Belgica, Holanda, Inglaterra, Alemanha, Suíça e Itália, visitando ainda ao regressar ao Brasil, Jerusalem na Palestina.



IMAGENS DO FUTURO — A robusta Yara, com seis meses incompletos, filha do Tenente Antero Carlos de Carvalho e D. Cléa Silla de Carvalho.

UM SAMBA DE SUCESSO

GRANDE vem sendo o sucesso alcançado pelo samba "Sou de Circo", de autoria dos compositores Estanislau Silva e Julio Gomes, gravado em disco "Star" pelo cantor Roberto Silva.

E' a seguinte a letra da festejada composição:

1.ª

Eu já gostei da Emília
da Lourdes e Conceição
Tereza era a melhorzinha,
morou no meu barracão
Mas mesmo assim eu mandei
aquela também ir embora
a beleza da Tereza
ia me jogando fora.

2.ª

Mulher é sempre um problema
difícil de resolver
quem não jogar com a sorte
não adianta escolher
Por isso deixei todas quatro
e ouço a voz da razão
si eu não fôsse de Circo
era a minha perdição.



Julio Gomes



Estanislau Silva



ESPORTES E ELEGANCIA — Dois flagrantos colhidos no prado do Jockey Club, durante as corridas ali realizadas na tarde de um dos últimos domingos de Maio.

Sonho Vão

A Belarmino Viano

*"As raposas têm as suas covas e as aves
dos céus os seus ninhos, mas o filho do
Homem não tem onde reclinar a cabeça."*

S. Lucas

O cântico dos deuses jaz no fundo
Dos vis anseios mal adormecidos...
E o viajor cansado, pés doridos,
Vai seguindo ofegante e gemebundo.

Exausto, a caminhar por este mundo,
O peregrino pára e, todo ouvido,
Escuta o palpar dos seus sentidos
Lá no recesso do seu "eu" profundo.

E o ruído caminheiro desta vida,
Que percorre a vereda adusta e amarga,
Não encontra sossego nem guarida.

Não tendo conseguido saciedade,
E trazendo na mente densa carga,
Espera repousar na Eternidade.

B. EDUARDO FRAGALI

Eterna Primavera

Existe encanto, vida, inspiração
No verde mar, na constelada esfera
Nas campinas em plena floração
Quando resurge excelsa a primavera.

Há em tudo suprema exaltação
No pássaro que canta a mais sincera
A mais pura e magistral canção
D'uma vida de sonho e de quimera

O roseiral florido e perfumado
Vibra, palpita e freme de contente
Sempre que o beija o colibri doirado

Assim também nós dois minha querida
Quando trocamos beijos ternamente
Sinto primaveril a nossa vida.

AFFONSO LYRA

A Rui Barbosa

Quando expiraste, fulgurante em glória,
o céu rejubilou-se ante a conquista
de mais um Ástro, a deslumbrar-se a vista,
de excélsio gênio e de invulgar história.

Chorou, ao teu tombar, a Humanidade,
com o golpe fatal, pesado e bruto,
e a nossa Pátria, envolta em denso luto,
cherou, também, na angústia da saudade...

Porque, tu sempre foste, na verdade,
o sábio cicerone no Senado,
o defensor do humilde escravizado,
um preocupar da nossa liberdade.

Nas letras, foste o máximo expoente;
na política, o crâneo varonil;
na Justiça, o jurista resplendente;
no mundo, sempre, a glória do Brasil.

Dorme, pois em teu túmulo sagrado,
sobre os preciosos louros do talento,
enquanto teu espírito opulento
adja com teu nome venerado.

VICENTE MAURANO

Outono

Eis-te chegado, enfim, às minhas portas,
sob a váia frenética dos ventos,
com teu cortejo de esperanças mortas,
e mortos sonhos, mágoas, desalentos.

E as árvores despindo, não te importas
de as expor à rudez dos elementos,
Outono triste — que a alma desconfortas
com a desesperação dos teus lamentos...

Nas tuas frias tardes taciturnas,
contemplo as ruas êrmas e soturnas
através das vidraças das janelas.

E, desvairadas, trágicas, sombrias,
bailam, dentro de mim, as agonias
como, lá fóra, as folhas amarelas...

MANOEL MOREYRA



OS quarenta anos, o gerente de fazenda Terêncio Pacheco, que viera da enxada, resolveu deixar de ser empregado dos outros, farto de sofrer e ver miséria. Vendera o que possuía em Minas, e meteu-se logo num trem com mulher e filharada, rumo a Goiás, fiado no provérbio "muda de terra que modará de sorte". Saltou numa estação qualquer, sob a inspiração dos gênios da aventura.

Uma vez na cidadezinha, pôs-se a procurar quem sabia de um sítio que estivesse para vender. Sítio, sim, pois, embora barato o chão em Goiás, não lhe bastavam os haveres para adquirir uma fazenda.

Qual não foi seu espanto no receber informação do preço baixo e facilitado de vasta propriedade no meio do município, com bons campos, melhor cultura e ótima aguada! Demanda? Não. O defeito da fazenda não lho esclareceu o aflito vendedor, mas o povo da roça: era mal assombrada, nela aparecendo o diabo, u'a mula sem cabeça, fantasmas horripilantes e outros prodígios que tinham já roubado calma, juízo e até vida da gente dos seus sucessivos donos, que nela nunca demoravam mais que mês.

Terêncio sorriu, e só aí achou explicação para a cara assustada do vendedor. Resmungou que "uberabense medroso nasce morto ou se enforca cedo". E comprou as terras, sacudindo ombros aos conselhos da mulher e das recentes amizades.

Na mesma noite da mudança, ele e a família ainda arrumavam trastes quando ouviram gemidos e pragas em volta da casa. Terêncio safu com seus rapazes, nada encontrando. — "São almas fazendo serenatas!" — chalaceou para Marina, a mais velha das filhas, que, mais que todos, o interrogava com os belos olhos negros vidrados de susto.

Dormiram em paz, salvo um barulho de correntes que atemorizou as moças. No café da manhã, Terêncio, ouvindo-as, replicou-lhes que lá deixassem as assombrações com seus gulsos.

A mulher e as jovens viram preocupadas acabar o dia. Conforme uns vizinhos, na segunda noite era fatal a visita do diabo. Espôsa de anterior proprietário abortara, e a filha do outro enlouquecera, na presença do Príncipe das Trevas!

— "Devemos recebê-lo, gente, que ele não há de ser tão feio quanto se pinta!" — acalmou-as o mineiro.

A meia-noite, a família se achava em serão: a dona da casa concertando roupa, Marina escriturando os livros da fazenda, as demais moças e os rapazes debulhando feijão ainda plantado pelo ex-dono, Terêncio fazendo contas e cogitando da admissão de trabalhadores. Sob a luz amiga dos candieiros. Muita paz: até no rosto do caçula, que dormia no colo da mãe ocupada. Fora os sons surdos e sonolentos dos sapos e grilos bailando nas brisas noturnas.

Súbito, Marina sobresaltou-se. Ouvira um tropel que se aproximava. Todos se ergueram, menos o uberabense. Só quando passaram a soar desabaladamente na porta os nós dos dedos de — de quem se sabia lá?... — é que Terêncio se levantou, de revólver na mão. Os filhos o seguiram, embora trêmulos.

Gelaram-se todos ao novo batido imperioso... e mais quando o chefe da casa abriu de chofre a porta e nela apareceram, de horrenda cara vermelha e chiifres, de olhos rútilos e garfo em punho, nada menos que Satanás! Gritos de pavor, e Marina caiu desmaiada entre mãe e irmãs, chumbadas pelos pés ao solo e pelos olhos ao sinistro personagem, majestoso no silêncio de morte que sua presença impunha à sala.

Mas o pismo não empougou absolutamente a Terêncio, e sim ao recém-chegado, pelo convite calmo e cortês para que entrasse.

Ao mesmo tempo que a porta retornava ao lugar, o mineiro passou a aplicar no demônio o decidido exorcismo do vigorosos bofetões. O tridente caiu no chão e ao — Jesus — da fazendeira, a carantonha rubra se desmanchou em pedaços de cera pintada. Em vez da medonha visita, um jovem, abobalhado e suplicando misericórdia, defrontava agora Terêncio, que ordenou em tom gascão:

— "Amarrem este pobre diabo e joguem 'ele' no paiol!"

Acabavam os presentes de reanimar a mocinha, que se espantou houvesse o pai quebrado a cara do Demo, e ainda comentavam o ocorrido, ao ouvirem, nos fundos da casa, outro galope, êsse frenético e de vai-e-vem. Correram para lá. — "Agora deve ser de verdade!" — dizia a garota Lenita à mãe, que nem por nada quisera deixar na casa o pequerrucho.

Sob a luz escassa do crescente, viram u'a mula sem cabeça, legítima, a galopar doidamente de um lado para outro, a corcovar e a empinar-se, relinchando como desesperada.

— "Sem cabeça, mesmo, papai!" — balbuciou, transida, Marina.

— "Tanto melhor para receber o laço, minha filha. E, assim mesmo, rincha, não está ouvindo? João, aquelas cordas, depressa!"

O fazendeiro desceu ao pátio. Recebido o rôlo, boleou o laço e jogou-o. Puxando-o, transformou o temor geral em uma gargalhada uníssona; a "aparição" não era mais que cavalo preto todo pintado de branco, menos na cabeça invisível no escuro! Já as moças davam risadas e apenas a fazendeira ainda se mostrava apreensiva:

— "Terêncio, dê graças a Deus por até agora ter sido assim, talvez brincadeira de gente pândega daqui de posto. Mais tarde... quem sabe?..."

— "Quem sabe?..." — repetiram as raparigas, contagiadas.

Dispunham-se a regressar para casa quando, lá para os roçados, surgiram fogos esparsos, e luzes verdes que corriam de um lado para outro, tal como a mula. No ar, fortes barulhos de cadeias, acompanhados de lamentos e imprecações. Tudo cenário para enorme fantasma branco, que veio a gritar com voz arrastada e lúgubre: — "Saíam daqui, desgraçados! Saíam do que é das pobres almas penadas! Não de morrer um por um nas nessas terras, malditos! Não de morrer!"

— "Cruz, credo!" — bradou a fazendeira, apertando ao peito o garoto, que acordara chorando.

Já Terêncio e os filhos, tendo apanhado cajados, se adiantavam na direção do estranho vulto, que recuou meio desconcertado, mas logo foi atingido por sólidas cacetadas. Aos olhos de todos, desabou o duende de compridas pernas de pau, envolto nos seus lençóis e correntes. Era um homem, que pedia graça aos incansáveis espancadores. A ele se juntaram, trazidos por dois dos rapazes n'a mulher e um velhote, todos agitando nas mãos trêmulas lanternas verdes e fachos de resina.

— "Vamos para o paiol!" — comandou Terêncio as seus e as assombrações.

O interrogatório esclareceu todo o "bruxedo". Quinze anos antes, a família dos "fantasmas" herdara do pai vivo aquela propriedade. Mardraços e doidivas, êsse os irmãos cedo a tinham perdido por dívidas. E logo lhes ocorrera o plano de, espantado um por um dos compradores, fazerem as terras baixarem cada vez mais de preço até que as pudessem de novo adquirir.

A FAZENDA
uma assombrada
— EDUARDO CORRÊA —
— Ao comendador Godoffredo D'Andrea —

Com a serenidade dos fortes, Terêncio os encarou friamente e perguntou-lhes se não sentiam remorsos de tanto mal causado. Eles, cabisbaixos, responderam que sim, mas não tanto como o horror de nunca mais possuírem fazenda: — "Ser enxadeiro, "coronel", é a maior das desgraças!"

— "Nem fazenda, nem enxada, amigos, porque amanhã vou entregar vocês ao delegado!"

Interveio Marina, abraçando-se ao pai.

— "Ah! Não faça isso, papai! Fritados! E ainda mais o "diabo", tão molinho ainda!... Até nós teríamos feito o mesmo! Não os entregue, papai!"



Pacheco, já próspero e sessentão, narrava essa história só raramente e a amigos de muita confiança. Uma razão, a de não ser de muita conversa. Outra, a de, como valente de verdade, não gostar de fanfarronadas. E a última, a que me reve-

lou numa tarde, quando tomávamos cerveja na confeitaria e bar da cidadezinha, esperando cessar a chuva que nos nublava dos olhos coreto e canteiros do jardim da praça:

— "Depois, eles ficaram na fazenda como empregados, bons empregados, diga-se. Sabe que não sou de explorar, ninguém e

eles voltaram a ser donos de fazenda. Com um dos tais, casouse a minha Marina, tornada por sinal mulher do diabo. Creio que o senhor conhece meus netos diabinhos, não? — troçou ele, no seu riso franco e viril, a acender um caprichado cigarro de panha.

Do livro em impressão "CONTOS DE AGORA E DE OUTRORA").

O TRIBUTO DOS QUE COABITAM

HA' algum tempo, em conversa caseira, chegamos a uma conclusão que me pareceu bem certa.

Muitas são as modalidades desse tributo: em primeiro lugar consideramos o da amizade retribuída; para esta classe, não há condições, não há limites: tudo é tolerado, tudo é até agradável, qualquer que seja seja a exigência de parte a parte. Há uma espécie de vínculo que torna o jogo de paciência um prazer, mas, é tão difícil a reciprocidade completa e absoluta, sem restrições, sem renúcias, etc...

Em todo o caso, é essa espécie a primordial, o que por excelência marca o estigma da família e, da família feliz...

Adiante consideraremos a contribuição de gratidão ou mesmo de amizade de uma das partes, embora não retribuída: como exemplo citaremos uma família, grande ou pequena, isso não vem ao caso, em que há um parente rico que a beneficiou em tempo; acontece, porém que, por um desses "vai vêm" do destino, a fortuna se modificou e apareceu a necessidade de, por gratidão ou por amizade mesmo, aquele parente vir parar em casa dos seus antigos protegidos. E' ótimo quando ele compreende a sua situação e não abusa dela, procurando ajudar na medida de suas possibilidades. Entretanto que pesadelo, quando se tornem espetaculares em seus discursos, lembrando tempos passados e, abusando dos seus direitos adquiridos, se torna um algoz exigindo até o impossível dos que o hospedam...

Vamos agora pensar nas famílias atuais, em que todos se ocupam fora do lar, moças, rapazes, todos enfim, têm sua colocação lucrativa, já se vê. E' bem razoável que, embora em casa de mamãe e papai, queiram contribuir com uma pequena parcela de seu vencimentos, afim-de-que se acostume a saldar os compromissos.

Julgo ser erro quando o papai diz "não, meu filho, não é necessário, fique com todo o que é seu". e depois? Acostuma-se o moço àquela vidinha folgada e, se houver uma urgência, ele julgará sempre estar fazendo um grande favor em prestar seu auxílio. A ultima hipótese então, não há necessidade de comentários porque quando não há amizade ou gratidão, a remuneração monetária está sempre de acordo com o parecer do hóspede e seu hospedeiro. Não há possibilidade, entretanto, é de coabitar sem nenhuma retribuição seja qual for, embolsa a pequena parcela de amizade de uma das partes. Estarei certa? Oxalá, pois é este o meu ponto de vista.

STELLA THEREZA

MULHER! SEMPRE A MULHER!



OR mais que a História registre e guarde nomes ilustres de escritores célebres, a sua maioria homens, cuja imaginação creadora engendrou romances, dramas, tragédias, comédias e farças que se tornaram imperecíveis porque seus personagens "ficaram, na lembrança e na admiração do mundo, "vivos" e "eternos", quer queiram quer não queiram, a mais fútil pena do mundo, o maior talento para a composição de enredos alegres ou trágicos, enfim, o maior "escritor" eterno é... *escritora* e chama-se — *Vida*!

Quem melhor do que essa imaginativa creadora de palpitantes páginas de romances amorosos que atravessam os séculos, sempre renovados, sempre, ou quase sempre, com os mesmos personagens, apenas com nomes trocados, agindo em ambientes diversos, conforme o espírito das gerações que se sucedem?

Quem melhor do que essa "escritora" sabe arquitetar efeitos de paixões humanas que, ora sublimam ora rebaixam os que as sentem, e como as sentem em gerais superlativos, sem o querer, saem da indulgência dos que se movem no mundo levados pelos instintos e sentimentos garantidores de eterna renovação da espécie, e vêm à tona dos meios sociais gravitam, como folhas reluzentes que as aragens não conseguem desfazer, para fixarem-se como personagens, "de carne e osso" dos romances comoventes, que acabam ficando símbolos eternos?

Quem melhor do que a Vida sabe escrever as horrendas tragédias que se desencadeiam de paixões contrariadas, criando personagens tetricas, que se desenharam nas páginas simbólicas dos livros que ninguém pôde ler, mas que todos entendem, com traços rubros de sangue e expressões de loucura e de ciúme?

De certo que ninguém!

Nenhum poeta, nenhum dramaturgo, nenhum romancista, por mais extraordinário que tenha sido, seja ou venha a ser, foi ou é capaz, de criar nada que a vida já não tinha apresentado, creado, fixado, ficando, assim, todos esses talentos consagrados como meros copistas, ou estilizadores das realidades que ela nos oferece.

No terreno dos romances de amor, então, ela é tão fecunda creadora de enredos velhos com aparências de novidades palpitantes, que chega a ser incrível sua prodigiosa produção!

Rapidamente, olhemos, por exemplo, as apresentações das "novidades" romanescas aparecidas nestes últimos tempos nas iluminadas vitrinas do mundo, e aninadas por essa extraordinária escritora: *O Romance Escandaloso de Gila*; *O Romance inspirado de Ingrid*.

Belas edições originais, depois revistas e aumentadas pelos editores em suas oficinas divulgadoras, montadas sobre fios telegráficos.

Interessante, mas um pouco banal, a história de atriz de cinema, especializada em divórcios na vida real, que teve a astúcia de se fazer princesa de verdade e de ser mãe de uma princesinha autêntica.

Imprevisto e, de algum modo interessante, o episódio amoroso da artista que se desdobra em exemplo vivo de mãe e esposa exemplar, e que o feitiço de amor-paixão transformou em bigorna onde batem, impiedosamente, os malhos de quantos só vêm o argueiro no olho de alguns visinhos.

Porém o mais belo e o mais sólido desses romances que surgem à luz da publicidade para afirmar a eterna presença do Amor, é ainda, em nossos dias, o da bela e elegantíssima americana que tirou um Rei de um dos mais poderosos tronos do mundo, para dele fazer um esposo, — a Sra. Duquesa de Windsor.

Passam os anos. Mudam-se os tempos. Muitas coisas aparecem e desaparecem rapidamente, mas o lindo romance de amor em que a Vida colocou como personagem uma americana vinda do povo mais democrata do mundo, e um Rei que renuncia ao Poder sobre um imenso Império, "por amor de seu amor" continua vivo e firme.

E a Sra. Duquesa de Windsor, já bem perto da velhice, ao lado de seu amado esposo, sempre Mulher! Sempre a Mulher! na lealdade de seu amor, na pureza de seu sentimento, cultivando a felicidade que conquistou, apenas com o coração!

IVETA RIBEIRO

MENINOS DE ROMANCE

(YVES, JEANLIN e ALFREDO)

YVES não é, apenas, o principal personagem, mas, o livro inteiro. Faz-nos pensar, arrasta-nos àquela apatia de criança precoce, prende-nos àquela atmosfera de sonhos impossíveis.

Yves não pode dormir sem que a mãe o vá beijar. E nós o vemos em seu quarto, soluçando, e, já em sua idade, cheio daquele cepticismo que lhe permitia sentir o que outros imaginavam, somente. O "petit nigaud" de Mauriac não morre ao voltarmos a última página, nem se deixa sepultar numa estante. Fica conosco, acompanha-nos em nossas reflexões... E pensamos nele. E sentimos vontade de escrever sobre ele, examiná-lo, esmiuçar-lhe a alma...

Espírito adulto em corpo infantil, Yves simboliza a criança introspectiva, vivendo num mundo de sonhos impossíveis, procurando nos versos, confidente para as maguas.

Yves Frontenac destina-se à galeria dos tipos imortais, e, talvez, um dia, ao citarem Alceste ou Grandet, lembrem-se da estranha figurinha que o gênio de Mauriac introduziu num dos grandes romances da moderna literatura francesa.

Jeanlin, o sórdido Jeanlin, de Zola, repugna-nos, revolta-nos, entenece-nos.

Odiamo-lo ao vê-lo correr os trigais, com os companheiros, mas, admiramo-lhe a inteligência, ao descobrir-lhe o esconderijo na velha mina, sofremos, até, ao sabê-lo soterrado pelos escombros.

Jeanlin é uma espécie de homem primitivo. Aprende, sozinho, as coisas do mundo, distingue, sem que lhe ensinem, o "bom" do "ruim", vive, enfim. Desprovido de qualquer carinho, jogado ao mundo para comer e dormir, cedo compreende que vence o mais forte, o luta, e ultrapassa todos os outros. Para ele, existe o único e grande objetivo: Eu, primeiro EU, EU, somente EU, sempre EU!

Alfredo é brasileiro. Nasceu no Pará, cercado pelas águas sujas das enchentes, vivendo nos campos queimados de Cachoeira.

Nele tornamos a encontrar essa espécie de saudade sem causa, esse desejo de voltar a ser o que nunca foi.

Quer deixar aquelas terras, aquela chalé que era "uma ilha banhada de vento e chuva"... Sonha. Sonha com capital, com uma escola, com roupas limpas...

Dalcídio Jurandir, com seu livro de estreia, dá-nos uma série de personagens intensamente reais, gente que sofre, que chora, que sucumbe devorada pelo meio em que vive, pela natureza "que de tão exuberante, torna-se má", como disse Omer Mont'Alegre.

Dá-nos esse Alfredo incompreendido, esse "menino ferido", a quem, instintivamente, sentimos vontade de ajudar, tornar-lhe realidade os sonhos que, apenas, vislumbra através daquele caroço de tucumã.

Fazer com que os desejos de Alfredo não lhe caíam pelos campos, como "borboletas mortas"...

JOSÉ DÉ OLIVEIRA NUNES

CONTINUT O OBSESSÃO

HORMINIO LIRA

COM a invasão dos bárbaros na Idade Média, caíram no abismo todas as manifestações da civilização ocidental; entre-tanto, com a fusão de raças subjugadas e conquistadoras, surgiram modernas nacionalidades, entre estas existindo uma, e não é ilícito mencionar-se-lhe o nome, na qual se destacou, muitos séculos após, um cidadão de rara conduta, invejável talento, mas de origem obscura e humilima.

Fôra educado por família poderosa que dêle se acercara com a admiração pelos seus dotes morais. Quando jovem, apaixonara-se pela primogênita do casal protetor, e esta como que o respondera na afeição; porém, no decorrer dos tempos, sob manifesta oposição dos pais dela, uma longa ausência fê-la esquecer-se do jovem apaixonado e dedicar-se a outro, cuja família muito amiga e muito opulenta em pecúnia se esforçara em aproximá-los, a-fim de vê-los numa íntima união.

Ninguém sabe que torturas sofrera com a desilusão do primeiro amor, mas bem se observa haver fechado o peito a sete chaves. E nunca mais outra moça lhe despertou novo afeto.

Decorridos anos, quando no apogeu da vida pública o apontavam como salvador da Mãe-Pátria, amigos pretenderam aproximá-lo de outra gentilima senhorita do escol social, a quem vinha dedicando atenções mas por mera cortesia, pois esta não lhe tocara na corda sensível.

São grandes os exemplos de civismo que vem dando e maior é o apreço em que se lhe tem a pessoa, merecendo a estima geral pelas virtudes, pelo caráter firme, não obstante a catilinária da natural oposição com um dique, construído de argumentos, a torrente dos seus atos governamentais.

Vive, com o Sol cercado de astros luminosos, discutindo gravemente problemas sociológicos relacionados com a vida contemporânea, problemas nacionais para enfrentar as finanças do país, dotado de arável campo que o viajor sublima; e todo o pensamento perde-se no sonho de opulenta-lo com a feracidade do solo, sendo-lhe a indústria agrícola a principal riqueza, e na ansia de os compatriotas o auxiliarem no grande empreendimento da geografia econômica do Estado, favorecido pela terra fecunda mas fértil quando bem agricultada, para as searas virem a ser floridas a-fim de pagar-se depois o suor do lavrador com verdejantes e ubertosas messes.

Muitos anos passou, vendo a todo o instante a mulher dos seus encantos, cujo nome sem cessar repetia, e a quem de vez enxotava do pensamento, como se faz a volátil e impertinente inseto; mas a obsessão venceu qualquer resistência.

E assim vai seguindo o seu caminho, honestamente ao dever acorrentado, com o cérebro cheio de idéias e o coração vazio de ilusões.



KRISHNAMURTI

A humanidade atravessa uma grave época. A civilização está em plena solução de continuidade. A história humana toma novo rumo.

Para compreender isto, é necessário apenas saber encontrar a analogia da actual fase histórica com as precedentes.

A última grande civilização cedeu seu curso ao peso da corrupção moral que se repete na actualidade. E agora, novas fontes de conhecimentos vieram substituir as velhas. Novos ideais já sentimos no presente.

Para os que estudam o curso da história humana o presente momento histórico contém todas as evidências do fim da actual civilização.

Vieram novos instrutores em todos os ramos do conhecimento humano. Artistas, pensadores, inventores e políticos, já deram início a reformas, sem falar entre eles — os de pensamento mais elevado.

Vitor Hugo, Pasteur, Santos Dumont, Marconi, Tolstoi, Chandy, e, precisamente nos dias actuais o iluminado Krishnamurti.

Este grande pensador e reformador de mentalidades, acha-se presentes ao fim desta civilização de competição, crueldade e hipocrisia. Há trinta anos ele vem percorrendo o mundo, falando à sensibilidade de espíritos dos quatro continentes. Sua palavra é inconfundível ao comparar-se com a dos demais homens apenas portadores de conhecimentos. Pode-se afirmar que ele fala uma língua acima dos conhecimentos. Pode-se afirmar que ele fala uma linguagem acima dos conhecimentos, porque atinge a sabedoria.

O autor destas linhas, que desde há vinte anos está em contacto, por leitura dos seus ensinamentos, e por cartas, vem responder, nas linhas abaixo tanto quanto pôde compreender, algumas perguntas sobre os ensinamentos daquele grande instrutor da humanidade.

UM GRANDE INSTRUTOR DA ATUALIDADE

(POR BELARMINO VIANA)

P. — Que ensina Krishnamurti? Uma Filosofia, uma Religião, um sistema ideológico de pensar?

R. — Nada disso contém o seu ensinamento, que não é constituído de fórmulas móveis ou estáticas preconcebidas. Ele fala-nos da vida no seu aspecto criador no eterno presente.

P. — Mas, qual o sentido que nos dá, qual a maneira pela qual ele expressa a vida, que não seja por meio duma filosofia? Não é da natureza das substâncias que ele fala? — Se não é, então como pode explicar a vida?

R. — Justamente este é o ponto fundamental do ensinamento de Krishnamurti. O que ele expressa não é uma inovação criada para ser seguida filosoficamente, doutrinarmente. Ele diz que a Verdade, a Realidade ou Deus, como queiramos chamar, é um aspecto eterno, sempre presente na inteligência do homem. Somos nós que mudamos de fórmulas e passamos sem compreender a Verdade. Fala do que existe e sempre existiu manifestado. Aponta causas e origens sempre presentes no pensamento criador. Diz que, para falar do que existe e sempre existiu, não são necessários sistemas filosóficos nem doutrina alguma. Os sistemas — são criações dos intermediários entre a Realidade e a ilusão. E os intermediários são sempre os deturpadores da Verdade. Afirma que o mundo é Vida, e Vida, na expressão essencial do pensamento do homem significa: entendimento — intrepidez e amor.

P. — Qual a utilidade fundamental do seu ensinamento?

R. — Seu ensinamento consiste em expressar fundamentalmente a Verdade. Por isso, seu pensamento apresenta-se revolucionário, permitindo a formação duma nova e esclarecida mentalidade nos que o compreendem. Deve o observador começar por capacitar-se do seu próprio estado de limitação; deve despertar sua verdadeira compreensão, pois, o que chamamos compreensão, em regra não ultrapassa os limites dum condicionamento criado pela instrução a cultura em moldes tradicionais, estáticos. Atendido este ponto, pode o observador dar início a um novo processo de compreensão da sua entidade e aprofundar-se na verificação da sua personalidade, do seu "eu", por onde chegará, por fim, ao completo esclarecimento da sua natureza interna; disto resultará a penetração num novo mundo ainda oculto para sua mente condicionada pela crença, a tradição ou a descrença.

P. — Nega Krishnamurti a existência da individualidade no homem, a existência duma ordem inteligente em todas as causas?

R. — Para descobrir e compreender o incommensurável, o iluminado mundo do qual o homem é parte integrante, é necessário entrar em contacto permanente com o pensamento de Krishnamurti. Não falando ele através de nenhum conhecimento religioso ou filosófico, mas directamente de Mente para Mente, somente es-

tabelecendo um contacto intensamente inteligente, onde entre em função do pensamento, o apercebimento e o discernimento, pode colocar o interessado em condições de entender a grande e única Verdade da qual ele nos fala. A Natureza, ou Vida, é sempre a mesma, os sistemas é que variam de acordo com o interesse e o condicionamento de cada um.

P. — Por onde deve ser então começado o primeiro contacto com o seu ensinamento?

R. — Há trinta anos mais ou menos Krishnamurti está falando ao mundo. Começou entre os teosofistas, na Índia e na Europa. Há vinte anos passados, desligou-se ele de todas as organizações donde costumava falar, desde Nova Zelândia — Austrália — Índia — Europa e Américas; depois, livremente, sozinho, isto é, falando sua própria linguagem continuou realizando palestras e conferências, onde esplanava seus penetrantes e inconfundíveis ensinamentos, os quais trazem um sentido que paira acima de todos os condicionamentos culturais e tradicionais. Por qualquer uma das suas palestras e conferências, o leitor interessado, encontrará uma porta por onde possa entrar para o manancial da sabedoria.

P. — Que diz ele sobre a ciência.

Não a considera como expressão de maior grandeza do espírito do homem?

R. — Porque devia ele considerar a ciência como a maior expressão do espírito do homem? A ciência é apenas uma das expressões uma das faces das atividades do homem que pensa. Muitos outros aspectos além da ciência, da arte e da poesia, ainda estão em ponto morto, sem atividade nas cogitações do homem. Faz parte do seu ensinamento, o despertamento do homem para os outros aspectos onde será encontrado o interesse pelas relações mútuas com os seus semelhantes, onde a ciência, a arte e a poesia a serviço das relações formarão a unidade de interesse pelo todo que é o mundo e sua humanidade. A ciência é um aspecto do desenvolvimento mental do homem, porém, como ainda não faz entender a totalidade, a unidade da Vida inteligente, apenas tem servido para limitar a sua liberdade e felicidade.

Nem os mais cultos homens, portadores do maior conhecimento científico, ofereceram a presença da bondade como consequência da sua ciência.

Muito ao contrário, quanto mais a ciência produz maior é o empregado da dade na vida de relações humanas. Não há mais saúde, mais alimentação, mais transporte, mais harmonia, mais paz entre os homens, mesmo quando poderosamente instruídos. Mesmo através da propalada cultura do homem civilizado, não há amor, tolerância, boa vontade nem cooperação entre as sociedades humanas. Ao contrário, quando o homem se julga culto, maior é a sua ambição e violência, simplesmente pela crueldade gerada pelo medo de perder

a posse dos bens dos quais se apossou pe a astúcia ou pela ignorância da Verdade.

P. — Nega Krishnamurti o valor das instituições sociais em benefício da humanidade?

R. — O ensinamento de um espírito como Krishnamurti, não é contra nem a favor das instituições criadas com o propósito de beneficiar a humanidade. O que ele mostra, com meridiana clareza, é a ausência desse benefício. Um homem cujo entendimento está limitado somente pela cultura, não sabe reconhecer a absurda igualdade na ação criminoso perante a Vida, quando mata um boi, um semelhante ou milhares de criaturas na guerra. O homem nesse estado de compreensão, ainda não vive, ainda não pensa pela Inteligência, e para ele é coisa hereditária. Com o entendimento assim limitado, preso pela cultura, podem ser criados quantas instituições quizerem, e a miséria e a crueldade em todos os aspectos permanecerá triunfante. Com essa mentalidade as instituições tornam-se úteis somente aos que as dirigem. Não é por outros motivos que a humanidade está em confusão e sofrimento.

P. — Se não é uma doutrina nem uma filosofia o que Krishnamurti está explicando ao homem do século XX, que título poderemos dar ao seu sistema de pensamento?

R. — Estamos com a mente tão condicionada por fórmulas organizadas de sentir e pensar que, se nos falarmos de alguma coisa não condicionada, não limitada, não sabemos entender. Por isto não podemos compreender de pronto o pensamento da liberdade e felicidade pelo entendimento. A Vida, que é inteligência, Intredez e amor está aprisionada nas mentes pelas capas de memórias fixas. Isto, porém, não é viver, não é pensar. Nestas condições, encerramos o mundo de acordo com preconceitos de classes, de posses e de autoridades. Podemos ser, de certo modo o resultado de tendências, mas a grande Realidade, é que somos fundamentalmente a Vida inteligente, e a inteligência não é coisa hereditária, é a própria Vida.

Nenhuma base teremos para pensar corretamente, para sentir a Vida, a Realidade em nós próprios, enquanto não compreendermos a unidade da vida na sua plena manifestação inteligente. Quando entendemos a unidade, temos à nossa disposição o auto conhecimento de que nos fala Krishnamurti é um grande Instrutor.



BERLARMINO VIANA

TRISTE GLORIA

DESDE as primeiras notícias, acompanho com todo interesse "O Caso Casimiro de Abreu", criado pelo Sr. Nilo Bruzzi, escritor de mérito e toda criação, com a biografia que publicou, em vários números dominicais do "O Jornal do Comércio" e finalmente agora em volume.

Em vez de obra enaltecedora do grande vate fluminense, como o autor assumia, é ela, entretanto, de impiedosa e injustificável demolição. Nada haveria de muito extranhável se o biógrafo publicasse apenas o seu trabalho. Poderia provocar críticas severas, oposições pessoais, e mais nada. Seria uma obra de escândalo como tantas outras. Ocorre, porém, que pretendeu um prêmio do Governo Fluminense, e aí o seu grande mal; ou o nosso grande bem! Antes de todo publicado, e portanto informando mal o íntegro Deputado Bezerra de Menezes, conseguiu deste a apresentação do projeto 93 à Assembléa Fluminense, conferindo a Bruzzi um prêmio em dinheiro e a impressão da biografia em livro, para a distribuição nas escolas públicas, instituições culturais do Estado, da qual lhe tocaria metade gratuitamente!

Foi quando a Academia Fluminense de Letras, cumprindo a sua obrigação de zeladora do nosso patrimônio moral e intelectual, houve por bem representar à Assembléa, pondo-a ao par do caráter da obra. O debate se abriu então, largamente, na imprensa, e o deputado Alberto Torres, em três discursos consecutivos, arrematou o alarme. Acabo de ler em livro essa obra substancial, sob o título: — EM DEFESA DE CASIMIRO DE ABREU". Como disse o Sr. Mauricio de Me-



- CASIMIRO DE ABREU

deiros, no "Diário Carioca". — nunca vi tamanha surra literária!

O Sr. Bruzzi pretendeu alterar profundamente o que sabia sobre Casimiro de Abreu, apresentando-o como tarado, um repelente monstro. Alberto provou que para isso não apresentou nenhum documento novo, e o grande historiador fluminense Alberto Lamego, que é o maior do Brasil contemporâneo, diz que sem documentos não há história. Evidentemente o Sr. Nilo Bruzzi aceitou cousas mal contadas por outros, passadas com outros poetas menos com Casimiro de Abreu!

E não faltou uma Editora para publicar o livro do Sr. Nilo Bruzzi, que no momento não sei dizer quanto a essa publicação se foi por conta do autor ou se a Editora incumbiu-se de publicá-lo por sua conta mesmo o Brasil estando contra ele... Sim, o Brasil inteiro, e principalmente a velha Província, saberá repelir essa afronta. De todos os cantos surgirá um protesto, um grito de solidariedade aos Amigos de Casimiro contra as injúrias atiradas sobre o nome daquele que é morto há mais de noventa anos!

Como disse o ilustre deputado Alberto Torres "A reação começou e prosseguirá!" Sem dúvida!...

NABOR FERNANDES



Noites de São João

...Como é bom soltar balões
Em noite de São João,
Revivendo as ilusões
Dos dias que longe vão!...

JUNHO é o mês que nos trás gratas e imorredouras recordações do passado. As festas de Santo Antônio, São João e São Pedro ainda hoje são promovidas, não com os encantos e graça de outrora; hoje é apenas o presente que procura homenagear o passado, transportando a "Caninha Verde", a "Mana Chica" e o "Caterê-tê" para os salões da alta roda.

Esta crônica é dedicada aos que apreciaram a magnificência dessas festas nos ténros dias de sua infância; aos que embalsamaram nos braços os que hoje procuram dar vida a esses quadros de outrora; aos poucos remanescentes daquela era negra viveu em simbiose com o nosso passado até a célebre prática do nobre gesto da Princesa Isabel.

Noites de São João... Desde cedo preparava-se em meio da maior alegria, a grande fogueira no centro do terreiro. De um lado a "Casa Grande", no seu estilo simples, moldada à paisagem local, erguia-se solitária traduzindo o gosto arquitetônico do seu proprietário ou ancestrais deste. E mal o dia acabava de morrer vinham chegando os convidados, graúdos da redondesa, com as respectivas famílias, não tardando, também, o indispensável conjunto musical que iria ainda mais alegrar o ambiente.

Alguns momentos após, debaixo

da maior algazarra da criança, que nesse dia não sabia refrear a sua então frequente timidez, já as primeiras labaredas contorciam-se no ar e as fagulhas dançavam no espaço por sobre o crepitar do brazeiro, ao mesmo tempo que as girândulas deixavam subir os foguetes que espoucavam ao alto fazendo còro com o ecoar dos vivas que em baixo se dava ao excelso São João.

Afinam-se os instrumentos e os primeiros acordes da música simples, muitas vezes improvisada pelo dom espontâneo do Recreio, despertam a atenção dos presentes; os primeiros pares rodopiam em torno da fogueira; o ambiente se torna cada vez mais íntimo e animado; têm início os desafios. A primeira quadra sai espontaneamente, impregnada do suave perfume da ingenuidade do Sertanejo; e a resposta não se faz esperar. Chistosa ou mordaz ela também surge espontaneamente, evidenciando o éstro dos trovadores populares, o bucolismo da nossa vida do interior.

E assim se desenvolve a festa, cuja solenidade culmina à roda de uma grande e farta mesa de iguarias apropriadas àquela noite. Depois, tem a palavra a credice; pela quiromancia ou cartomancia desvendava-se o futuro, vendendo ilusões ou presagiando maus dias; e aguardavam a meia-noite para tentarem atravessar o brazeiro sem se queimar...

Pouco mais além, o rufar compassado dos tambores e os gritos evoca-

tivos relembram o ritual das tribus africanas; é uma outra casta de gente que também se dedica ao seu divertimento predileto! o jongo, com a sua cadência de dança bárbara.

E ainda mais extraordinário se tornava esse espetáculo, quando a Lua, do pináculo do firmamento, cobrindo a superfície tranqüila da Terra com o seu vasto lençol alvo, tornava as almas mais irrequietas, e parecia sorrir zombeteiramente da ingenuidade dos pequenos balões, que iam subir no espaço como que procurando galgar as alturas em que ela pairava como Rainha soberana daquelas noites sublimes.

Tudo isso passou. As modas evoluíram os costumes também; fez-se sentir o progresso em todos os setores. Também passou o tempo... As criancinhas de ontem têm hoje os seus filhos e netos com as cabeças cobertas de neve. No entanto, ainda se recorda com saudades daqueles tempos ditosos, e procura-se reproduzir no cenário do presente a magnificência daquele passado! E' que tais comemorações eram de fato grandiosas e se ralçavam extraordinariamente pela sua simplicidade.

E como é bom se recordar o passado?!... fatos há que a nossa imaginação repele, mas os outros, principalmente os passados na fase de nossa infância saudosa, que daríamos tudo para viver novamente, é com satisfação que relembramos...

...E as noites de São João
Já não mais encantos têm,
O balão da Ilusão
Foi-se embora e não mais vem!...

UBIRAJARA ANTUNES

A MÚSICA E AS COISAS





PARA A GALERIA DOS FANS

Leonora Amar continúa filmando no México, embora nenhum dos seus filmes ainda tenha sido apresentado entre nós. Ao que parece, o primeiro que veremos, será um dos últimos que fez — "O Mago", com Cantinflas.



Max, o saudoso e insubstituível Max, um dos ídolos da platéia do "Pátria", em 1910...

HÀ 40 ANOS...

NO dia 25 de Março p. passado comemorou seu quadragésimo aniversário, a primeira casa de espetáculos cinematográficos do Distrito Federal construída especialmente para cinema. Essa casa hoje não é mais que um cineminha de bairro cuja história ficou perdida na poeira do passado. É o atual "São Cristóvão", do Largo da Cancellaria e os seus quarenta anos de existência foram comemorados particularmente por um de seus primeiros frequentadores, o nosso amigo Alvaro Rocha, veterano crítico cinematográfico, tão popular nas páginas do "Para todos" e "Cinearte". A R. reuniu, como já o fizera em 1946 por ocasião do 36.º aniversário do velho "Pátria" (era

este o nome primitivo do "São Cristóvão"), os antigos proprietários e funcionários daquela casa de diversões, embora desta vez, por motivo de força maior, não pudessem estar todos presentes, o que fez com que fosse realizada "sine die" nova reunião daquelas pessoas para a comemoração festiva do dia 25/3/50, que tantas recordações trás às mesmas pessoas, do longínquo 1910. E é A. R. quem nos conta, a história do "Pátria", com aquele entusiasmo que o caracteriza quando fala de cinema antigo, que ele conhece como testemunha ocular, auxiliado por sua admirável memória.

"O "Pátria", apesar de ser cinema de bairro teve o privilégio do qual não gozaram nenhum dos primitivos salões de cinema da metrópole — foi o primeiro a ter prédio construído especialmente para o seu fim. Só mais tarde, em 1913, veio o "Páthé", ao lado do "Jornal do Brasil". Aliás, devo frizar que o 40.º aniversário do "Pátria" não é do cinema, mas do prédio em que funcionava ainda hoje, pois antes esteve na rua São Luiz Gonzaga, ns. 94-96, em cujas lojas pequenas, respectivamente, a sala de espera e o chamado "salão de projeção", que de salão só tinha o nome, como a maioria dos antigos cinemas do Rio. Este foi inaugurado em 1908, assim o "Pátria" tem mais de 40 anos. Mas a casa primitiva era muito pequena, as lotações exgotavam-se e muita gente não podia assistir os programas, tanto mais que nos dias de semana só havia sessões à noite. Eram programas compostos de filmes de uma parte francesa, da Pathé-Frères, e mais tarde alguma da Gaumont, entretanto, que sucesso alcançavam! Três programas novos semanais. A empresa viu-se forçada a procurar novo local para instalar a casa, de forma a melhor servir o público. Adquiriu um terreno baldio na mesma rua n. 78, e ali construiu a nova casa, que foi inaugurada a 25 de Março de 1910. Apresentava o máximo conforto possível (na época), construída com todas as exigências do Corpo de Bombeiros. Prefeitura e da Saúde Pública. Falando nos bombeiros, recorda que antes da abertura da nova casa, houve um princípio de incêndio na velha casa, felizmente, sem consequências graves. Parece que estou vendo o dia da inauguração do "Pátria"! E Rocha nos mostra o programa daquele dia (verdadeira relíquia exemplar provavelmente nem existente no Museu Simões da Silva: cujo falecido dono colecionou preciosos programas de todos

os filmes que assistiu), e ainda a entrada n.º 1, destacada do primeiro talão, adquirida pelo nosso A. R. o qual gozava de regalias especiais no cinema de que estamos tratando, grande amigo que foi dos proprietários do cinema e seus auxiliares, tendo acompanhado, inclusive as obras da construção da casa". Às 10 horas da manhã, no dia da inauguração, algumas paredes ainda estavam sendo acabadas de pintar. Era uma quarta-feira da semana santa. E o "Pátria" não poderia ter escolhido melhor filme para inaugurar-lo, pois com ele teve a sua benção, do que o célebre "Nascimento, Infância, Vida, Paixão e Morte de N. S. Jesus Cristo" (seu título correto), colorido da Pathé-Frères (primeira versão), o filme inimitável no gênero até agora realizado, o que maior renda já produziu em todo o mundo, e que hoje, quarenta e tantos anos depois, ainda aumenta a fortuna de muitos exibidores de todo o Brasil e de outros países. Filme cujo colorido não desbota e ainda se conserva intacto, como ainda tivemos mais uma prova na última semana santa! O sucesso foi sem precedentes. As quatro horas da tarde a bilheteria já vendia entradas e o saudoso Nicomedes, o primeiro bilheteiro do "Pátria" teve, talvez em toda a sua vida de profissional, seu dia de maior trabalho. Candido Rodrigues, um dos proprietários (a firma era Empresa Rodrigues, Blanco & Cia.) e gerente, não sabia para onde se virar, dando ordens aos funcionários, entre eles o simpático Muca. A primeira sessão entrou e logo a sala de espera se achava novamente repleta, com gente espalhada pelos passeios e rua, aguardando a segunda sessão! E assim foi até à última sessão. Três dias consecutivos de enchentes inesquecíveis! O filme foi acompanhado de "harmonium" pelo falecido maestro Agostinho Govêa, com partitura de sua autoria, composta para o filme, estando os solos a cargo do soprano Laura Grassi e acompanhamento de coros. Queimou-se incenso para dar ao espetáculo um cunho mais religioso. A projeção estava a cargo do operador eletricitista Silvano Mendes, a quem a casa deve muitos serviços. As imitações e "ruidos cênicos" que se faziam na época, detrás da tela, eram realizados magistralmente pelo saudoso Francisco Barbosa, com uma perfeição tal, a ponto de empolgar a platéia. O "Pátria" havia dado à cidade e ao bairro aristocrata de São Cristóvão um cinema que nada ficava devendo aos melhores daquele tempo. Aproveito para lembrar que o "Pátria" foi a segunda das duas casas do gênero que apresentou os meios mais perfeitos de então, para levar as vozes dos cantores que ficavam atrás da tela, mais diretamente à platéia, com seus condutores de som, espalhados abaixo do quadro da tela. A projeção era por transparência e possuía seu sistema de irrigação do "écran" para amenizar na visão dos espectadores os efeitos dos fortes raios de luz que partiam das lanternas alimentadas por arco voltaico. O salão era todo pintado internamente de marrom, pois antigamente os cinemas procuravam escurecer o mais possível, afim de melhorar a visibilidade da projeção. Recordo-me ainda, da sala de espera com retratos dos artistas mais em evidência da época: Robinne, Alexandre, Max, Tréville, Normand e o famoso Nick Winter, um dos primeiros detetives da tela. O "Pátria" — concluiu Alvaro Rocha — teve seus dias de glória. Por diversas vezes foi citado por Carmen Dolores, no "Correio da Manhã", e ainda na "Gazeta de Notícias", "O Século" e "Jornal do Brasil". Muito eu poderia ainda falar do velho cinema, mas acredito que o que recordei terá sido o suficiente". E A. R. despediu-se de nós, dizendo-nos que tinha uma porção de programas novos para assistir naquela semana (como sempre), e não sabia como iria arranjar tempo para assistí-los todos...

OTAVIANO ANDRADE

MAIS um dos veteranos do cinema no Rio, um dos raros que podiam contar a história da "cena muda" no Rio de Janeiro, foi levado pela morte. Faleceu Octaviano de Moura Andrade, o antigo gerente do primeiro Cinema Odéon, da Avenida Central esquina 7 de Setembro, e gerente do Capitólio, o primeiro cinema que o saudoso Serrador inaugurou na Cinelândia. Depois, Otaviano Andrade, foi gerente dos cinemas que a Paramount teve na Praça Floriano, o mesmo Capitólio e o Império. Conhecendo o negócio de cinema como poucos de seus antigos colegas, Octaviano Andrade, foi mais tarde programador da Warner Bros, à qual prestou assinalados serviços. O que não impediu certo "novo representante" daquela companhia de querer despedi-lo, quando assumiu seu posto, por que Andrade não falava

inglês... Foi um absurdo e seria uma injustiça, que felizmente não chegou a ser consumada. O tempo passou e Andrade poderia ter se divertido, ao saber que o tal "magnata" após deixar a Warner e ir para outra companhia, desta foi despedido... Octaviano Andrade, entretanto, estamos certos, nunca mais pensou no caso, pois era uma alma boa, incapaz de guardar rancores. Por isso mesmo, o seu falecimento consternou o número considerável de amigos que possuía, entre os velhos e os moços. Estava retirado da cinematografia há vários anos, gozando um justo e merecido repouso. Terminando estas notas de saudade, queremos registrar que Octaviano Andrade, em 1913, foi exibir em Taubaté, e naquela cidade paulista editou uma das primeiras revistas de cinema que se publicaram no Brasil. — P. R.

A ETERNA MARLENE

NENHUMA mulher gosta de dizer a idade. Marlene Dietrich, entretanto, é uma exceção. Talvez prevendo que sua carreira seria o que foi e o que continua sendo, desde o começo não fez segredo do dia do seu nascimento nas biografias. Ela nasceu no dia 27 de Dezembro de 1905... Marlene é filha de um oficial alemão. Chama-se realmente Maria Magdalena von Losch. Seu pai era nobre. O nome de família de sua mãe era Felsing. Foi educada em Berlim como menina rica. Cursou o liceu Augusto Victoria e, além disso, teve particularmente professores de línguas estrangeiras, às quais dedicava grande atenção. Parece que adivinhava que teria de falar inglês nos filmes norte-americanos. Logo que terminou os estudos foi enviada a Weimar, a cidade de Goethe, afim de aperfeiçoar seus conhecimentos, completando a cultura intelectual que é um de seus maiores característicos. Foi sem querer, o primeiro passo dado por Marlene para a estrada da arte que se iria abrir diante dela. O seu talento musical era indiscutível: aos estudos de piano e violino, particularmente a moça entregou-se de corpo e alma neste último, ao qual dedicou grande parte de seu tempo e no qual fez progressos notáveis, em poucos meses de estudo. Além disso, tocava outros instrumentos, inclusive o serrote, com o qual brilhou em muitas festas. Entretanto, não era a música a sua vocação e sim o teatro, que já começava a fasciná-la. Max Reinhardt era a figura máxima do teatro germânico. Ele mantinha uma escola para artes dramáticas e dela saíram muitos grandes artistas para os palcos de todo o mundo. Berthold Viertel (mais tarde diretor de filmes) fazia parte dos diretores de Reinhardt e foi no seu curso que Marlene Dietrich iniciou a carreira maravilhosa que a tornaria uma das "estrelas" eternas do cinema. A folhinha marcava o ano de 1923. Marlene apresentou-se a Berthold em companhia de sua mãe. Era uma encantadora alemãzinha que aparentemente não possuía nenhum particular que a distinguisse das outras pequenas. Um dia, porém, Marlene pediu ao mestre para recitar certa poesia clássica, afim de que o professor lhe ouvisse a entonação da voz e reconhecesse suas possibilidades dramáticas. Foi a sua revelação e daí em diante mestre e aluna passaram a estudar autores célebres. O papel de Princesa Eboli do "Don Carlos", de Schiller, era o que Marlene melhor recitava e melhor interpretação dramática dava.

Aconteceu que o estúdio da Efa procurou Berthold Viertel e o contratou como instrutor técnico de determinados efeitos de um filme que estava sendo produzido. O mestre levou Marlene em sua companhia, e no estúdio nasceu o primeiro romance de amor da futura "estrela". O diretor do filme que a Efa estava rodando

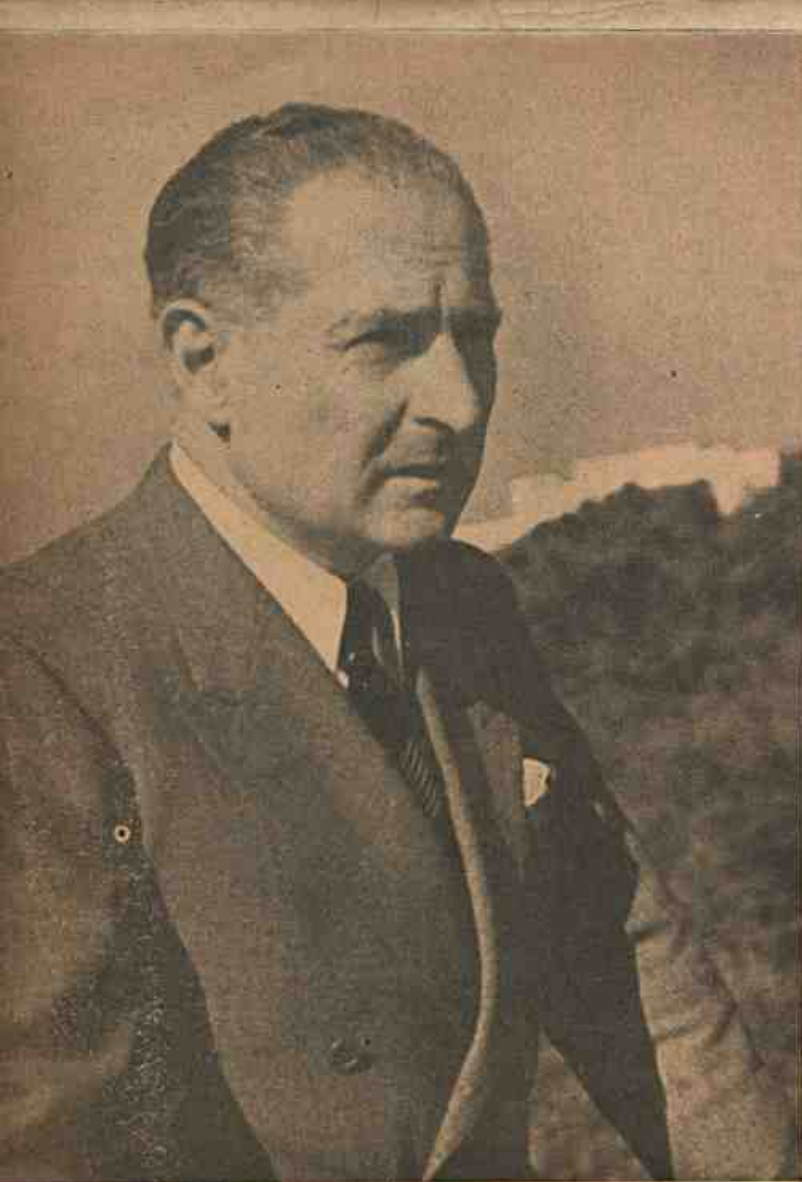
era Rudolf Soeber, que ainda hoje está casado com a atriz, apesar de todos os "romances" posteriores da Marlene... Aquê- le dia, por sinal, marcou o início de outro romance histórico do cinema alemão: ali também estava o grande e saudoso Lubitsch, no mesmo momento começando um forte namoro com a sua primeira esposa! Daquele instante Marlene passou a interessar-se pela cinematografia. Entretanto, só conseguiu o seu primeiro trabalho num filme, em 1928. A sua carreira teatral teve início em pequenos papéis no "Deutscher Theater" e no "Staatstheater". Não demorou muito nessas "pontas", pois tinha talento e força de vontade. Em Viena, conseguiu sucesso no "Kammerspiele", de Reinhardt, na versão alemã da peça "Broadway" e "Schule von Uznach". De volta à capital germânica, foi contratada por Viktor Barnowsky, rival de Reinhardt, representando novamente em "Broadway". Ainda não era "estrela", mas já possuía enorme popularidade. E aumentou seu número público quando entrou para o "Komodie", um dos mais famosos teatros de Reinhardt em Berlim, na revista intitulada "Es Liegt in der Luft". Ali ela tinha um dos primeiros papéis e fez um sucesso tremendo. Seu nome tornou-se um dos mais populares na Alemanha. Seu encanto feminino, sua voz, sua arte, puzeram-na em primeiro plano no meio teatral berlinense. Naquela revista Marlene cantava uma canção — "Ween die Beste Freudin mit der Besten Freudin", que se tornou conhecida de todos. Agora a folhinha é do ano 1928. O diretor cinematográfico Robert Land assistiu a revista "Es Liegt in der Luft" e achou Marlene fascinante. Não descansou enquanto não a contratou. Sabia que Marlene seria uma artista genial no celuloide. Em seu primeiro filme com Land — "Prinzessin Olala" — Marlene tinha um pequeno papel, porém, foi tão bom a seu trabalho, que Robert apresentou-a logo em outra película — "Ich Kusse Ihre Hand, Madame" — ao lado do então popularíssimo galã Harry Liedtke. Foi um sucesso. Nesse filme o cinema alemão revelou a sua maior "estrela" e o maior ídolo do público germânico, depois de Pola Negri, que então estava nos Estados Unidos. Seguiram-se outros contratos cinematográficos. Teve o seu primeiro papel de "vampiro" no filme "Die Frau Nach der Man sich sehnt", dirigida por Kurt Bernhardt, que hoje chama-se Curtis Bernhardt em Hollywood. Depois, Maurice Tourneur deu-lhe o principal papel feminino da refilmagem que fez na Alemanha de seu famoso filme silencioso "A ilha dos navios perdidos" — "Schiffe der Verlorenen Menschen". Depois... "Anjo azul", de Von Sternberg, com Emil Jannings, que a elevou com o grande diretor para os estúdios californianos.



Marlene Dietrich continua desafiando o Senhor Tempo...

A história, a partir dessa data, é conhecida dos "fans". Fez uma série inquecível de filmes com Sternberg, outros com Mamoulian, Borzage, Jacques Feyder (em seu primeiro filme britânico), Lubitsch, René Clair, Raoul Walsh, etc. Esteve na França, no pós-guerra e fez "Martin Roumagnac", que está custando a ser apresentado entre nós, e agora é a "estrela" do mais recente filme de Hitchcock em Londres, "Stage Fright", com Jane Wyman, Richard Todd e Michael Wilding, aquele admirável tipo "wildeano" da última versão inglesa de "Um marido ideal". Antes desta película, apareceu no seu próprio papel de Marlene, em "Jigsaw", um filme do casal agora desfeito, Franchot Tone e Jean Wallace, produção Tower — U. A. A Alemanha já mais apresentou uma "estrela" de primeira grandesa como Marlene. Ela é "star" há precisamente vinte anos!

Henny Porten, a primeira grande "estrela" alemã, nunca saiu da Alemanha. E Pola Negri não realizou em Hollywood a "performance" que Marlene vem realizando. Marlene Dietrich, a "rainha das balzaqueanas" continua mantendo sua personalidade e seu prestígio, desafiando o Senhor Tempo...



Augusto Genina, o veterano cineasta italiano tem o mais belo filme de sua carreira em "Céu sobre o pantano".

REALIZAR um filme religioso, ou de inspiração religiosa, ou com fundo religioso, é uma empresa extremamente difícil.

Quem diz filme religioso, diz filme trabalhoso. Isto infelizmente não é mais do que a pura verdade. Com algumas exceções, os filmes religiosos — mesmo aqueles que são produzidos nas melhores condições artísticas e industriais, isto é, com a colaboração das melhores inteligências e com uma grande riqueza de meios técnicos — não têm tido o sucesso que mereciam: diante do público revelam-se sem grande interesse espetacular e imerecedores das salas que os projetam.

Eis porque, quando M. Bassoli me propôs a realização de um filme sobre a vida de Maria Goretti — a pequenina campionesa italiana que preferiu a morte à conspurcação do seu corpo — respondi "não", sem hesitar.

Com Maria Goretti, a empresa seria duplamente difícil, porque se tratava de construir um filme sobre dois elementos igualmente poderosos e dominantes: o elemento "terra" (em nosso caso: paúl) e o elemento "céu", ou, se prefere: o "inferno" e o "paraíso".

Poder-me-iam objetar que o conflito entre o perfume e o divino intervém em todas as vidas de santos; mas não tem forçosamente preponderância, luta pelo domínio de um elemento sobre outro, como em Maria Goretti.

Narrando em imagens a curta e maravilhosa vida de Maria Goretti, poder-se-ia indiferentemente insistir sobre o lado "negro e natural" da história ou sobre o lado "luminoso e divino". Era possível fazer um filme segundo a fórmula néo-realista, muito em voga atualmente — levada mesmo aos extremos limites de sua expressão verista — ou segunda "l'esprit des chromos", o

Porque Realizei "Céu Sobre o Pantano"

(AUGUSTO GENINA)

que haveria satisfeito logo um público fiel às bonitas e falsas realizações de um certo cinema de pré-guerra. Poder-se-ia também fazer um filme equidistante de todas as escolas e de todas as tendências de ontem e de hoje, com o propósito e a única preocupação de reviver no écran a poética e cândida personagem da pequena Maria; e nos próprios locais que viram seu drama e sua morte: os paúis que cercavam Roma de um deserto de água e lama, apenas há cinquenta anos. Porém isto não resolveria ainda o problema de um modo brilhante e completo.

Quando M. Bassoli, homem tenaz, viu-me de novo, propôs uma segunda vez a realização do filme, pedindo-me para ler, antes de lhe dar uma resposta definitiva, os processos de beatificação de Maria Goretti. Ele tinha razão de me sugerir esta leitura, porque foi precisamente nessas páginas que encontrei a solução do problema.

As histórias de santos e de entes humanos cujas vidas foram dignas de santificação, sobretudo quando relatadas por escritores mediocres, pecam por uma falsificação quase total da realidade. Nos melhores casos, encontramos-nos em presença de belíssima fábula celeste, mas jamais uma história que, partindo da vida material e terrena, atinja o divino.

Nos processos de beatificação de Maria Goretti, entrevi, ao contrário, esta possibilidade: partir da terra e elevá-la até o céu. Programa muito ambicioso, como se vê, semeado de perigos de toda sorte. Porém, em caso de dúvida, algumas bases sólidas poderiam garantir o sucesso.

Eis porque os prêmios recebidos em Veneza, deram-me grande prazer, porquanto significam para mim que eu alcancei o que me havia proposto fazer da vida de Maria Goretti um filme interessante, emocionante, suscetível de agradar a todos os públicos; um filme que, através de uma ação verdadeira, reportada com verismo absoluto, mostra a nú, a visagem desta mártir da qual ninguém sabe dizer se foi muito criança ou muito mulher".

CÉU SOBRE O PANTANO (Cielo Sulla Palude) é o filme que conta a aventura de Maria Goretti: a tragédia aconteceu na tarde de 5 de julho de 1902, em Conca delle Ferriere, nos Paúis Pontinos. Maria morreu perdendo ao seu assassino, Alessandro Serenelli. Foi beatificada em abril de 1947 e provavelmente será canonizada neste Ano Santo de 1950! São vivos ainda vários personagens do drama: a mãe, duas irmãs, dois irmãos e o assassino, Serenelli, hoje um frade. Uma excepcional popularidade adeja ao redor da mártir; uma biografia dela foi traduzida em catorze idiomas. A produção italiana é distribuída no Brasil pela Art-Films; os intérpretes são camponeses escolhidos no sítio da tragédia. O diretor de fotografia é G. R. Aldo, o comentário musical de Antonio Veretti, o cenário do próprio Augusto Genina, o grande diretor peninsular que no cinema silencioso nos deu, entre outros, "Adêus, mocidade", "A máscara e o rosto", e "Miss Europa", e o primeiro grande sucesso de Viviane Romance no Rio, "O anjo e a pecadora".

SENHORA

SUPLEMENTO FEMININO POR *Sociere*

JUNHO. Plena temporada elegante. Decepções gráficas por excelência, os teatros lotados, o Municipal apresentando grandes músicos, os cinemas melhorando os programas.

E as festas de Santo Antonio, S. João, S. Pedro.

Festas eminentemente caipiras, onde a parte feminina da aristocracia social comparece com trajes típicos; saia de chita e blusa de algodão liso.

A' volta da fogueira dança-se sem parar, e a consoda tem um sabor especial, uma vez que diferente das ceias no "Monte Carlo" "Vogue" e outras "boites" de luxo.

E' saboroso o aluá de milho, saborosíssimos os bolinhos de fubá e batata e a macaxeira assada na brasa, o cuscús de tapioca e côco ralado...

Trocam as moças bonitas os bonitos modelos de

Vestido de cetim branco neve, vên curto, de filô, diamante de renda e perolas



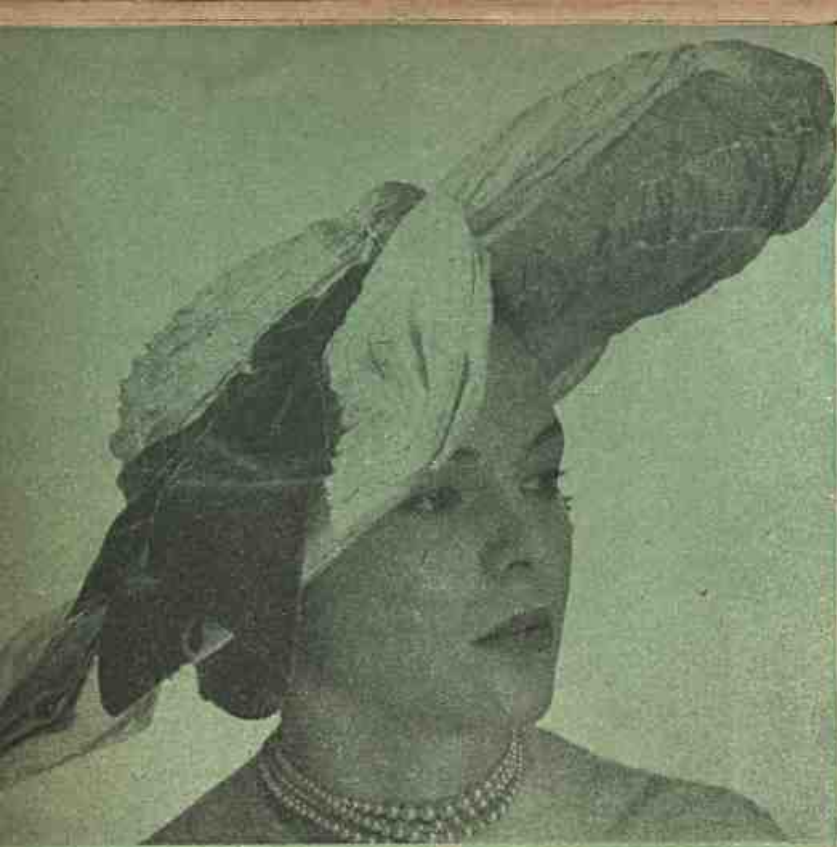
Maravilhoso traje nupcial feito com filô. Grande vên, farto, acompanhando a cauda, coifa e ramo de alvas margaridas.

Jaques Fath, Lafaurie e outros costureiros de Paris, pela singela indumentaria roqueira.

Os festejos aos populares santos de Junho são cada vez mais concorridos, e, em assim sendo, apreciados pela geração inquieta destes tempos inquietantes.

Nos salões da cidade temos oportunidade de apreciar a carioca exibindo os mais modernos vestidos, que, na generalidade, têm a saia estreita e a 40 centímetros do solo, a blusa "blousée", os ombros com um postigo discreto, vestido talhado em alpaca brilhante, tafetá de pura seda "marocain", outros em "chiffon", muselina de seda ou de lã, organza, e plissados quasi sempre.

Os chapéus principiam a cobrir a fronte, caindo um pouco para o centro da testa, com um véu sobre o rosto, o que adoram as mulheres que passaram dos trinta.



CHAPÉUS

Chapéu de tafetá rosa, franzido. Laços de fita de veludo vermelho cereja. ♦ Para depois das cinco horas é este chapéu de palha e babados em organdi plissado. Avencas de veludo. ♦ Toque de palha preta. Aba arrematada com veludo preto. Flores e véu de clina. ♦ Toque de feltro azul. Rosas cor de rosa e laço de tafetá rosa enfeitam juntamente com flores miudas, de várias cores.



GRANDE ELEGÂNCIA

❖ Vestido de "moiré". Saia formando drapeado. Blusa de traspasse.
❖ Para depois das cinco horas: Vestido tafetá. Blusa de corte japonês tendo como enfeite um entremeio franzido. Saia muito franzida na cintura.
❖ Dois vestidos elegantíssimos, ambos de crepe "marocain" preto, renda da mesma cor. O primeiro tem a blusa enfeitada com um recorte do crêpe terminando em grande laço. O segundo leva renda nas costas terminando em bico, na saia.



Decoração da Casa

UMA grande sala de estar, móveis amplos, confortáveis, bonitos e também simples.

O excesso de mobiliário, de quadros, de "bibelos" só serve para dar trabalho e preocupações, o que não comporta a vida hodierna.

A casa é o lugar onde você deve sentir-se melhor, de corpo e de espírito.

Em assim sendo, justo é que a prepare de acordo com este ponto de vista de toda a gente, aliás.

Repare na gravura desta página estampando uma parte da sala de estar da casa de Joan Crawford, estrela da Warner em "The Victim", produção que ainda não vimos e nos prometem para esta elegante temporada carioca.

Primeiramente o tecto de madeira envernizada corresponde ao tom das portas. Paredes forradas ou pintadas de verde suave, sofá e poltrona num cinza esverdeado e estriados de branco, almofadas estampadas, "abat jour" branco em suportes cor de vinho, tapete verde escuro ou "gris" bem pronunciado, e uma bela mesa retangular, de madeira cor de canela.

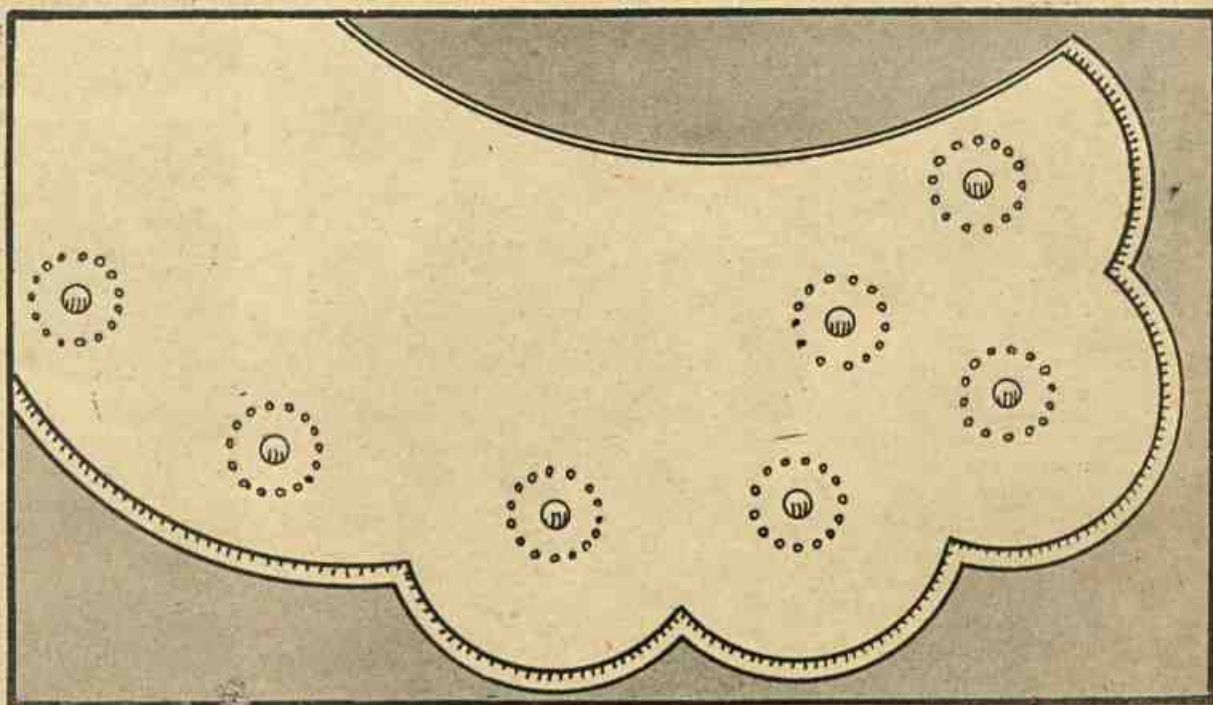
Tudo isso e alguns quadros com flores delicadamente pintadas

Os tons descritos podem ser trocados: parede "beige", tecto cor de vinho, móveis estufados de creme clarissimo, tapete "marron" ou cor de vinho.



A sala de estar da residência de Joan Crawford, estrela do Cinema norte americano. (Descrição na crônica)

Motivos para gola de fustão.



Confie a Decoração do seu lar a

ASA **UNES**

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL

65 - RUA DA CARIOCA-67

RIO

OS VERDADEIROS FORTIFICANTES

A vida ao ar livre, o exercício muscular, a alimentação nutritiva e rica de ferro, cobre a vitamina, são os melhores remédios contra a anemia.

Recorra aos fortificantes naturais, pois são mais baratos e mais eficientes do que os das farmácias.— SNES.

RELATÓRIO APRESENTADO PELO DR. OVIDIO DE ABREU.

para o mesmo, em 31 de dezembro último, conforme se verifica pelo seguinte quadro:

Débito	Cr\$	Cr\$
Saldo a liquidar do exercício de 1946.	1.092.763.696,30	
Contribuição para o fundo Monetário Internacional (...)	2.081.229.442,50	
Outros débitos.....	2.691.144.344,60	5.865.137.483,40
Crédito		
Conta-aplicação da Lei n.º 16, de 7 de fevereiro de 1947 (...)	794.211.061,20	
Outros créditos.....	669.187.177,00	1.463.398.238,20
Saldo.....		4.401.739.245,20

Permanece inalterada a importância de Cr\$ 1.092.263.693,30, relativa ao saldo a liquidar do exercício financeiro de 1946. —
Afora as contas mencionadas, mantém o Tesouro Nacional, junto ao Banco, as relativas às operações da Carteira de Câmbio que, desde 23 de dezembro de 1947, data da promulgação do Decreto-lei n.º 97 referente ao regime cambial então estabelecido, passaram a ser realizadas sob a responsabilidade do Governo.

(*) Importância creditada, por ordem do Governo, à Superintendência da Moeda e do Crédito — Conta Fundo Monetário Internacional.
(**) Refere-se à transferência para a responsabilidade do Tesouro Nacional de emissões feitas no total de 2.250 milhões de cruzeiros, para atender as operações da Carteira de Redescostos. Por essa operação, foi o Tesouro creditado no Banco pelos 2.250 milhões de cruzeiros. Dêse crédito, de conformidade com a Lei referida, foi aplicada a soma de Cr\$ 499.988.827,60 na cobertura de débitos do Tesouro na conta de compra de ouro, restando ao mesmo um saldo de Cr\$ 1.750.011.172,40, registrado em nosso balancete de 28 de fevereiro de 1947 e nos posteriores, com as modificações supervenientes.

Desde julho de 1948, os balancetes do Banco começaram a evidenciar, em contas abertas ao Tesouro Nacional, os saldos provenientes daquelas operações. Em 31 de dezembro de 1949, a posição dessas contas apresentava o saldo devedor de Cr\$ 5.335.237.711,70, assim apurado:

Débito	Cr\$	Cr\$
Correspondentes no Exterior.....	7.440.014.252,20	
Ouro de produção nacional (405.575,680 gramas de ouro fino).....	9.692.167,40	
Outras contas.....	5.388.695.414,30	12.838.401.833,80
Crédito		
Correspondentes no Exterior.....	1.131.234.165,10	
Depósitos para Certificados de Equipamento.....	1.125.068,60	
Certificados de Equipamento.....	108.107.822,70	
Depósitos viniculados.....	255.063.270,10	
Depósitos obrigatórios (Decreto 24.038, de 26-3-34).....	1.471.065.568,90	
Outras contas.....	4.536.567.326,80	7.503.164.122,20
Saldo.....		5.335.237.711,70

O balanço das contas supra-indicadas permite a apreciação da situação devedora do Tesouro Nacional junto ao Banco do Brasil, proveniente dos adiantamentos efetuados pelo mesmo para efetivação das operações cambiais executadas por conta do Tesouro.

EMPRÉSTIMOS

a) Empréstimos em geral

Pelo exame do quadro abaixo se pode observar o substancial aumento verificado nos Empréstimos, que se elevaram, em saldos médios, a 20.869 milhões de cruzeiros. Comparada com a do ano de 1948, essa cifra indica acréscimo de 5.809 milhões (39%).

EMPRÉSTIMOS (*)

A N O S	SALDOS MÉDIOS Cr\$ 1.000.000
1939.....	3.834
1940.....	4.150
1941.....	4.632
1942.....	6.325
1943.....	8.170
1944.....	11.622
1945.....	11.799
1946.....	13.606
1947.....	14.115
1948.....	15.060
1949.....	20.869

A distribuição dos Empréstimos pelos diversos setores econômicos, à seguir especificada, vem corroborar as asserções feitas no início desta exposição

PRESIDENTE DO BANCO DO BRASIL. (Continuação da pag. 16)

(1 — Quadro Geral) e as considerações adiante tecidas a respeito da Carteira de Crédito Geral.

EMPRÉSTIMOS	SALDOS MÉDIOS Cr\$ 1.000.000		VARIACÕES	
	1948	1949	Absolutas	%
A entidades públicas (...)	3.920	7.540	3.620	92
A bancos.....	1.322	1.708	476	36
A produção, ao comércio e a particulares.....	9.818	11.531	1.713	17
TOTAL.....	15.060	20.869	5.809	39

(*) Excluídas as operações da Carteira de Câmbio.

b) Empréstimos às atividades econômicas

O Banco prosseguiu na sua política de expansão do crédito às atividades econômicas, elevando-se os empréstimos desta classe, em 1949, a 11.531 milhões de cruzeiros (saldos médios), ultrapassando em 1.713 milhões de cruzeiros a média atingida no exercício anterior:

ANOS	SALDOS MÉDIOS Cr\$ 1.000.000	% SOBRE O TOTAL DOS EMPRÉSTIMOS DO BANCO
1939.....	1.028	27 %
1940.....	1.456	35 %
1941.....	1.940	42 %
1942.....	2.639	42 %
1943.....	2.912	36 %
1944.....	4.493	39 %
1945.....	7.518	64 %
1946.....	8.588	62 %
1947.....	9.123	65 %
1948.....	9.818	65 %
1949.....	11.531	55 %

Este fato é bastante significativo, principalmente se considerarmos a constância com que o crédito do Banco foi solicitado por outras múltiplas atividades, que tiveram também nossa assistência financeira.
Comparados os saldos médios de 1948 e 1949, assim se processaram as variações absolutas e percentuais pelas diferentes Unidades Federadas:

EMPRÉSTIMOS ÀS ATIVIDADES ECONÔMICAS

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA	SALDOS MÉDIOS Cr\$ 1.000		VARIACÕES	
	1948	1949	Absolutas	%
Guaporé.....	3.886	3.923	+	37
Acre.....	9.914	9.035	—	879
Amazonas.....	43.611	46.469	+	2.858
Rio Branco.....	3.465	3.444	—	21
Pará.....	28.514	32.987	+	4.473
Amapá.....	903	612	—	291
Maranhão.....	63.191	72.515	+	9.324
Piauí.....	68.878	73.055	+	4.177
Ceará.....	144.907	193.453	+	48.546
Rio Grande do Norte.....	152.336	180.913	+	28.577
Paraíba.....	217.890	250.236	+	32.346
Pernambuco.....	537.894	620.862	+	82.968
Alagoas.....	131.728	180.876	+	49.148
Sergipe.....	85.012	87.397	+	2.385
Bahia.....	345.742	403.580	+	57.838
Minas Gerais.....	1.084.299	1.101.721	+	17.422
Espírito Santo.....	88.560	112.580	+	24.020
Rio de Janeiro.....	262.226	340.614	+	78.388
Distrito Federal.....	3.066.665	3.779.206	+	712.601
São Paulo.....	2.045.394	2.470.629	+	425.235
Paraná.....	185.993	223.244	+	37.251
Santa Catarina.....	67.520	104.469	+	36.949
Rio Grande do Sul.....	666.484	736.335	+	69.851
Mato Grosso.....	242.337	232.280	—	10.107
Goiás.....	209.863	216.350	+	6.487
BRASIL.....	9.777.212	11.476.795	+	1.699.583
EXTERIOR.....	41.137	54.091	+	12.954
BRASIL E EXTERIOR.....	9.818.349	11.530.886	+	1.712.537

No quadro a seguir está evidenciada a distribuição dos empréstimos às atividades econômicas, pelos diferentes setores:

GRUPOS ECONÔMICOS	SALDOS EM FIM DE ANO Cr\$ 1.000.000		VARIÁÇÕES	
	1948	1949	Absolutas	%
A — Agricultura, indústria florestal e indústria extrativa mineral (*)	4.249	5.252	+ 1.003	24
B — Indústria manufatureira (**)	2.417	3.164	+ 747	31
C — Indústria de construção	208	535	+ 327	157
D — Indústria de transporte	373	586	+ 213	57
E — Comércio	2.098	2.431	+ 333	16
F — Diversos	1.308	950	- 358	27
Todos os grupos econômicos	10.653	12.918	+ 2.265	21

(*) Inclusive as indústrias rurais (açúcar, laticínios, etc).

(**) Exclusive as indústrias rurais.

O exame dos quadros retro-citados permite apreciar o aumento processado nos empréstimos do grupo "A", formados pelas atividades produtoras dos bens primários essenciais às demais transformações econômicas.

DEPÓSITOS

Os depósitos, mantendo seu movimento ascensional, ultrapassaram, em números absolutos e percentuais, todas as altas ocorridas nos exercícios anteriores. Comparativamente a 1948, acusaram o aumento de 3.573 milhões de cruzeiros (18%).

DEPÓSITOS (*)

ANOS	SALDOS MÉDIOS Cr\$ 1.000.000
1939	4.288
1940	4.288
1941	5.242
1942	6.689
1943	9.620
1944	13.340
1945	16.470
1946	17.835
1947	18.266
1948	19.402
1949	22.975

O quadro seguinte mostra a composição dos depósitos, em que se especifica a contribuição das diferentes categorias de depositantes, traduzindo acréscimos nas diversas classes. Os depósitos de entidades públicas aumentaram de forma substancial; os de bancos também se elevaram e os do público assinalaram acentuada expansão:

DEPÓSITOS	SALDOS MÉDIOS Cr\$ 1.000.000		VARIÁÇÕES	
	1948	1949	Absolutas	%
De entidades públicas (*)	7.055	9.548	+ 2.493	34
De bancos	4.336	4.670	+ 334	8
Do público, a vista	6.461	7.201	+ 740	11
Do público, a prazo	1.550	1.646	+ 96	6
TOTAL	19.402	22.975	+ 3.573	18

(*) Exclusive as operações da Carteira de Câmbio.

Percentualmente, a participação das diferentes categorias de depósitos está distribuída desse modo:

DEPÓSITOS	% SOBRE O TOTAL	
	1948	1949
De entidades públicas (*)	37 %	41 %
De bancos	22 %	20 %
Do público, a vista	33 %	32 %
Do público, a prazo	8 %	7 %
TOTAL	100 %	100 %

(*) Exclusive as operações da Carteira de Crédito.

CAPITAL, LUCROS E RESERVAS

O capital do Banco, no valor de Cr\$ 100.000.000,00 é representado por 500.000 ações nominativas de Cr\$ 200,00 cada uma.

Em dezembro último, assim se achavam distribuídas as ações, pela natureza de seus proprietários:

ACIONISTAS	NÚMERO DE AÇÕES		PERCENTAGENS
<i>Tesouro Nacional</i>			
Inalienáveis	250.152		
Livres	19.508	278.660	55,73
<i>Particulares</i>		213.770	42,56
Bancos Nacionais		216	0,04
Bancos Estrangeiros		7.152	1,43
A converter e unificar		1.202	0,24
TOTAL		500.000	100,00

Em 1949, a cotação média das ações elevou-se a 543 cruzeiros, quando em 1948 situara-se em Cr\$ 519,00.

Foram distribuídos dividendos na importância de 20 milhões de cruzeiros, correspondentes à taxa de 20% ao ano.

Atingiu a 77 milhões de cruzeiros o lucro líquido do Banco, concorrendo para este resultado o primeiro semestre com 29 milhões, e o segundo com 48 milhões de cruzeiros. Pode-se verificar que na segunda metade do ano o lucro líquido excedeu, aproximadamente em 20 milhões de cruzeiros, o do primeiro semestre.

Nos últimos dez anos foram os seguintes os lucros líquidos do Banco:

	Cr\$ 1.000.000
1939	89
1940	118
1941	112
1942	97
1943	134
1944	147
1945	170
1946	121
1947	80
1948	108
1949	77

As reservas do Banco foram aumentadas em 92 milhões de cruzeiros. Em 31 de dezembro de 1949, o total de nossas reservas alcançou a importância de 2.793 milhões de cruzeiros, distribuídos pelas seguintes contas:

	Cr\$ 1.000.000
Fundo de reserva	393
Fundo de previsão	1.083
Fundo de amortização de imóveis, móveis e utensílios	326
Fundo para prejuízos eventuais	991
TOTAL	2.793

NOTA — Possui ainda o Banco 1.091 milhões de cruzeiros sob a rubrica C/de resultado pendente e 100 milhões sob o título Fundo para o desenvolvimento de iniciativas de interesse público.

OPERAÇÕES POR CARTEIRAS

1. Carteira de Crédito Geral

A Carteira de Crédito Geral registrou progresso em suas atividades. O quadro abaixo discrimina, em grandes verbas, os depósitos e empréstimos dessa Carteira:

CARTEIRA DE CRÉDITO GERAL

SALDOS EM 31 DE DEZEMBRO

(Cr\$ 1.000)

DEPOSITOS (*)	1948	1949	VARIACÕES	
			ABSOLUTAS	%
Governo Federal...	4.348.752	2.262.675	- 2.086.077	48,0
Entidades Públicas	2.907.300	5.397.967	+ 2.490.667	85,7
Bancos.....	4.871.496	5.361.100	+ 389.634	8,0
Público a vista....	6.517.842	8.066.792	+ 1.548.950	23,8
A Prazo.....	1.468.295	1.710.062	+ 241.767	16,5
TOTAL.....	20.113.655	22.698.596	+ 2.584.941	12,9

(*) Não foram computadas as operações da Carteira de Câmbio.

CARTEIRA DE CRÉDITO GERAL (*)

SALDOS EM 31 DE DEZEMBRO

(Cr\$ 1.000)

EMPRÉSTIMOS (*)	1948	1949	VARIACÕES	
			ABSOLUTAS	%
Governo Federal...	2.218.728	6.525.408	+ 4.306.680	194,1
Entidades Públicas	1.672.599	2.004.766	+ 332.167	19,9
Bancos.....	1.720.527	1.590.161	- 130.366	9,9
Público.....	6.019.383	7.456.698	+ 1.337.315	22,2
TOTAL.....	11.631.237	17.777.033	+ 6.145.796	52,8

(*) Inclusive os empréstimos da Agência Especial de Financiamento.

(**) Não foram computadas as operações da Carteira de Câmbio.

Vê-se que houve aumentos, tanto nos depósitos, quanto nos empréstimos. O total dos depósitos cresceu de 12,9%, sendo que os acréscimos dos depósitos do público somaram 1.791 milhões de cruzeiros.

Os empréstimos, por sua vez, cresceram de 6.146 milhões de cruzeiros (52,8%), distribuídos por todas as rubricas.

Para o aumento dos empréstimos ao Governo Federal e dos depósitos de Entidades públicas, concorreu a parcela de 2.081 milhões de cruzeiros, que debitamos ao Tesouro Nacional e creditamos à Superintendência da Moeda e do Crédito — Conta Fundo Monetário Internacional, para realização do saldo da quota do Brasil junto a este último.

Além das suas funções próprias, referentes aos negócios com o público, especialmente os de natureza comercial, executa a Carteira atribuições que o Banco tem como agente financeiro do Tesouro Nacional, entre as quais avultam o recolhimento das receitas da União e o fornecimento de recursos ao Tesouro a título de adiantamento da receita, em todo o território nacional, através da rede de agências do Banco.

Tornou-se evidente, no curso de 1949, que a maioria das filiais não dispunha de meios para atender convenientemente à grande procura de crédito que se lhes apresentava. Foi, por isso, deliberado no início deste ano rever todos os limites de operações, do que resultou a redução de 98 milhões de cruzeiros em 61 agências — que não tinham possibilidade de aplicar todo o limite de que dispunham — e aumentos em 187, totalizando 1.457 milhões.

Foi, assim, muito ampliada a capacidade de realizar empréstimos de nossas filiais, o que terá certamente benéfica influência na economia do interior do país.

Foram ainda as agências autorizadas a solicitar limites especiais para suas operações ligadas ao escoamento das safras dos principais produtos das respectivas regiões, pois, nesses períodos, é frequente tornarem-se insuficientes os limites normais.

Relativamente ao café, produto que mais avulta nos financiamentos da Carteira, foram as operações no período das safras consideradas independentes dos limites fixados para as agências.

Outrossim, tendo em vista a elevação dos preços do café nos últimos meses do ano, o Banco decidiu elevar a base de adiantamento, em seus empréstimos comerciais, de Cr\$ 330.00 para Cr\$ 500.00 por saco de produto tipo padrão, sendo fixado o limite de Cr\$ 600.00 para os cafés extra-finos.

O Banco prestou auxílio por esta Carteira às organizações moneiras do Distrito Federal e dos Estados do Nordeste, do Sul e de São Paulo, com o intuito de facilitar o escoamento da colheita de trigo.

Dita assistência consistiu na abertura de créditos, no início deste ano, totalizando 340 milhões de cruzeiros e destinados exclusivamente à aquisição de trigo de produção nacional.

Também em relação ao açúcar, o Banco concedeu abertura de crédito ao Instituto do Açúcar e do Alcool, na importância de Cr\$ 220.000.000,00, destinado a proporcionar o indispensável financiamento durante os meses de safra.

Igualmente foi efetuado empréstimo pela Carteira, de Cr\$ 400.000.000,00 em favor do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, a ser aplicado nas obras da Estrada Rio-São Paulo.

Prestou ainda o Banco apoio financeiro a outras organizações de interesse público, como a E. F. Central do Brasil, a Casa da Moeda, o Instituto Nacional do Mate, o Instituto Nacional do Sal, a Fundação Brasil Central, a Organização Henrique Lage — Patrimônio Nacional.

A unidades federadas e municípios foram deferidos, por esta Carteira, novos créditos durante o exercício de 1949, como segue:

Maranhão — Crédito de Cr\$ 20.000.000,00, destinado a reforma e ampliação dos serviços de água, esgotos, luz, tração e prensa de algodão, da Capital do Estado, prazo de 10 anos (contrato de 23-3-49), juros pagáveis semestralmente.

Paraíba — Crédito de Cr\$ 10.000.000,00, tendo por finalidade a encampação do Banco do Estado da Paraíba (contrato de 21-10-49), prazo de 10 anos, juros pagáveis semestralmente.

Pernambuco — Crédito de 100.000.000,00, para a realização de obras públicas (contrato de 28-3-49), prazo de 10 anos, juros pagáveis semestralmente.

Bahia — Crédito de Cr\$ 50.000.000,00 destinado à realização de obras públicas (contrato de 22-10-49), prazo de 10 anos, juros pagáveis semestralmente.

Paraná — Crédito de Cr\$ 40.000.000,00, com a finalidade de custeio de obras rodoviárias planejadas do Estado (contrato de 24-11-49), prazo de 5 anos, juros pagáveis semestralmente.

Rio Grande do Sul — Crédito de Cr\$ 50.000.000,00, destinado à execução das obras de eletrificação do Estado (contrato de 16-2-49), prazo de 10 anos e cinco meses, juros pagáveis semestralmente.

Estado de Minas Gerais — Crédito de Cr\$ 20.000.000,00, para a Rede Mineira de Viação.

Estado do Rio de Janeiro — Crédito de Cr\$ 40.000.000,00, destinado à conclusão das obras da Usina Hidro-Elétrica de Macabu (contrato de 24-12-49), prazo de 10 anos, juros pagáveis semestralmente.

Prefeitura Municipal de Belo Horizonte — Crédito de Cr\$ 35.000.000,00, destinado ao melhoramento dos serviços de água, saneamento e calçamento da cidade (contrato de 10-2-49), prazo de 5 anos e 5 meses e juros pagáveis semestralmente.

Prefeitura Municipal de Pelotas — Crédito de Cr\$ 20.000.000,00, destinado à ampliação dos serviços de água e esgotos da cidade (contrato de 21-10-49), juros pagáveis semestralmente.

A Agência Especial de Financiamento, prosseguindo na execução das operações específicas que lhes são afetas, regidas pelo item 12 do art. 7.º dos Estatutos do Banco, manteve o ritmo dos exercícios anteriores.

Essa Agência tem como uma de suas finalidades o financiamento dos empreendimentos destinados à instalação, no País, de indústrias cujo objetivo seria o aproveitamento das riquezas nacionais.

Foram estudadas, no decorrer do ano findo, propostas de financiamento no valor de 830 milhões de cruzeiros, predominando as relativas às indústrias manufatureiras (574 milhões) e de transportes (240 milhões), tendo sido recusadas, por não satisfazerem ao Regulamento das operações dessa Agência, propostas no valor de 448 milhões de cruzeiros.

Como resultado dos financiamentos concedidos e das amortizações realizadas no exercício, o saldo das operações elevou-se de 941 milhões a 1.088 milhões de cruzeiros, entre 1948 e 1949.

Assim manteve-se a linha ascendente de suas aplicações desde o ano de 1941, o primeiro de atividades dessa Agência, tal como evidencia a demonstração abaixo:

Fim de ano	Cr\$ 1.000
1941	455.672
1942	477.657
1943	605.072
1944	614.445
1945	617.705
1946	672.705
1947	793.924
1948	940.998
1949	1.088.423

O "Fundo para o Desenvolvimento de Iniciativas de Interesse Público", criado por disposição estatutária e constituído pela percentagem que o Banco cabe na participação do lucro ou receita dos empreendimentos financeiros, acusava, em 31 de dezembro último, o saldo de Cr\$ 100.093.492,40.

2. CARTEIRA DE CRÉDITO AGRÍCOLA E INDUSTRIAL

a) Recursos e Aplicações

O Decreto-lei nº 2.611, de 20 de setembro de 1940, que fixou em 7% ao ano a taxa máxima de juros compensatórios dos financiamentos rurais, e o Decreto-lei nº 3.077, de 26 de fevereiro de 1941, baixaram normas destinadas a prover o Banco do Brasil dos recursos adequados às operações de crédito especializado, tornando compulsório o recolhimento à sua caixa dos depósitos judiciais, dos depósitos exigidos pelas empresas concessionárias de

serviços públicos e de 15% dos depósitos ou fundos das instituições de previdência.

Não poderia a Carteira de Crédito Agrícola e Industrial, sob pena de ver comprometida a sua missão fundamental, que é a de fomentar, através de eficiente amparo financeiro, o desenvolvimento da riqueza do País — em harmonia, portanto, com os elevados propósitos do Governo Federal — prescindir dos recursos que lhe asseguraram os aludidos Decreto-leis.

A arrecadação dos citados recursos ficou, entretanto, muito aquém da esperada, porque os recolhimentos das instituições de previdência — de cujo volume mais se esperava — foram sensivelmente diminuídos em virtude de interpretação restrita que vem sendo dada aos termos do Decreto-lei n.º 3.077. Não se modificou, no exercício, a situação que já tem sido objeto de comentários em relatórios anteriores: com aplicações que totalizavam 5.634 milhões de cruzeiros, a Carteira só dispunha de recursos específicos no montante de 1.732 milhões.

O Banco do Brasil, empenhado em não restringir as operações de crédito especializado, tem lançado mão de suas disponibilidades gerais para suprir a falta dos aludidos recursos. Fê-lo, porém, com sacrifício de sua economia, uma vez que aplica em empréstimos rurais, que representam mais de 80% dos financiamentos realizados pela Carteira e não comportam, por força de lei juros superiores a 7% a.a., somas importantes, que lhe renderiam mais se invertidas em operações comerciais.

Não houve alteração no total de bônus em circulação, os quais se expressam em 76 milhões de cruzeiros, tendo-se verificado, no exercício, pequeno acréscimo no montante dos depósitos a prazo fixo destinados à aquisição daqueles títulos (390 milhões de cruzeiros).

Realizou a Carteira, desde sua fundação, 157.211 contratos, no valor de 23.745 milhões de cruzeiros, dos quais 124.479, somando 17.662 milhões de cruzeiros, foram liquidados até 31 de dezembro de 1949, restando em vigor, na mesma data, 32.732 contratos, no total aproximado de 6.083 milhões de cruzeiros, inclusive créditos ainda não utilizados.

b) Crédito Agrícola

Enquanto em 1947 foram feitos 5.448 financiamentos agrícolas (incluídos os agro-industriais), no valor de 1.209 milhões de cruzeiros, subimos em 1948 para 8.676 contratos, no total de 1.583 milhões, atingindo em 1949 a 12.301, no montante de 2.378 milhões de cruzeiros.

A variação sobre o exercício passado, foi, assim, em 1949, de mais 3.625 contratos, somando 795 milhões de cruzeiros.

Visando ao aumento da produção, mormente de gêneros alimentícios, estamos empenhados em ampliar o número de financiamentos agrícolas, estendendo a assistência da Carteira por um grande círculo de lavradores, de preferência pequenos e médios.

Dos financiamentos rurais realizados até 1949, 44% foram de valor até Cr\$ 30.000,00; 30% entre Cr\$ 30.000,00 e Cr\$ 100.000,00; 22% de Cr\$ 100.001,00 a Cr\$ 500.000,00 e 4% acima desta última quantia.

Foram estabelecidas normas especiais com o fim de facilitar os empréstimos a pequenos produtores, assim considerados os não excedentes de vinte mil cruzeiros.

Desde que o produtor seja radicado e conhecido em sua zona elemento honesto e trabalhador, pode obter o financiamento da entressafra de sua lavoura, até aquele limite, com um mínimo de demora e despesas, estando dispensadas a avaliação prévia da safra e as certidões usualmente exigidas, louvando-se o Banco nas declarações do interessado.

No mesmo dia da assinatura do contrato de penhor, pode o cliente retirar a primeira parcela do esquema de utilização do crédito aberto, promovendo o próprio Banco o registro do contrato e admitindo a inclusão no orçamento, das despesas contratuais, quando o creditado não dispuser dos recursos suficientes para pagá-las. Permite ainda que nos mesmos orçamentos estejam compreendidas verbas para manutenção do lavrador e de sua família.

É nosso pensamento elevar gradativamente o limite estabelecido para gozo dessas facilidades, desde que a experiência demonstre não envolverem essas operações riscos demasiados.

Mas, em suas relações com os pequenos produtores, depararam-se à Carteira sérias dificuldades. Muitos deles são elementos mais ou menos nômades; cultivam terras arrendadas e mudam de domicílio frequentemente. É compreensível que não nos seja fácil prestar-lhes auxílio quando chegam à zona de uma das Agências inteiramente desconhecidos.

O pequeno lavrador, o arrendatário, que não pode oferecer, nos seus índices individuais, base suficiente para obtenção de financiamento; em que entrará sempre, como é inevitável, uma parcela apreciável de crédito pessoal, consegue alcançar o auxílio necessário, amparando-se através da organização cooperativista, na solidariedade de outros pequenos lavradores.

É indiscutivelmente o cooperativismo a solução ideal do problema do pequeno produtor. Dispensamos todo interesse às operações com cooperativas (às quais concedemos juros especiais) e realizamos com várias delas contratos anuais de financiamento, beneficiando inúmeros lavradores.

Foram concedidos, em 1949, a diversas cooperativas, 49 empréstimos no valor de cerca de 69 milhões de cruzeiros.

Infelizmente, porém, o número de cooperativas é muito menor do que se seria desejar e se justificaria pelo número de produtores em atividade.

É sabido que um dos maiores obstáculos à organização e ao êxito das cooperativas entre nós é a falta, no seio da classe dos pequenos produtores, de elementos com as indispensáveis qualidades de líderes e administradores. É essa dificuldade é também um sério obstáculo às operações de crédito com as cooperativas.

MAQUINAS AGRICOLAS

Tiveram apreciável incremento, no exercício, os empréstimos para aquisição de máquinas agrícolas.

Com o êxodo constante do trabalhador rural atraído por melhores perspectivas de vida nos centros urbanos, é urgente que a mecanização amplie as

possibilidades da agricultura, atenuando os efeitos do desfalque do trabalho humano.

Em 1947, os financiamentos para compra de máquinas não passaram de 19, no valor de 829 milhares de cruzeiros; em 1948, foram já 64 operações, somando 6 milhões, e, em 1949, subiram esses empréstimos a 498, no total de 52 milhões de cruzeiros.

PRODUTOS

Açúcar (Lavoura e Indústria)

Permanecendo as condições anteriores, nossos financiamentos à lavoura de cana e às usinas de açúcar — atividades que continuam absorvendo maior soma de recursos da Carteira — elevaram-se, em 1949, a 547, no valor de 90 milhões de cruzeiros, enquanto em 1948 foram em número de 331, no total de 557 milhões de cruzeiros. Dêsse modo, a variação do exercício está representada por mais 216 empréstimos, no montante de 343 milhões de cruzeiros.

ALGODÃO HERBACEO

Mantidas as bases dos financiamentos, elevaram-se estes, em 1949, a 2.487, no valor de 193 milhões de cruzeiros. No exercício anterior, haviam sido em número de 1.399, no total de 108 milhões de cruzeiros, verificando-se, pois, a variação de mais 1.088 contratos, correspondentes a 85 milhões de cruzeiros.

C A C A U

Inalterando o limite de financiamento de entressafra — Cr\$ 30,00 por arroba, de produção estimada —, efetuamos, em 1949, 349 empréstimos, no montante de 22 milhões de cruzeiros. Tendo-se realizado, em 1948, 142 operações, no total de 41 milhões de cruzeiros, as oscilações ocorridas expressam-se, no valor, por uma queda, enquanto seu número mostra-se bem maior, com uma diferença de 207 contratos.

C A F É

Vencido em 29 de dezembro, foi prorrogado por um ano o empréstimo de 30 milhões de cruzeiros concedido ao Estado da Bahia, sob penhor mercantil de amêndoas de cacau, e destinado a adiantamentos, pelo Instituto de Cacau, aos cacauicultores que venderem ou entregarem o produto àquela entidade. Facultamos, ainda, o direito de reestruturação das margens do crédito que se verificarem em consequência de remições decorrentes das vendas efetuadas.

Não houve modificação nas bases e condições dos financiamentos comuns de lavouras. Entretanto, ante a perspectiva de apreciável redução da atual safra, motivada pela longa estiagem, resolvemos adotar solução de emergência, aguardando a transformação em lei do projeto n.º 801-1949 na Câmara dos Deputados, o qual dispõe sobre o financiamento especial nos períodos agrícolas entre 1.º de novembro de 1949 e 21 de outubro de 1952.

Assim, em caráter excepcional, autorizamos financiamentos fora das bases em vigor (estabelecidas estas em função das colheitas previstas) mas limitados ao estritamente indispensável para exclusivo custeio da parte, nas lavouras prejudicadas pela seca, considerada potencialmente de produtividade econômica. Convencionou-se que os empréstimos não deveriam exceder de 60% do valor da safra prevista somado ao de outras garantias admitidas, e que nos pudessem oferecer os proponentes, na falta de recursos para atender ao excesso do custeio sobre o financiamento máximo.

Já no fim do exercício, a 24 de dezembro, foi sancionada a Lei n.º 1.003, que autoriza o Poder Executivo a contratar com este Banco, nos mencionados períodos agrícolas e sob responsabilidade do Tesouro Nacional, a realização do financiamento das lavouras de café cujo custeio, em virtude da redução da respectiva produtividade, ocasionada pela seca, não se enquadre nas disposições do regulamento da Carteira.

Nossos financiamentos comuns à lavoura de café, desde 1945, se expressaram pelos seguintes algarismos:

anos	Número	Cr\$ 1.000
1945.....	1.522	117.813
1946.....	2.063	303.385
1947.....	1.904	343.070
1948.....	3.061	511.283
1949.....	3.302	676.023

CÊRA DE CARNAÚBA

Financiamentos especiais

Em cumprimento da Lei n.º 694, de 7 de maio de 1949, e nos termos do contrato para sua execução, celebrado entre o Ministério da Fazenda e o Banco em 23 de julho de 1949, a Carteira autorizou empréstimos especiais, mediante penhor mercantil de cêra de carnaúba das safras de 1947/48, 1948/49 e 1949/50.

Essa providência objetivou a defesa do mercado do produto, cujas cotações sofriam, no momento, forte pressão baixista, com reflexos perturbadores na marcha das exportações.

Foi fixada a seguinte base de adiantamentos por arroba de 15 quilos líquidos, de cêra dos

Tipos	Cr\$
1.....	580,00
2.....	560,00
3.....	420,00
4.....	400,00

Facultou-se aos mutuários liquidar os respectivos contratos por meio da venda do produto empranhado ao Governo Federal. Outrossim, foi permitido que os financiamentos do mesmo gênero concedidos anteriormente a agricultores e industriais, em execução da Lei n.º 266, de 26 de fevereiro de 1948, e nos termos da autorização governamental contida no Aviso n.º 467, de 22 de julho de 1948, do Excmo. Sr. Ministro da Fazenda, fossem ajustados às condições estabelecidas para cumprimento da Lei n.º 694. Os saldos devedores dos empréstimos especiais sobre cera de carnaúba, em 31 de dezembro, eram os seguintes:

Lei n.º 266, de 26-2-48	Cr\$ 1.202.243,10
Lei n.º 694, de 7-5-49	Cr\$ 70.941.647,60

Segundo disposição da Lei n.º 694, os fundos destinados a essas operações seriam os previstos no parágrafo primeiro do artigo 198 da Constituição Federal. Para não retardar a respectiva realização, todavia, deliberou o Banco efetuar os empréstimos com seus próprios recursos, enquanto não recolhidos pelo Tesouro Nacional os referidos fundos.

TRIGO

Iniciada nossa assistência na região meridional do País, foi ela estendida ao Estado de São Paulo, onde se esboçavam fortes possibilidades na zona sul e no vale do Paraíba, e estamos no propósito de levar amparo financeiro aos Estados que apresentem condições favoráveis à lavoura do trigo, produto de vital importância para nossa economia.

Em outubro, a Carteira fez-se representar em Belo Horizonte, para tomar parte na primeira Mesa Redonda do Trigo, promovida por importantes órgãos de Minas Gerais, verificando-se, naquela ocasião, no campo de cooperação de trigo da variedade *Kenia 155*, mantido pela Secretaria da Agricultura do Estado, o início oficial da safra, com o expressivo resultado de 2.900 quilos por hectare, sendo o produto de excelente qualidade.

Os financiamentos à lavoura de trigo passaram de 54 contratos, no montante de Cr\$ 1.143.000,00, em 1947, para 460, na soma de Cr\$ 10.748.000,00, em 1948, e para 828, no total de Cr\$ 27.115.000,00, em 1949.

Visando a estimular a produção de gêneros alimentícios, por meio da garantia de preços mínimos, baixou o Governo a Lei n.º 615, de 2 de fevereiro de 1949, para cuja execução foi celebrado, em 16 de maio de 1949, contrato entre o Ministério da Fazenda e o Banco, havendo-se iniciado, logo a seguir, as operações, que podem ser de duas modalidades:

- aquisição imediata da mercadoria ou
 - empréstimo ao penhor mercantil, facultado ao devedor o resgate por meio da entrega do produto ao Governo Federal.
- Foram contemplados os seguintes produtos, das safras de 1948/49, 1949/50 e 1950/51, e fixados os preços básicos adiante mencionados, para o exercício de 1949: e para 828, no total de Cr\$ 27.115.000,00, em 1949.

GÊNEROS ALIMENTÍCIOS

(Plano de emergência)

Arroz beneficiado.....	Cr\$ 155,00 por sacco de 60 kg
em casca.....	55,00 " " " "
Feijão:	
das variedades brancas.....	115,00 " " " "
idem de cores.....	105,00 " " " "
idem pretas.....	100,00 " " " "
Milho.....	60,00 " " " "
Soja.....	90,00 " " " "
Trigo.....	120,00 " " " "
Amendoim.....	60,00 por sacco de 25 kg
Girassol.....	2,00 por quilo.

Por Decreto do Poder Executivo, n.º 27.396, de 4 de novembro de 1949 foram mantidas, para o exercício de 1950, as cotações do feijão, da soja e girassol; as dos demais produtos sofreram majorações, como segue:

Arroz beneficiado.....	Cr\$ 180,00 por sacco de 60 kg
Milho.....	65,00 " " " "
Trigo.....	150,00 " " " "
Amendoim.....	65,00 por sacco de 25 kg

Só pode ser objeto de aquisição ou penhor produto que se ache depositado em armazéns pertencentes aos Estados ou por estes controlados, armazéns que serão indicados ao Banco pela Comissão de Financiamento da Produção. Relativamente ao arroz em casca, entretanto, é admitido o depósito em quaisquer armazéns apropriados e idôneos, desde que situados em localidade onde atja exequível o beneficiamento do produto em tempo útil.

Apenas os Estados de Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul e São Paulo indicaram os armazéns habilitados a receber em depósito os produtos, ficando, assim, circunscritas às respectivas áreas as operações do "plano de emergência".

O saldo devedor dos empréstimos da espécie era, em 31 de dezembro, de 6 milhões de cruzeiros.

Quanto às aquisições de gêneros por conta do Tesouro Nacional, de conformidade com a Lei n.º 615, importaram em 61 milhões de cruzeiros, no ano de 1949.

c) Crédito Pecúário

Antes da Lei n.º 209, de 2 de janeiro de 1948 (que não só viera reger a moratória vigente desde o Decreto-Lei n.º 9.686, de 30 de agosto de 1946, como ajustar as dívidas de criadores e recriadores de gado bovino, estabelecendo o processo e a forma de seu pagamento), estiveram praticamente suspensos os financiamentos à pecuária, que foram, em 1947, em número de 397, no total de 88 milhões de cruzeiros.

Com a promulgação, porém, da referida Lei que então parecia fixar rumo definitivo para a matéria, foram regulamentados os empréstimos da espécie, mediante a adoção de normas cuidadosamente estudadas, como mencionado no relatório de 1948, ano em que o número de contratos subiu a 836, no valor de 369 milhões de cruzeiros.

Transcorreu o exercício de 1949 sob a expectativa do resultado da discussão, pelo Congresso Nacional, do projeto chamado de reajustamento das dívidas dos pecuaristas, expectativa que por certo não concorreu para a prática normal e intensiva dos financiamentos, justamente quando a atividade se mostrava necessitada de estímulo.

Sancionada a 24 de dezembro último, a Lei n.º 1.002, estamos instruindo nossas Agências no sentido da perfeita e rápida execução desse novo diploma legislativo.

Embora não atingissem ainda ritmo normal, bastante apreciável revelou-se o acréscimo verificado nos empréstimos pecuários, cujo número, em 1949, foi de 2.970, no valor de 712 milhões de cruzeiros, isto é, mais 2.134 do que no exercício anterior, sendo a diferença de 343 milhões de cruzeiros. O gráfico adiante inserto mostra a linha essencial desses empréstimos.

Não nos limitamos, no exercício, a operar nas bases e condições estabelecidas em agosto de 1948, quando foram as Filiais autorizadas a reiniciar as operações. Elevamos os adiantamentos para aquisição de gado destinado ao corte (que passaram a ser calculados sobre o preço do animal gordo), assim atendendo, por meio de melhor assistência financeira, à conveniência de prover à alimentação das populações urbanas, principalmente do Rio de Janeiro e São Paulo.

Foram também melhoradas as bases do financiamento de gado leiteiro, antes indistintamente fixado em Cr\$ 700,00 para qualquer fêmea, ampliando para Cr\$ 1.800,00 o adiantamento máximo no caso de vacas de raças puras e admitindo o limite de Cr\$ 1.500,00 para os exemplares de boa mestiçagem. Na forma regulamentar, porém, o adiantamento não excederá de 60% do valor real dos animais.

Para os criadores que disponham de pastagens adequadas, localizadas nas proximidades dos grandes centros consumidores ou em zonas dotadas de vias de comunicação que permitam o transporte econômico de gado gordo para abate, passamos a admitir empréstimos para recriação e engorda do mesmo gado. Essa faculdade de concessão de créditos para engorda dos animais recriados foi estendida às operações inicialmente contratadas apenas com a finalidade de recriação mas que satisfizessem as condições citadas, hipótese em que terão seus prazos dilatados de um ano.

Asseguramos, assim, aos recriadores em condições de engordar as reses por eles próprios recriadas, a possibilidade de melhor rendimento de seu esforço produtivo.

Com o objetivo de atenuar as dificuldades verificadas no setor de gado bovino de corte, nos Estados de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, São Paulo e Bahia, vamos pôr em prática — estando já em expedição as instruções às Agências — nova fórmula de financiamento, da qual certamente fluirão reais benefícios para a produção pecuária do País, assegurando-se o abastecimento de carne à população, sabido que este suprimento poderia ser seriamente comprometido com a constante diminuição de matrizes, das quais se tem feito desordenada matança.

Muitas vezes, impossibilitados por falta de recursos de conservar seus bezerros, os criadores são forçados a deles dispôr, logo que desmamados, sofrendo inevitável pressão de interessados em lhes pagar preços sempre baixos, de sorte que, para grande número deles, nessas condições, a criação se tornou atividade pouco remuneradora, senão deficitária. As sucessivas elevações do preço da carne, concedidas pelos órgãos governamentais de controle, praticamente não beneficiariam o criador. Este só lucrará com tais aumentos de preços quando conseguir reter o produto até a idade de três anos, vendendo diretamente ao invernista. E sobre o criador que pesa todo o trabalho da produção. Maior é o seu emprego de capital, sabido que a criação exige instalações muito mais caras e que, sendo o rendimento médio dos rebanhos de 50% do número de matrizes, deve ele possuir duas vacas para obter uma cria anual, além de um reprodutor para cada grupo de vinte crias. E o criador, entretanto, o que menor resultado auferir, relativamente.

O largo apoio que prestamos a recriadores e invernistas objetiva, principalmente, melhorar, por força da concorrência, os preços dos bezerros. Verificamos, porém, que só parcialmente atingimos o fim desejado. Contribuímos, por certo, para que ditos preços não caíssem a níveis ainda mais baixos, mas devemos reconhecer que o efeito da concorrência entre os compradores tem sido discreto. A nova fórmula de financiamento que podemos em prática, sem prejuízo de nossa habitual assistência a recriadores e invernistas, visa exatamente a proporcionar aos criadores a oportunidade de recriar seus próprios bezerros, permitindo-lhes usufruir integral proveito de seu esforço produtivo e proporcionando-lhes meios de elevar o padrão técnico de sua atividade.

O financiamento só será concedido a criadores que ainda não recriem habitualmente suas produções e que disponham de terras para a recriação, arrendadas ou próprias.

O crédito poderá ser aplicado no custeio da fazenda, nas despesas de subsistência do mutuário e de sua família, em iniciativas de interesse da produção e no pagamento de dívidas oriundas das atividades rurais do financiado e obedecerá às seguintes normas gerais:

na assinatura do contrato — adiantamento de 75% do preço corrente na região, sobre as crias do próprio rebanho, desmamadas, de ambos os sexos, não podendo o número de fêmeas exceder o dos machos;

no início do segundo contrato — adiantamento complementar suficiente para atingir o financiamento 65% do valor, nessa época, das crias apanhadas (a rápida valorização dos animais explica o decréscimo da porcentagem de adiantamento).

P... de 1 ano, prorrogável por mais um. Juros exigíveis apenas na liquidação do contrato, isto é, na ocasião da venda normal dos animais. Garantia de animais adultos em valor bastante para completar a margem regulamentar de 40%, aos preços do momento. Se o rebanho-base já estiver onerado, será recebido em segundo penhor.

O criador poderá fazer um contrato cada ano, incluída cláusula de intercomunicação das garantias, sempre que já houver algum em vigor.

Nas regiões adequadas à invernagem, será admitida uma segunda prorrogação de um ano, para fins de engorda, desde que aparelhado o mutuírio; caso em que será concedido novo adiantamento, mas apenas sobre os machos e do montante estritamente necessário para as despesas de engorda.

Para a consecução desses objetivos, promovemos a reforma do regulamento da Carteira, tornando viáveis essas operações, com as quais pretende o Banco ainda melhor e mais racionalmente concorrer, dentro da finalidade da Carteira especializada, para o fomento da riqueza pecuária do País.

Para o completo êxito da iniciativa, porém, necessário se faz que os criadores ofereçam melhor assistência aos rebanhos, que elevem a capacidade de sustentação de suas pastagens e que adotem, enfim, métodos mais adiantados, de maneira a obter aumento real da produção.

d) Crédito Industrial

Prosseguiram em ritmo crescente as aplicações decorrentes dos financiamentos industriais, resultado esse que revela o empenho com que são apoiadas e auxiliadas as fontes de produção que verdadeiramente interessam à economia do País.

Novos setores industriais mereceram, no transcurso do exercício, a nossa assistência, e para outros — como os de energia elétrica, trigo, vinho e charque — foram estabelecidas, com o conhecimento advindo da prática das operações, normas menos rígidas para a concessão e movimentação dos créditos necessários ao seu incremento, que se vem verificando em bases economicamente estáveis e sadias.

Mercê das novas bases estabelecidas em 1949 para a celebração de contratos, os financiamentos à indústria de beneficiamento de arroz e outros cereais (como aliás ocorreu em 1948, pelo mesmo motivo, com o café e o algodão) ascenderam ao total de 265 milhões de cruzeiros, enquanto os relativos ao exercício de 1948 não ultrapassaram de 121 milhões.

Relativamente à energia elétrica — fator preponderante para o desenvolvimento econômico e industrial do País — foram fomentados, com o nosso auxílio financeiro, o aumento e melhoria das instalações existentes, somando os créditos abertos em 1949 a importância de 49 milhões de cruzeiros.

Com o objetivo de possibilitar o aproveitamento racional de subprodutos, foi admitido, em determinados casos, o financiamento, a beneficiadores primários de algodão, para extração de óleo de semente. Em resultado, as aplicações na produção de óleos vegetais e gorduras elevaram-se, em 1949, a 31 milhões de cruzeiros. Seu valor, em 1948, cifrou-se em 12 milhões.

As indústrias têxteis, interessadas em obter maior e mais econômica produção, mereceram substancial apoio, traduzido por operações no valor de 83 milhões de cruzeiros, sendo de notar que, em 1948, nossas aplicações nesse setor de atividade fabril limitaram-se a 18 milhões.

Mister se faz ainda assinalar que, fruto do estímulo e amparo que vimos dando à produção do trigo nacional, na industrialização primária desse cereal foi necessário inverter, em 1949, 48 milhões de cruzeiros quando em 1948 participamos, apenas, com 25 milhões.

Confrontando-se os resultados de 1948 e 1949, nota-se que, enquanto no primeiro ano foram contratadas 369 operações no valor global de 496 milhões de cruzeiros, no último foram realizadas 513, correspondendo a créditos abertos no total de 714 milhões de cruzeiros.

Assim, e não obstante a mais rigorosa observância dos preceitos e normas que disciplinam as operações da espécie, o montante das nossas aplicações em empréstimos industriais, desde a instalação da Carteira, atingiu, em 1949, a 2.736 milhões de cruzeiros. Somavam 2.022 milhões as apuradas em 1948. O saldo devedor dos financiamentos concedidos traduzia-se, em 31 de dezembro de 1949, por 1.125 milhões de cruzeiros. Em igual data do exercício anterior, estava representado por 898 milhões.

e) Letras Hipotecárias

Estas operações prendem-se ao reajustamento econômico concedido aos agricultores pela legislação especial que se consubstanciou nos Decretos-leis ns. 1.002, 1.172, 1.230, 1.888, 2.071, 2.238, 2.157 e 2.689, respectivamente de 29 de dezembro de 1938, 27 de março, 29 de abril e 15 de dezembro de 1939, 7 de março, 28 de maio, 30 de abril e 26 de outubro de 1940.

Como é sabido, o reajustamento constituiu na concessão de empréstimos em letras hipotecárias aos requerentes, a prazo máximo de 20 anos e em montante não superior a 75% do valor dos bens dados em garantia, com a consequente extinção das dívidas deles requerentes por força da entrega das letras hipotecárias aos credores.

O Banco do Brasil foi incumbido da realização dos empréstimos em letras hipotecárias, assim como do preparo dos processos, para efeito de acordos amigáveis ou de julgamento pela Câmara de Reajustamento Econômico quando requerido o reajuste compulsório.

Durante o ano de 1949, foram efetuados 22 empréstimos da espécie, no valor total de Cr\$ 1.827.800,00, sendo:

oriundos de ajustes compulsórios	21 — 1.608.800,00
oriundo de ajuste voluntário	1 — 219.000,00

No mesmo período, liquidaram-se 30 contratos, na importância global de Cr\$ 2.444.900,00. Assim, existiam em vigor, em 31 de dezembro de 1949, 227 empréstimos, com o saldo aproximado de 22 milhões de cruzeiros.

Foi emitida, no exercício, apenas uma letra, de Cr\$ 1.000,00, para substituição de outra inutilizada indevidamente; reemitiram-se 838, totalizando Cr\$ 1.827.800,00, para atender às operações realizadas.

De acordo com o balanço encerrado em 31 de dezembro de 1949, ficou reservada a verba de Cr\$ 2.294.500,00 para ser aplicada no resgate de 1.195 letras, em sorteio com data para 31 de janeiro de 1950. Já se efetuou o sor-

teio, e o resgate está sendo feito à proporção que se apresentam os títulos. Somavam as letras hipotecárias em circulação, em 31 de dezembro de 1949, o valor de 23 milhões de cruzeiros.

3. Carteira de Câmbio

A Carteira de Câmbio, que opera por conta do Governo Federal, em virtude de contrato celebrado entre o Ministério da Fazenda e o Banco do Brasil, prosseguiu na execução dos serviços de sua especialidade, mantendo ainda os de Fiscalização Bancária e da Agência Especial de Defesa Econômica.

Assim, através das Agências do País e correspondentes que o Banco do Brasil mantém em todo o mundo, processaram-se os serviços usuais de câmbio. O movimento de ordens de pagamento executadas por intermédio desta Sede, atingiu o número total de 51.160, sendo de 41.405 o das expedidas para o exterior e de 9.755 o das provenientes do exterior.

Foram igualmente confiados a esta Sede, no ano de 1949, para cobrança no estrangeiro, 2.915 títulos do valor global de 742 milhões de cruzeiros, elevando-se a 13.175, no montante de 3.547 milhões, os encaminhados diretamente por nossas Agências.

Os títulos que nos foram remetidos do exterior, para cobrança no País, atingiram o número de 59.100, distribuídos pelas seguintes moedas:

Moedas	1.000 unidades
Dólares	219.811
Libras	7.613
Cruzeiros	500.216
Coroas suecas	22.412
Franco franceses	946.377
Franco belgas	228.797
Franco suíços	50.117
Escudos	98.186
Coroas tchecas	107.402
Coroas dinamarquesas	1.983
Pesetas	22.069
Pesos uruguaios	1.646
Florins	150
Pesos argentinos	187
Coroas norueguesas	1.460
Liras	1.000

Os créditos de exportação e importação negociados nesta Sede e em nossas Filiais atingiram, durante o ano de 1949, respectivamente 11.916 e 5.129 unidades, expressos nas seguintes moedas:

MOEDAS	CRÉDITOS DE EXPORTAÇÃO 1.000 unidades	CRÉDITOS DE IMPORTAÇÃO 1.000 unidades
Dólares.....	95.666	74.828
Franco belgas.....	925.510	2.713.145
Coroas dinamarquesas.....	35.451	8.611
Franco franceses.....	1.661.937	259.324
Libras.....	4.887	4.822
Coroas suecas.....	17.138	19.188
Escudos.....	35.557	262
Coroas tchecas.....	224.466	16.453
Cruzeiros.....	1.433.536	1.301.074
Pesetas.....	—	5.111
Coroas norueguesas.....	—	11
Franco suíços.....	—	12.363
Pesos uruguaios.....	—	9

A arrecadação da taxa de 5%, de que trata a Lei 156, de 27 de novembro de 1947, e que incide sobre as transferências para o exterior, proporcionou recursos no valor de 1.616 milhões de cruzeiros, levados a crédito da conta "Receita da União".

* *

No setor da Fiscalização Bancária, o ano de 1949 foi dos mais trabalhosos, em face do acervo de problemas originados pela escassez de divisas livres. Entre os inúmeros encargos que lhe estão afetos, ressalta o do registro de capitais estrangeiros invertidos no País mediante transferências de moeda estrangeira, bem como os constituídos por lucros obtidos. A existência, em 31 de dezembro de 1949, de capitais estrangeiros invertidos em firmas comerciais, companhias e sociedades, registrados na Fiscalização Bancária, acusava montante equivalente a 15.492 milhões de cruzeiros, dos quais 5.858 milhões relativos às transferências em moedas estrangeiras e 9.634 milhões de lucros aqui obtidos e reinvertidos como capital. Do total citado, a parcela de 8.690 milhões de cruzeiros é representativa dos capitais norte-americanos, suíços e portugueses e a de 4.475 milhões, dos capitais britânicos, restando 2.327 milhões, que indicam capitais de outros países de moedas inconvertíveis.

As remessas relativas ao retorno e a lucro desses capitais, quando solicitadas, estão sendo normalmente autorizadas, com observância das limitações impostas pelos artigos 6.º e 8.º do Decreto-lei n.º 9.025, de 27 de fevereiro de 1946.

A Agência Especial de Defesa Econômica continuou, dentro das atribuições que lhe foram conferidas por lei e em estreita colaboração com a Comissão de Reparações de Guerra, a exercer suas atividades no sentido da aplicação do Decreto-lei n.º 4.166, de 11 de março de 1942, e legislação posterior. Pelo fundo de Indenização foram pagas, até 31 de dezembro de 1949, indenizações em número de 1.658, no total de 240 milhões de cruzeiros, assim distribuídas:

Decreto n.º 25.147

Cr\$ 1.000

Art.º 1.º — Danos pessoais	
Víduas de tripulantes — 100 %.....	50.530
Art.º 2.º — Danos pessoais e patrimoniais	
Individuais (35 %).....	9.036
Patrimoniais (navios e cargas, 35%)...	180.589
TOTAL.....	240.155

A Agência Especial de Defesa Econômica prossegue, pois, em sua missão controladora das firmas do "Eixo", algumas das quais já efetivamente liquidadas, enquanto que outras, por suas atividades industriais e técnicas, necessárias à economia do País, se mantêm em funcionamento, já estando em curso providências necessárias à sua nacionalização.

4. Carteira de Exportação e Importação

Como um dos órgãos executivos da política nacional de comércio exterior, prosseguiu a Carteira, em 1949, no controle de nossas exportações e importações.

Os quadros demonstrativos das nossas operações realizadas durante o ano de 1949 refletem a assistência financeira que vem esta Carteira prestando às exportações e importações brasileiras.

Ao findar o exercício, o número de operações contratadas era de 255, no valor de 506 milhões de cruzeiros, como a seguir discriminado:

	Cr\$ 1.000
122 Adiantamentos sobre contratos de câmbio.....	38.703
113 Financiamentos de abertura de créditos no exterior.....	377.770
20 Empréstimos mediante penhor mercantil.....	89.856
255.....	506.329

Essas operações, em 31 de dezembro de 1949, apresentavam os seguintes saldos devedores:

	Cr\$ 1.000
122 Adiantamentos sobre contratos de câmbio.....	38.703
113 Financiamentos de abertura de créditos no exterior.....	248.833
20 Empréstimos mediante penhor mercantil.....	46.244
225.....	333.780

No correr do ano foram efetuadas 1.431 operações, no valor de 636,7 milhões de cruzeiros, a saber:

	Cr\$ 1.000
1141 Adiantamentos sobre contratos de câmbio.....	358.462
260 Financiamentos de abertura de créditos no exterior.....	253.668
30 Empréstimos mediante penhor mercantil.....	24.571
1431.....	636.701

Confrontando os movimentos de 1948 e 1949, verificamos sensível diminuição no volume e no valor das operações realizadas no último exercício, expressa pelos algarismos abaixo:

ADIANTAMENTOS SOBRE CONTRATOS DE CÂMBIO

	Cr\$ 1.000
Em 1948 — 1.561 operações.....	782.811
Em 1949 — 1.141 operações.....	358.462
Menos — 420 operações.....	424.349

FINANCIAMENTOS DE ABERTURA DE CRÉDITOS NO EXTERIOR

	Cr\$ 2.000
Em 1948 — 406 operações.....	284.658
Em 1949 — 260 operações.....	253.668
Menos — 146 operações.....	30.990

EMPRÉSTIMOS MEDIANTE PENHOR MERCANTIL

	Cr\$ 1.000
Em 1948 — 54 operações.....	102.034
Em 1949 — 30 operações.....	24.570
Menos — 24 operações.....	77.464

A redução verificada, conforme os elementos expostos foi de:

	Cr\$ 1.000
420 Adiantamentos sobre contratos de câmbio.....	424.349
146 Financiamentos de abertura de créditos no exterior.....	30.990
24 Empréstimos mediante penhor mercantil.....	77.446
590 operações no valor de.....	532.803

Essa retração de operações foi devida, principalmente, aos embaraços que encontramos em manter nossas transações com vários países, em virtude das atuais dificuldades de caráter econômico por que vem passando o comércio em todo o mundo, as quais culminaram na desvalorização das moedas de diversas nações.

ADIANTAMENTOS SOBRE CONTRATO DE CÂMBIO

Atendendo às características peculiares a essas operações, os adiantamentos sobre contratos de câmbio seguem à frente das demais modalidades de financiamento, quer quanto ao volume, quer quanto ao valor.

Dos produtos financiados por esta espécie de assistência destacamos:

PRODUTOS	NÚMERO DE OPERAÇÕES	Cr\$ 1.000
Cera de carnaúba.....	266	65.812
Café.....	104	43.070
Produtos frigorificados.....	50	41.388
Babacu.....	102	41.098
Fibras de agave.....	65	34.414
Pêles e couros.....	104	23.546
Tucum.....	98	22.733
Madeiras.....	75	16.831
Mamona.....	56	17.940
Cacau.....	37	14.623

Outros foram favorecidos em quantias inferiores a dez milhões de cruzeiros. A esta altura, cabe-nos ressaltar que, em 31 de dezembro de 1949, poucos eram os adiantamentos sobre contratos de câmbio que, a rigor, poderiam ser considerados em situação anormal, visto acusarem vigência superior a 90 dias, máximo permitido pelas instruções em vigor.

Financiamentos de abertura de créditos no exterior

Nesses financiamentos, destinados ao pagamento de mercadorias importadas distinguiram-se os seguintes produtos:

PRODUTOS	NÚMERO DE OPERAÇÕES	Cr\$ 1.000
Draga e acessórios.....	1	55.000
Maquinismo.....	22	32.560
Máquinas têxteis.....	6	23.223
Máquinas agrícolas.....	27	21.465
Cobre.....	5	20.395
Petróleo e derivados.....	6	18.170
Caminhões e jipes.....	10	11.523
Máquinas para impressão.....	2	10.866

Empréstimos mediante penhor mercantil

Dos 12 produtos financiados destacaram-se:

PRODUTOS	NÚMERO DE OPERAÇÕES	Cr\$ 1.000
Máquinas agrícolas.....	4	3.576
Maquinismo.....	10	3.333
Caminhões e jipes.....	3	3.290

Assim, verifica-se que os mesmos financiamentos de exportação cobrem produtos nacionais, genuinamente de exportação, e os de importação, materiais essencialmente necessários ao desenvolvimento econômico e industrial do País.

Em virtude de dispositivo constante da Lei n.º 842, de 4 de outubro de 1949, passaram a ser cobrados emolumentos pela expedição de licenças prévias, com o fim de contrabalançar os pesados ônus decorrentes da manutenção dos serviços correspondentes em todo o território nacional.

5. Carteira de Redescontos e Caixa de Mobilização Bancária

Em 1949, o Governo manteve, em sua política de crédito, a mesma orientação dos anos anteriores. A Carteira de Redescontos e a Caixa de Mobilização Bancária continuaram, através do Banco do Brasil, sua assistência aos estabelecimentos de crédito, dentro das bases estabelecidas e atendendo às condições vigorantes na atual conjuntura econômica.

Em adição, no ano findo, o movimento de títulos redescontados, atingindo um total de 115.896 títulos, no valor de 10.490 milhões de cruzeiros. Esses dados nos permitem verificar o aumento substancial ocorrido com relação ao ano anterior, quando alcançaram, respectivamente, os totais de 81.854 títulos e 6.618 milhões de cruzeiros.

Abaste transcrevemos os dados de 1949 relativos ao movimento da Carteira de Redescantos:

TÍTULOS REDESCONTADOS

DISTRIBUIÇÃO	NÚMERO	Cr\$ 1.000.000
DISTRITO FEDERAL:		
Banco do Brasil.....	—	—
Outros bancos.....	32.840	3.338
TOTAL.....	32.840	3.338
ESTADOS:		
Banco do Brasil.....	30.329	4.008
Outros bancos.....	52.727	3.144
TOTAL.....	83.056	7.152
TOTAL GERAL.....	115.896	10.490

No último quinquênio, assim se apresentaram as cifras dos títulos redescantados:

A N O S	NÚMERO	Cr\$ 1.000.000
1945.....	34.712	2.821
1946.....	80.060	6.734
1947.....	61.797	4.585
1948.....	81.854	6.618
1949.....	115.896	10.490

Alinhamos, no quadro seguinte, os saldos anuais e mensais das operações da Carteira, discriminando os títulos redescantados pelo Banco do Brasil e demais bancos:

Saldos em fim de ano e mês (Cr\$ 1.000.000)

ANOS	BANCO DO BRASIL		DEMAIS BANCOS		TOTAL	
	Valor	%	Valor	%	Valor	Variação
1945.....	4.566	91	455	9	5.021 (*)	—
1946.....	2.612	84	513	16	3.125	— 1.893
1947.....	704	48	769	52	1.473	— 1.652
1948.....	1.307	53	1.170	47	2.477	+ 1.004
1949.....	3.280	68	1.528	32	4.808	+ 2.331
1949—Janeiro.....	1.306	56	1.014	44	2.320	— 157
Fevereiro.....	1.206	55	998	45	2.204	— 116
Março.....	897	45	1.115	55	2.012	— 192
Abril.....	837	42	1.155	58	1.992	— 20
Maio.....	772	37	1.302	63	2.074	+ 82
Junho.....	987	41	1.406	59	2.393	+ 319
Julho.....	1.289	43	1.544	55	2.833	+ 440
Agosto.....	1.505	45	1.837	55	3.342	+ 503
Setembro.....	1.618	47	1.831	53	3.449	+ 107
Outubro.....	1.615	46	1.892	54	3.507	+ 58
Novembro.....	1.889	53	1.681	47	3.570	+ 63
Dezembro.....	3.280	68	1.528	32	4.808	+ 1.238

(*) Inclusive "Empréstimos a Bancos" garantidos por Letras do Tesouro.

Do aumento havido com relação a 1948 (+ 2.331 milhões de cruzeiros), o Banco do Brasil concorreu com 1.973 milhões de cruzeiros.

As fontes dos recursos com que vem operando a Carteira e sua oscilação relativamente a 1948, estão referidas a seguir:

Saldos em fim de ano (Cr\$ 1.000)

F O N T E S	1948	1949	VARIAÇÃO
Tesouro Nacional (Emissões).....	1.350.000	3.750.000	+ 2.400.000
Superintendência da Moeda e do Crédito.....	806.793	628.846	— 177.947
Outros recursos.....	320.589	428.894	+ 108.305
TOTAL.....	2.477.382	4.807.740	+ 2.330.358

A Caixa de Mobilização Bancária, conforme se nota no quadro a seguir, aumentou, em 1949, seus empréstimos em 137 milhões de cruzeiros. Esta cifra, se comparada com a dos anos anteriores, mostra que diminuiu o ritmo de crescimento dos empréstimos efetuados pela Caixa. Isto indica que foi vencida a crise que se verificou no comércio bancário em abril de 1946.

CAIXA DE MOBILIZAÇÃO BANCÁRIA

Saldos em fim de ano (Cr\$ 1.000.000)

A N O S	EMPRÉSTIMOS	VARIAÇÃO
1945.....	164	—
1946.....	612	448
1947.....	1.488	+ 876
1948.....	2.178	+ 690
1949.....	2.315	+ 137

Do total de 1949, 476 milhões de cruzeiros achavam-se escriturados em "Títulos Descontados" na contabilidade do Banco do Brasil.

As operações da Caixa estão financiadas com recursos provenientes de emissões por ela requisitadas ao Tesouro Nacional, de acordo com o Decreto n.º 21.499, de 9 de junho de 1932, na importância de Cr\$ 1.178.449.000,00, acrescidos das suas próprias reservas e de suprimentos feitos pelo Banco do Brasil.

DIRETORIA

Com a saída do Dr. Manoel Guilherme da Silveira Filho, chamado a exercer as elevadas funções de Ministro de Estado dos Negócios da Fazenda, foi nomeado, por decreto de 26 de julho de 1949, Presidente do Banco do Brasil, recebendo o cargo, no dia 29, do sr. Pedro de Mendonça Lima, que o exercia interinamente, em virtude de Decreto de 11 de junho de 1949. Por Decreto também de 26 de julho de 1949, foi o sr. Pedro de Mendonça Lima designado para substituir-nos como Diretor da Carteira de Redescantos, à qual vem dispensando a experiência e dedicação já reveladas durante sua longa vida funcional nesta Casa.

Em Assembléia Geral Ordinária dos Acionistas, realizada a 29 de abril de 1949, foi reeleito para Diretor da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial, para o período de 1949/1953, o Dr. Marino Machado de Oliveira, que já vinha prestando valiosos serviços à Administração do Banco, desde meados de 1948, quando foi eleito para completar o mandato do saudoso Dr. Gudestau de Sá Pires.

Tendo pedido demissão do cargo de Diretor da Carteira de Exportação e Importação o sr. Hamílcar José do Amaral Bevilacqua, antigo funcionário a quem este Banco ficou a dever serviços de real valor, foi nomeado por Decreto de 10 de outubro de 1949, o sr. General Anápio Gomes, cuja atuação em diversos postos da administração pública o credenciou para o elevado cargo.

Terminado o mandato do Sr. Dr. Pedro Demosthenes Rache, compete à Assembléia proceder à eleição de um Diretor para o quadriênio 1950-1954.

Prestadas as contas do exercício e informações sobre as principais atividades do Banco, entregamos ao julgamento dessa magna Assembléia os resultados obtidos em 1949, pondo-nos à disposição dos Srs. Acionistas para quaisquer outros esclarecimentos.

Este relatório buscou refletir, na complexidade de seu duplo aspecto econômico e financeiro, e na sua ação eminentemente criadora e estimuladora, os trabalhos desenvolvidos pelo Banco do Brasil durante o ano de 1949.

Por certo, não terá conseguido retratar, em toda a sua amplitude, o que foi a contribuição prestada pelo Instituto, naquele período, ao progresso e ao incremento das forças que edificam a riqueza do País.

A influência exercida pelo Banco do Brasil, como agente de propulsão da economia nacional, traduz-se em múltiplas realizações, das quais não são menos importantes aquelas que, em número avultado, resultam indiretamente de medidas de caráter geral, tomadas nesta Casa.

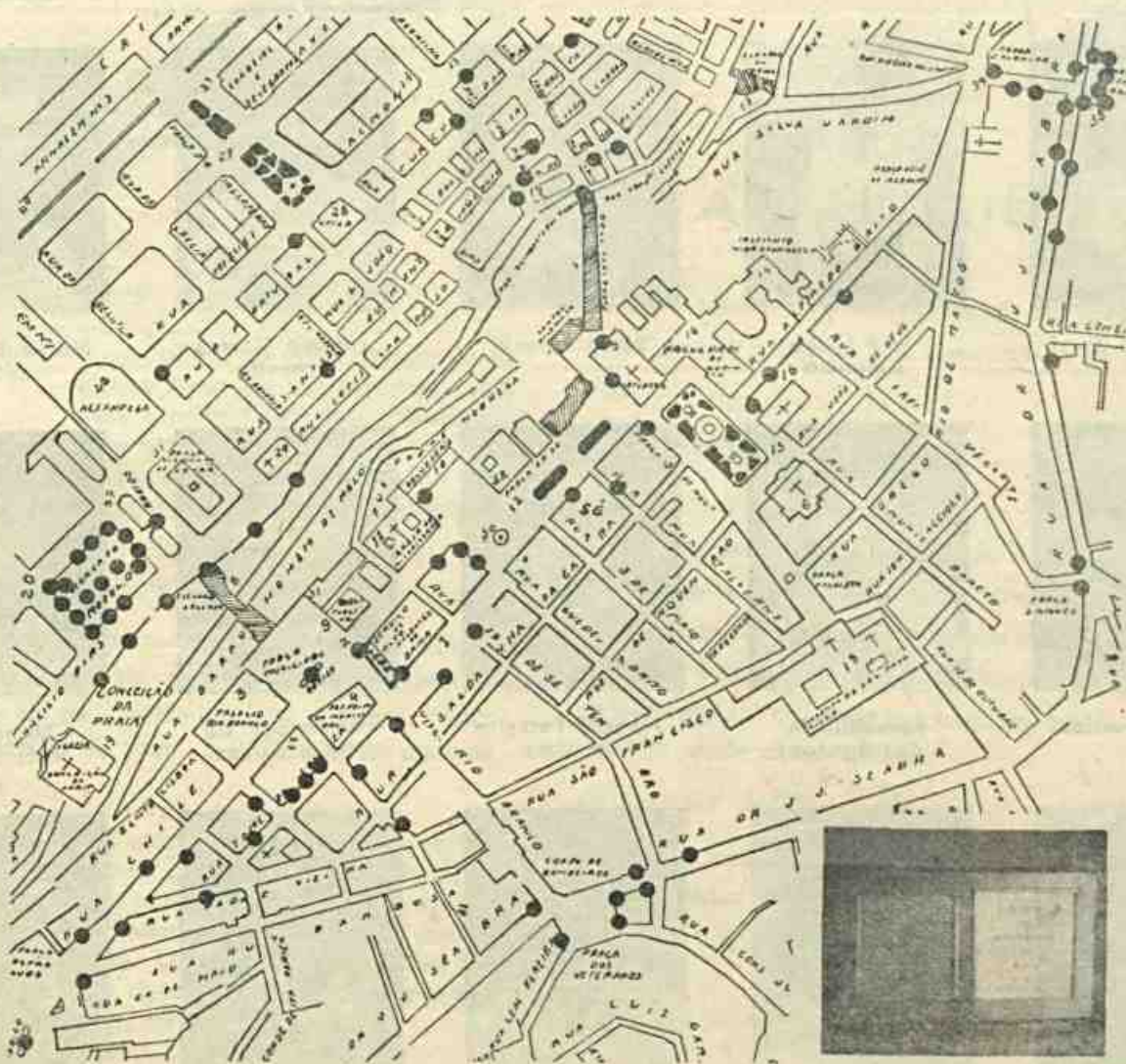
Ao terminarmos, apraz-nos assinalar, pois, o auspicioso fato de que cresce, dia a dia, a participação deste Banco em todas as atividades que se relacionam com a vida econômica e social da Nação, nos seus aspectos mais relevantes.

OVIDIO XAVIER DE ABREU

Para sua publicidade na Cidade do Salvador, utilise-se do serviço de Alto-falantes da Bahia

Mais de uma centena de aparelhos sônoros instalados nas casas comerciais (bares, barbearias, pastelarias, farmacias, cafês, lojas etc). Abrigos e praças públicas servem ao povo bahiana. Sua rede de som abrange: — Mercado Modelo (40 aparelhos sônoros) Mercado Santa Barbara (20 Aparelhos sônoros) e centro da Cidade Baixa, Cidade Alta e Baixa dos Sapateiros, conforme indicações no mapa (pontos pretos).

SEDE — Pr. TOME' DE SOUZA (MUNICIPAL), 2 — 1.º pavt.º
 TL. 4 3 3 5 — Telegrs. "SABIA"



Os pretos indicam os locais onde estão instalados os
 Aparelho Sônoro

aparelhos sônoros.

**FAÇA A SUA MENSAGEM DE VENDAS ATRAVES DESTESERVIÇO E CONSTATARÁ O AUMEN-
 TO DOS SEUS PEDIDOS.**

Mais de 200.000 pessoas diariamente escutam este serviço. Use esse
 publico que se locomove no centro da cidade, para preferir os seus
 produtos. Maior publicidade — Melhores preços — Máxima eficiência

SERVIÇO DE ALTO-FALANTES DA BAHIA

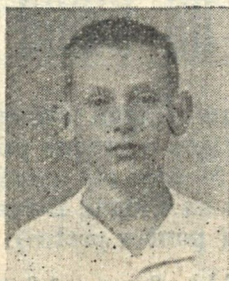
Pr. TOME' DE SOUZA (MUNICIPAL), 2 - 1.º pavt.º — Tel. 4335. Tel. "Sabia"

DIRETOR: — WALDEMAR ANGELIM

CLUBE DOS FANS D'O TICO-TICO



Yolanda Moreira
dos Santos



Carlos Cristovam



Antonio Cabral



Manoel Lourenço



Elisabeth
Guimarães



Terezinha Zorzi



José Celso
Amancio



Silvio Baruck



Antonio Gomes
Azevedo



Maria da Penha
Silva



Irene Sliasticos



Fernando M.
dos Santos



Josemir Ferreira
de Lima



Armandyr da
Silva Ferraz



Nancy do
Nascimento



Eliane Cardoso
Fernandes



Walter de Souza
e Silva



José Ayres
Ferreira



Samuel Machado



Suely Nosimann



Celia Bomfim
Santos



Zelia Medina



Esther Machado

O "Clube dos Fans d'O Tico-Tico" é uma organização que congrega milhares e milhares de leitores e admiradores daquela tradicional publicação infantil, pertencente à mesma empresa editora desta revista, a S. A. O Malho, e o êxito que a sua criação logrou despertar entre as crianças brasileiras tem sido de tal modo significativo que não podemos deixar de compartilhar dele.

Como uma homenagem, pois, aos simpáticos associados do "Clube dos Fans d'O Tico-Tico", estamos mensalmente publicando uma página com os seus retratos obtidos no fichário numeroso do "Clube", que está plenamente vitorioso.



MATE

FRIO OU QUENTE, FAZ BEM A GENTE

RECEITAS UTEIS

CHA' DE MATE

A infusão de mate, prepara-se do mesmo modo que qualquer outro chá. Para o mate verde, duas colherinhas para cada chicara. Para o mate queimado, uma colherinha basta. Com leite, a infusão é igualmente deliciosa e altamente nutritiva.

ROSQUINHAS DE MATE

200 gramas de manteiga. 1 chicara de açúcar. $\frac{1}{2}$ chicara de mate em pó peneirado. 1 colherinha de baunilha em pó. 3 ovos inteiros. 2 gemas. 2 chicaras de farinha de trigo. 1 $\frac{1}{2}$ chicara de maizena. 1 pitada de sal.

Bata a manteiga com a baunilha e o açúcar até fazer um creme. Junte os ovos inteiros e depois as gemas, uma por uma, mexendo sempre. Acrescente a farinha de trigo, a maizena, o mate e o sal. Amasse bem e faça rosquinhas. Coloque sobre uma tábua polvilhada de farinha de trigo e deixe secar durante uma hora. Asse depois em forno quente.

REAL DE MATE

250 gramas de manteiga. 4 ovos. 1 chicara de açúcar. 1 chicara de farinha de trigo. 1 chicara de maizena. $\frac{1}{2}$ chicara de leite. 4 colherinhas de fermento. 4 colheres de corintos. 4 colheres de cidra cristalizada.

Bata bem a manteiga até formar um creme. Junte as gemas, o açúcar e a casca ralada de meio limão.

MATE CHIMARRÃO (AMARGO)

O chimarrão é feito na cúa, ou pequena cabaça. Com mate até o meio, verte-se água fria ou morna, até molhá-lo. A seguir, a água fervente completa a infusão, que se repete com o mesmo mate, várias vezes. Com o canudo de metal — a bombilha — o líquido é chupado. O açúcar e o leite em vez de água, é também usado nesta infusão.

CALDA DE MATE

Ponha numa panela duas chicaras de extrato de mate e quatro colheres de açúcar. Chegando a ponto de calda, tire e despeje, ainda quente, sobre as cascaras.



PERFIS POLITICOS

(Conclusão)

uma fase de invejável prosperidade econômica e financeira. Seus produtos, amparados por leis ditatoriais, que traziam no seu bojo favores excepcionais, alcançavam preços astronômicos. Era o início do novo período de encilhamento, com o seu triste cortejo de misérias.

O sr. Agamemnon terá sido, talvez, o único homem público brasileiro que não se deteve diante do poderio desses capitães de indústria em tais dias melancólicos da ditadura. Chamou-os todos, a palácio, para obrigá-los — já que eles se recusavam a fazê-lo espontaneamente — a contribuir para a campanha da extinção do mocambo. E aos que relutaram em aderir a essa obra de profundo sentido social e de benemerência — por mais estranho que pareça, Pernambuco tinha, entre os seus industriais mais destacados, alguns exemplares de coração de pedra! — o novo interventor moveu uma verdadeira guerra de morte. Uns cederam, afinal; outros, — ó céos! — preferiram abandonar o Estado, carregando avaramente todo o seu ouro.

A Liga Social contra o Mocambo, sob a fiscalização imediata do interventor, construiu casas populares, aterrou os alagados e mangues, resolvendo, assim, em parte, o secular problema.

Deixando a interventoria, o sr. Agamemnon veio assumir as funções de ministro da justiça. A ditadura estava, então, nas yscas da morte. A ação do novo titular não pôde, assim, operar milagres. Dia a dia mais se desmoralizava o regime. Foi quando surgiu a lei contra os "trusts", de inegável sentido humano. Mas a campanha de desmoralização que se levantou contra o sr. Agamemnon e o governo, a despeito da censura, — campanha custeada pela alta finança do país... e do estrangeiro — alcançou proporções jamais vistas. Seus inimigos crismaram-na de "Lei Malaia", alegando que ela era criação de um cérebro malaio.

Diante de uma oposição tão violenta e, sobretudo, tão bem amparada pelos dinheiros fáceis da plutocracia internacional, era de prever o destino da lei.

Derrubada a ditadura, o sr. Agamemnon, que é, indiscutivelmente, um dos chefes de maior prestígio eleitoral em todo o norte, se fez eleger deputado à Constituinte de 45.

Jurista de mérito, professor de Teoria do Estado na Faculdade de Direito do Recife, o sr. Agamemnon, hoje afastado da cátedra, é o presidente da Comissão de Justiça da Câmara dos Deputados, cargo para o qual tem sido reeleito, anualmente, com o apoio indistinto dos partidos políticos. — ARM.

UMA REVISTA PARA O LARI

Os modelos parisienses, americanos e nacionais, as "Páginas das Noivas" cheias de motivos encantadores, as indicações úteis nas páginas "De Coser e Outras Coisas", os riscos para bordar, arranjos da casa, contos, conselhos de beleza, notinhas úteis, receitas culinárias e muitas coisas mais, fazem de "Moda e Bordado" uma revista que agrada ao bom gosto da elegância feminina. Em todos os jornaleiros e livrarias.



SE deseja fazer o seu enxoval de acordo com as mais modernas criações da moda, veja as páginas de

Arte de Bordar

cheias de ensinamentos e sugestões. Verdadeira biblioteca de artes aplicadas e trabalhos de bordar! Cr\$ 7,00 nas livrarias e bancas de jornais. Pedidos também pelo Reembolso Postal à S. A. "O MALHO", Rua Senador Dantas, 15, 5.º andar. — Rio.

SÃO LOURENÇO



Faça a sua estação de águas ou repouso em São Lourenço, aproveitando esta época de clima temperado e sem chuvas. —

Hospede-se no PONTO CHIC HOTEL. Incontestavelmente o mais próximo do Parque e das Fontes. —

Ambiente confortável e familiar.

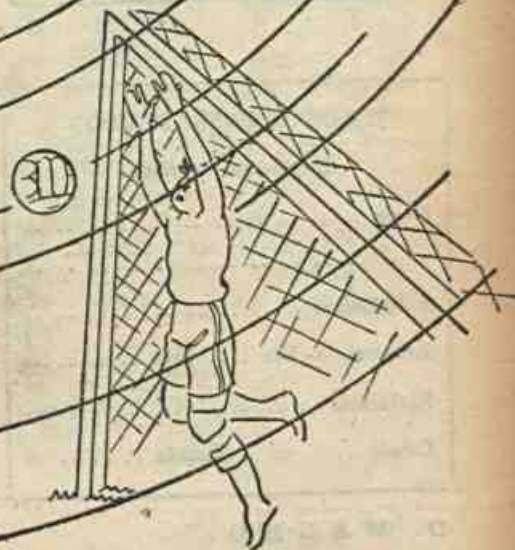
O PONTO CHIC HOTEL é a continuação do seu lar. — Situação privilegiada de onde se desfruta maravilhosa paisagem sobre o Parque, Lago e as montanhas. —

Informações pelo telefone 49 — São Lourenço, ou no Rio — 25-8172, com Mme. Calazans.



RÁDIO CRUZEIRO DO SUL DE SÃO PAULO

Não deixe de ou-
vir as irradiações
esportivas da Rá-
dio Cruzeiro do
Sul, em 1.200 ki-
lociclos.



JOGOS E PASSATEMPOS

Direção de Chô - Chô

2.º TORNEIO — Maio - Junho, 1950

2.ª Parte

☆

CHARADAS NOVÍSSIMAS

20

2-1 — Com habilidade e destreza armei a vela mestra do navio.

Malves — Rio

21

2-2 — A objecção só foi mencionada depois da impugnação.

Miss Tila — Rio

22

2-2 — Não há perigo, fricção a pele com esta pomada e verá que o mal é transitório.

Sefton — Rio

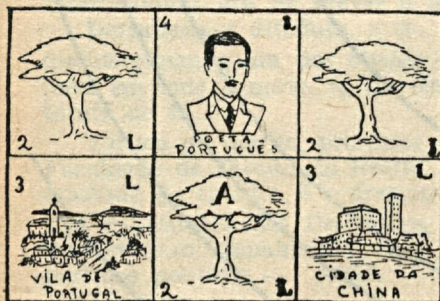
23

1-2 — Sem complicação, consigo realizar bem os meus negócios.

Fusinho — C. E. C. — Rio

☆

ENIGMA PITORESCO — 24



Na Fé ha.
Abari.

JOGOS E PASSATEMPOS

Cupão de Inscrição

Nome

.....

Pseudônimo

Aniversário - Dia Mês

Residência

Cidade Estado

CHARADAS SINCOPADAS

25

3 — Você afirma que se trata de um estradeiro, entretanto, ele sempre me pareceu um zote. 2

Zytho — Rio

26

3 — É um espetáculo cômico ver um homem fazer sopa de seixo. 2

Major Agá — Itajubá

27

Ao João Fogaça

Calabreadura, afianço, matei — 3
E de um modo muito desumano,
Quando a pontaria executei,
Tombou sem vida, seu pobre engano. 2

Alvasil — Salvador

28

3 — Não há argumentos para quem vive de embustes. 2

Sfton — Rio

☆

CHARADAS AUXILIARES

29

Agradecendo ao Fusinho a sua "esgarapatana".

+ TA = Guarda
+ TA = Seca
+ TA = Malôgro
+ TA = Dose

conceito: Agradável.

Zytho — Rio

30

"A Miss Tila, pelo seu regresso"

+ DO = Terror, receio.
+ MI = Planta da fam. Urticáceas
+ TI = Enganei
+ LA = Quadro

conceito: Simplesmente.

Chô-Chô — Rio

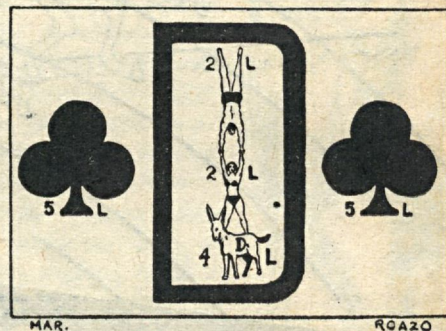
31

+ NA = Impeto
+ NA = Alcoviteira
+ NA = "Medida"
+ NA = Superfície

conceito: Defensivo

Paraná — Rio

ENIGMA PITORESCO — 32



33

A confrade Nãva

Diz D. "Mariquinhas" (10-2-7-11), que a rainha dos deuses (4-5-7-2) já (3-6-8-9) não impera sobre (1-11-3-8-7-6) o seu marido.

Anda ele, com a mania de conquistar todas as mulheres do império.

Ralvo Ilvas — T. G. — Rio

34

Numa cena do despacho, quando o benzedor (1-2-3-4) invoca a alma do caboclo com o ser humano (4-5) de um lado (1-4), logo surge o pai-de-santo em estado de embriaguez (1-5-2), brandindo foga de ponta.

Elves — Vitória — E. Satno

LOGOGRIFO EM VERSO

35

Num hotel do interior,
Um "homem" que lá dormia, 4-2-6-1-3
Pedi ao criado o favor
De acordá-lo, antes do dia.

Tomou "nota" o serviçal, 7-8
Para não fazer tolice,
Pois era um bom "animal", 5-6-1-9-4
Mais que forte na burrice, 6-7-6-5-8-9-10

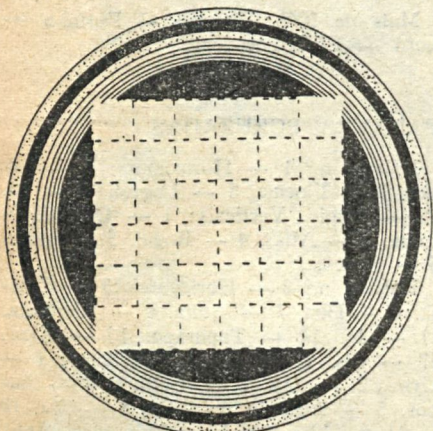
Antes do galo cantar,
Bateu no quarto chamando,
Indo ao hóspede avisar
O que se estava passando.

— Não foi o senhor que pediu
Para cedo lhe acordar?
— Sim, diz o hóspede que viu
Estar na hora de embarcar.

— Desculpe ter importunado,
Mas eu venho lhe prevenir:
— Pode dormir sossegado,
Que o seu trem já vai partir...

João Fogaça (Mendes)

Enigma N.º 3 — Radge — G. C. N. — Recife.

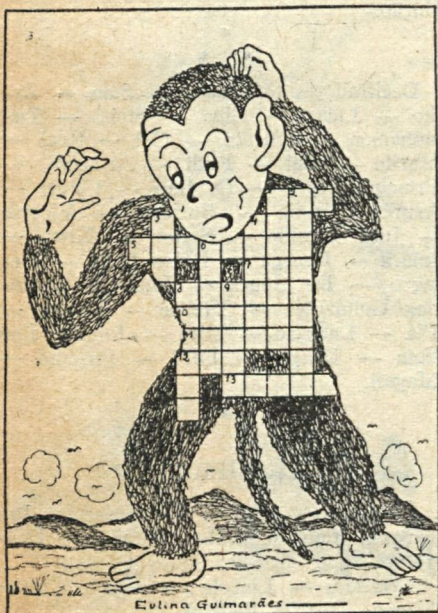


Horizontais — 1 — Ciência oculta. 2 — Veneram. 3 — O balido da ovelha. 4 — Pousar sobre a água do mar, de rio, etc. (hidroplano). 5 — Gênero de vermes aquáticos ápodes. 6 — Fragrâncias.

Verticais — 1 Colmado. 2 — Abater-se. 3 — Farnel. 4 — Formaram. 5 — Assuada, tocando em latas velhas. 6 — Namôro.

☆

Enigma N.º 4 — Eulina Guimarães — Rio.



Horizontais — 1 — Cachaça de mau gosto. 4 — Governanta de padre. 5 — Originar. 7 — Período. 8 — Ave do Perú e Abissínia. 10 — Estilo. 11 — Sustentem. 12 — Cacique. 13 — Vinte mãos ou 500 folhas de papel.

Verticais — 1 — Aflicção. 2 — Trouxa que se adiciona à carga de um animal. 3 — Ódio. 4 — Cobrir de água. 6 — Fazenda de algodão que se fabrica na Inglaterra e é muito usada na costa d'África. 8 — Lenha seca que não lança fumaça. 9 — Ameaçar ruína.

LEIAM

ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA
DE MAIO

CURIOSIDADES

Charadísticas

XVIII

Responde:

ZILAH BASTOS SEABRA



Abrilhamtam nossa Galeria deste mês as simpáticas expressões de nossa inteligente confrade, Srta. Zilah Bastos Seabra, criteriosa diretora das secções "Tratatos à Bola", de "O Átomo" e "Palavras Cruzadas", do semanário "Fon-Fon".

Nome? — Zilah Bastos Seabra.

Data do nascimento? — dia 11 de Dezembro.

Nacionalidade? — brasileira. Naturalidade? — Monte Azul, (Est. de São Paulo).

Há quanto tempo se dedica ao charadismo? — Há dez anos.

Com referência a tudo que se diz enigma, qual o gênero que prefere? — Prefiro o gênero de PALAVRAS CRUZADAS, minha especialidade, por ser o mais cultural e, portanto, o mais proveitoso — a meu ver, é claro... Basta observar que os espíritos mais profundos, que nem sempre aceitam as charadas, dedicam especial atenção às palavras cruzadas.

Quais as secções cruzadistas que dirige? — Duas: a da revista "Fon-Fon" e a do periódico "O Átomo".

O que mais aprecia numa secção charadística? — Uma orientação coerente, honesta e firme, principalmente no trato do idioma.

Que acha estar faltando ao charadismo brasileiro para sua completa finalidade? — Maior união de todos os componentes da grande família charadística, sem veleidades pessoais de qualquer espécie.

Quais os diletantes que mais aprecia? — São tantos e tão brilhantes os elementos que se dedicam ao charadismo, que prefiro não destacar nomes.

Poderá nos dizer por que se fez charadista? — Graças à iniciação que recebi de meu saudoso pai, Dr. José Viana Seabra, médico que fez da medicina seu apostolado e que sempre achava tempo para as recreações de ordem cultural.

Já experimentou alguma emoção no charadismo? — Sim, e muito grande: a de notar como lucrou minha cultura geral graças a essa "brincadeira"...

Já teve alguma decepção? — Cartas "amáveis"... Não é certo que nem Deus consegue agradar a todas as criaturas?

Na sua opinião, quais os dicionários e livros especializados devem ser adotados em todas as secções charadísticas? — Eis uma questão delicadíssima... Quanto aos dicionários, a rigor, não há um só que mereça o epíteto PERFEITO. O de Simões

da Fonseca, geralmente adotado, é obsoleto, e necessita de urgente atualização sob vários aspectos. Gramaticalmente falando, tem erros imperdoáveis. Quanto aos livros especializados em charadas, há muitos interessantes pelos atrativos que contém. No concernente a palavra cruzadas, entretanto faz-se imperioso CITAR AS FONTES DE CERTOS VOCABULOS DUVIDOSOS. Mas, como se vê, a questão daria assunto para um Congresso de Cruzadismo... Resumindo: convém aceitar o que está, até que se imponha a necessidade INADIÁVEL de uma conferência entre os líderes do charadismo pátrio.

Acredita na vitória do charadismo sobre qualquer outro gênero de passatempo? Acredito, pela razão de ser proveitoso ao preparo intelectual dos que a ele se dedicam. Os outros divertem, apenas...

Qual o maior proveito que acha se pode tirar da prática do charadismo? — O enriquecimento da cultura geral, especialmente no respeitante às palavras cruzadas. Mas a verdade é que se impõe estudar a possibilidade da realização de um Congresso, ou que outro nome tenha, para limitar certos abusos. O exercício das cruzadas exige noção de responsabilidade por parte de todos quantos lhe dedicam suas horas de lazer. Creio que os líderes poderiam organizar um dicionário enciclopédico, reunindo o que há de "definitivamente bom" nos dicionários comuns: Simões, Cândido, Seguíer, Pequeno Brasileiro, etc. A cada um seria distribuída uma parte, o que tornaria possível a realização do empreendimento. Sonho? Pode ser, mas é draconiana a adoção exclusivista do Simões e do Pequeno Brasileiro, que geralmente adotamos em nossas secções de jornais e revistas cariocas... Tudo evolui, e o estado atual dos conhecimentos reclama a atualização das obras indicadas. Espero que outros, mais capazes, indiquem a solução do problema.

No próximo número:

L I D A C I

O M A I H O

SOCIAIS CHARADÍSTICAS

Nascimento

Acha-se festivo o lar do nosso prezado colaborador Cid A. Corrêa (El-Campeador) e de sua Exma. Consorte, com o nascimento de sua filhinha Margarida Maria, ocorrido em 7 de Abril de 1950. A galante pequerrucha e seus felizes pais, flossos votos de perenes felicidades.

☆

CASAMENTO

Consoiciaram-se em 25 de Março de 1950, o nosso confrade Edésio Pimentel (Edpin) e a Srta. Elza Rodrigues, residentes em Vitória de Santo Antão, Pernambuco.

Ao jovem casal, os nossos parabens e votos de ininterruptas felicidades.

☆

CORRESPONDÊNCIA

Miss Tãa (Rio) — Seu retorno ao nosso convívio é, para nós, motivo de grande satisfação. Agradecemos a preciosa colaboração e vamos publicá-la aqui e em "Seleções Charadísticas".

Boneca (Rio) — Infelizmente não poderemos aproveitar a colaboração enviada. Além da excessiva quantidade de termos geográficos, plantas e aves, a disposição interna do desenho apresenta quatro problemas, o que é contrário ao critério que adotamos. Aproveitamos-nos deste ensejo para sugerir a todos os nossos confrades preferência para a vasta sinonímia de nossa língua, o que valorizará muito as colaborações charadísticas.

Sapi (Rio) — Recebemos as soluções do "Grande Torneio de Aniversário". Quanto a nota final, foi realmente um "cochilo" nosso, apesar de termos recusado inúmeros trabalhos naquelas condições. Aceitamos a crítica construtiva com o mesmo prazer dos elogios. Portanto, pôde atirar a primeira pedra...

Malves (Rio) — Gratos pela valiosa colaboração. Já procedemos sua inscrição.

COLABORAÇÕES

Recebemos e agradecemos as preciosas colaborações enviadas para esta seção e "Seleções Charadísticas" pelos seguintes confrades Alô-Tropina (Rio); Roazo e Dr. Zangado (S. Luiz); Paraná Ralvo Ilvas, Guimeres, Malves, Sefton, Arnaldo Nunes e Miss Tila (Rio); o Sineiro (S. Paulo) Helio Florival (Piracicaba); Alvazil (salvador) e Juca Pirolito (P. Alegre).

SERVIÇO DE SUPERVISÃO DE SEGUROS

Corretagem técnica para toda modalidade de seguros, no Brasil e no estrangeiro, junto a qualquer companhia.

Lisura — Pontualidade — Orientação e defesa dos segurados.

HEITOR BELTRÃO e AUGUSTO REIS, diretores
Travessa Ouvidor, 27 — 2.º andar
Telefone: 43-1392

Juca Pirolito (P. Alegre) — Verificamos que em nosso arquivo não existe o soneto "união sublime". Não terá havido equívoco?

Violeta (Recife) — Já atendemos o seu pedido, aliás, com muita satisfação.

Agrada-nos saber que a nobre colega aprecia as "Curiosidades Charadísticas". Como já possuímos sua fotografia, gostaríamos que nos remetesse também suas respostas à nossa "enquete".

INSCRIÇÃO

Registramos com imenso prazer, mais as seguintes: O Sineiro ((S. Paulo); Milon (Recife); Rochedo (Juiz de Fora); Iranydes Costa (Rio); El Musa e Teli-no (Rio); Dr. Jotoracio (Vitória de S. Antonio).

3.º TORNEIO — Maio - Junho, 1949

SOLUÇÕES

1 — Arrojo. 2 — Cafanguda. 3 — Timbroso. 4 — Fazer espécie. 5 — Bestialógica. 6 — Futricada. 7 — Sorongo-a. 8 — Fardo-a. 9 — Monteiro-a. 10 — Fora-o. 11 — Tempo é remédio. 12 — Briquitabritar. 13 — Legado-lêdo. 14 — Réprobo-rebo. 15 — Bagata-bata. 16 — Chamiço-chão. 17 — Investida. 18 — Almagesto. 19 — Campos Elisios. 20 — Maravediada. 21 — Filustria. 22 — Deslumbramento. 23 — Desfigurada. 24 — Como te curas-duras. 25 — Apagar. 26 — (anulada). 27 — Bem-bom. 28 — Caça-fecho. 29 — Camanho. 30 — Termogênese. 31 — Barroco-a. 32 — Quedo-a. 33 — Pinta-o. 34 — Com os amigos, come. 35 — Formica-forca. 36 — Badalão-balão. 37 — Caraca-caca. 38 — Leproso-leso. 39 — Baralhas-balas. 40 — Pitauá-piã. 41 — Ladrado-lado. 42 — Jiquipanga. 43 — Compustura. 44 — Casal. 45 — Cacifro. 46 — Anagnoto.

Decifradores totalistas: Zytho — João Fogaça — Myself — Dr. Fú-Manchú — Lô — Alvorço — Suely — Gina — Sinhô — Lidaci — Tutankâmon — Lincoln — Oel — Roal — Murilo — Sial — Al-Mára — Ruth — Príncipe Negro — O. Janz — Ueniri — Asurêa D'avila — Burindan — Violeta — Juca Pirolito — Sefton — Xisto — Imára — Ronega — Ral-

vo Ilvas — Melagro — Jotoledo — De Souza — Eulina Guimarães — Sam — Yvelise — Lutercio — Pla — Paraná — Flavio — Mira — Johanes Latium.

Mais de 50%: Deagai — Fusinho — Lord — El-Campeador.

PALAVRA SCRUZADAS

Enigma n.º 1 — Horizontais: 3 — Arrais. 7 — Floema. 8 — Logrou. 9 — Al. 10 — Salcio. Verticais: 1 — Orlo. 2 — Lima. 3 — Aflas. 4 — Rogal. 5 — Aerio. 6 — Saucio.

Enigma n.º 2 — Horizontais: 3 — Crosa. 6 — Dun. 7 — Atum. 9 — Alambica. 11 — Io. 12 — Tupurapo. 16 — Erar. 17 — Gis. 18 — Alódio. Verticais: 1 — Urna. 2 — Asti. 3 — Cultura. 4 — Sabor. 5 — Aucupio. 6 — Da. 8 — Ma. 10 — Miuro. 12 — Te. 13 — Pali. 14 — Agio. 15 — Os. Enigma n.º 3 — Horizontais: 4 — Galanas. 7 — Lazer. 8 — Dag. 9 — Rem. 10 — Nazis. 12 — Atresia. Verticais: 1 — Braz. 2 — Galante. 3 — Mare-sia. 5 — Lagar. 6 — Neris. 11 — Zebú. Enigma n.º 4 — Horizontais: 1 — Rim. 3 — Asa. 6 — Aa. 8 — Cem. 9 — Sirga. 12 — Era. 13 — Traipu. 15 — Rir. 16 — Implantar. 17 — Tau. 18 — Içada. 19 — Una. 20 — Adar. 21 — Iam. 22 — Oa. 23 — Ama. 24 — Sum. Verticais: 1 — Restitua. 2 — Marapuama. 3 — Acertadas. 4 — Seriad. 5 — Amarraram. 7 — Agil. 10 — Irmanam. 11 — Apaí. 14 — União.

Decifradores totalistas: — Sam — Zytho — Lidaci — Gina — Sinhô — Tutankâmon — Lincoln — Oel — Roal — Murilo — Sial — Ruth — Al-Mára — Príncipe Negro — O. Janz — Ueniri — Asurêa D'avila — Buridan — Violeta — Juca Pirolito — Sefton — Xisto — Imára — Ronega — Ralvo Ilvas — Melagro — De Souza — Jotoledo — Eulina Guimarães — Yvelise — Paraná — Pla — Lutercio — Mira — Johanes Latium — Deagai — Lord — Fusinho — Magali.

CLASSIFICADOS

Charadas — Zytho, D. Federal; Johanes Latium, Curitiba, Paraná; e Deagai, Campo Grande, Mato Grosso.

Crusadas — Lincoln; Ronega e Tutankâmon, Distrito Federal.



Um livro que é um
tesouro de encan-
tamento e bom
humor

"A Namorada do Sapo"

de SEBASTIÃO FERNANDES

(2.ª edição)

Páginas alegres e empolgantes que prendem
a atenção de todas as crianças.

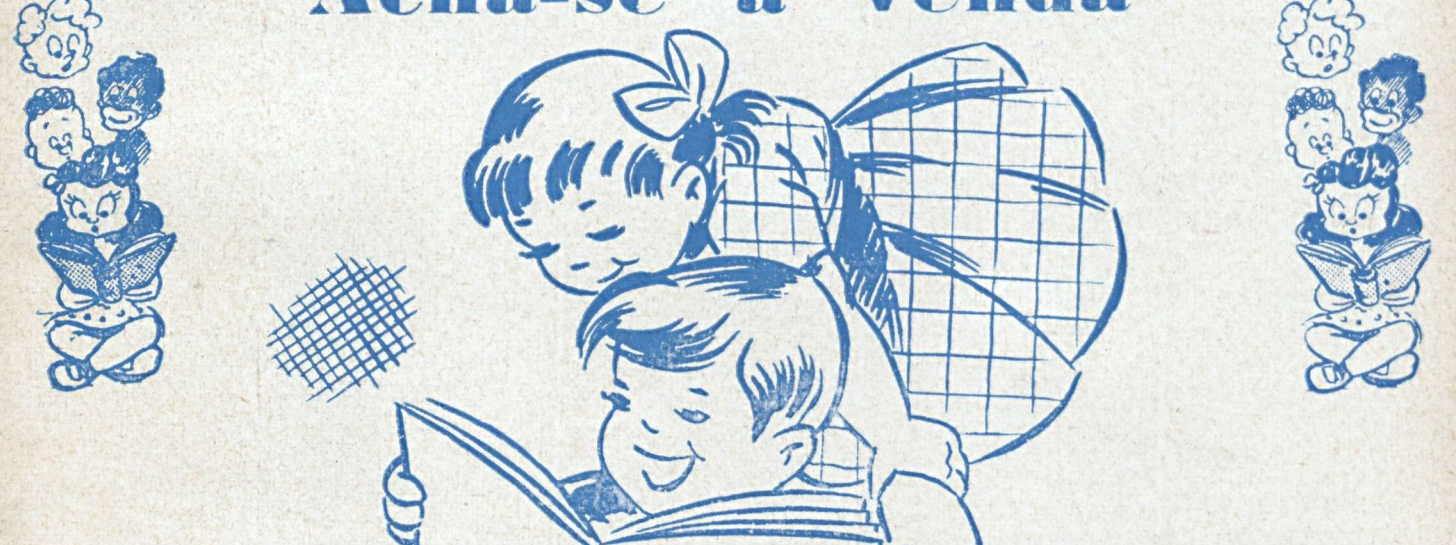
PEDIDOS A L. A. "O MALHO" — RUA SENADOR DANTAS, 15
5.º ANDAR — RIO

Fazemos remessas pelo Recembolso Postal.

PREÇO CR\$ 10,00



Acha-se à venda



TIQUINHO



UMA REVISTA DIFERENTE
PARA OS "TIQUINHOS" DE GENTE.

32 PÁGINAS ALEGRES
LINDAMENTE COLORIDAS.
NO DIA 15 DE CADA MÊS.



O MAIS

DIFÍCIL

FIGURINO, NÃO TEM MAIS SEGREDO

para mim!

MÉTODO DE CORTE E ALTA COSTURA "TOUTEMODE" DE ENSINO SEM MESTRE

AUTORIA DO PROFESSOR J. DIAS PORTUGAL

O Método "Toutemode", organizado e impresso em belíssimo livro, magnificamente encadernado, contém cerca de 400 figuras, que esclarecem com facilidade a execução de qualquer modelo de figurino, por mais difícil que pareça, acompanhando o texto com claras e simples explicações.

Lições completas sobre vestidos, golas, mangas, pijamas, casacos simples e de "tailleurs", "manteaux", roupas de crianças, roupa branca de senhoras, pontos de adorno e roupa branca para homem.

O preço de cada exemplar do livro, com excelente encadernação, é de Cr\$ 120,00.

A venda em todas as Livrarias do Brasil.

PEDIDOS AOS EDITORES: — "S/A. O MALHO" Rua Senador Dantas, 15, 5.º andar. Caixa Postal, 880 — RIO
Enviamos pelo Reembolso - Postal.

O Prof. J. Dias Portugal, autor desta importante obra, mantém Cursos por Correspondência e nas Academias "Toutemode", com diplomas para Modistas e Professoras. R. Ramalho Ortigão, 6, 1.º andar. Telefone 22-8635 — RIO DE JANEIRO